

dois guindastes e carris, por onde, em vagonetes, se transportam as mercadorias das lanchas á alfandega. Eu aqui commetti um erro de grammatica, escrevendo o verbo transportar no presente do indicativo, quando no condicional é que era.

*Transportariam*, se houvesse pessoal para isso; mas não *transportam*, porque o não ha.

Tem a cidade um templo decente, e um cemiterio bem collocado e murado.

A povoação europea é cercada, por todos os lados, de *senzalas*, ou povoações de pretos, e mesmo entre a povoação branca ha pequenas *senzalas*, em quintaes abandonados. O seu aspecto geral é agradável e acciado.

Tem Benguella má fama entre as terras portuguezas de Africa; e suppõem muitos, ser aquillo um paiz infecto, que exhala de miasmaticos pantanos a peste, e com a peste a morte.

Não é assim. Eu não conheci Benguella como ella fôra em tempos passados; mas hoje, não é nem melhor nem peor do que outros muitos pontos d' Africa.

O accio e as plantações de arvoredo, de certo tõem modificado muito as suas anteriores condições hygienicas, e com uma pouca de boa vontade, não seria difficil o seu saneamento; o que estou certo se fará, porque não pôde deixar de merecer verdadeira attenção um ponto de tão subida importancia commercial, e em facil contacto com tão ricas terras nos sertões.

Os principaes productos que alimentam o commercio de Benguella são: cêra, marfim, borracha e urzella, que chegam á cidade trazidos pelas caravanas dos sertões. Estas caravanas são de duas especies. Umas, dirigidas por agentes das casas commerciaes, trazem ás mesmas casas que os despacham os productos do seu tráfico no interior; outras, exclusivamente compostas de gentio, descem a negociar por conta propria, onde melhor ganho encontram.

O tráfico com o gentio faz-se por permutação directa do genero por fazenda de algodão branco, riscado ou pintado. Os outros productos europeus são objecto de uma segunda permutação pela fazenda recebida; e assim, depois da primeira troca do marfim ou cêra pelo algodão, é este trocado por armas, polvora, aguardente, missanga, etc., á vontade do comprador; porque a fazenda de algodão é, por assim dizer, a moeda corrente n'este tráfico.

O commercio está entre mãos de europeus e crioulos, e felizmente já ali encontramos mui-

tos d'esses rapazes que, aventureiros, deixam patria e familia, para ir em terras longinquoas buscar fortuna.

Alguns deportados de menor importancia tambem negociam, já por conta propria, já como empregados de casa alheia.

Os maiores criminosos do reino, condemnados por toda a vida, são deportados para Benguella, do que resulta, encontrar-se ali quantidade de patifes, de que é bom resguardar-se; não os confundindo com a gente digna e capaz, que a ha.

A policia é confiada á força militar, que um dos regimentos destaca para Benguella; sendo que de Benguella ainda são espalhadas diferentes forças nos concelhos do interior; desfalcando a guarnição da cidade, já de si pequena.

Nós temos dois exercitos, um na Metropole, outro nas colonias, que nenhuma relação tõem entre si.

O nosso exercito da Metropole é bom, porque o portuguez é bom soldado; o nosso exercito das colonias é mau, porque o preto é mau soldado; e os brancos que ali servem de mistura com pretos, são peiores ainda do que estes. Deportados por crimes que os excluíram da sociedade, fazendo-lhes perder na Europa o fôro de cidadãos, vão desempenhar em Africa o posto nobre do soldado; sendo a nossa autonomia africana, e a segurança publica e particular, confiada á defeza de homens, que dão por garantia um detestavel passado.

D'ahi as continuas scenas de character vergonhoso que se presenciam ali. Durante a minha permanencia em Benguella, houve um grande roubo com arrombamento, no cofre militar. O governador houve-se com a maior energia na maneira porque procedeu para descobrimento dos culpados, sendo muito coadjuvado pelo seu secretario, o capitão Barata, que conseguiu descobrir os ladrões, e haver o dinheiro roubado. Fôra o roubo planeado pelo proprio sargento do destacamento, e levado a effeito por elle e alguns soldados!!!

Se o nosso exercito metropolitano não se presta á censura do homem mais pichoso, as nossas forças coloniaes são victimas das merecidas chufas de todos os estrangeiros, que as observam.

Por mais que tenha cogitado, nunca pude attingir ao prestimo de tal exercito em nossas colonias, que para policia não serve; servindo menos para a guerra, que da minha lembrança te-



DUAS MORTES COM UM SÓ TIRO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

nho visto ser feita por corpos voluntarios, levantados no reino, e que além vão servir por certo praso. Hoje mesmo, em Lisboa, tres batalhões estão sempre promptos a marchar para as colonias, e já lá têm ido; o que prova sabermos nós, que o ter exercito no ultramar, tal como elle é, não passa de velha costumeira.

Na noite da minha chegada a Benguella, fiz o conhecimento do juiz de direito Caldeira, que se associou ao governador para me certificar, que, como elle, empregaria toda a sua influencia para que eu não tivesse vindo de balde a Benguella, e assim o fez.

O governador convocou os moradores importantes a uma reunião em sua casa, e expondo-lhes os motivos da minha viagem, e o meu projectado itinerario, pediu-lhes que o coadjuvassem na empresa de arranjar carregadores, para que eu podesse levar a cabo a expedição. Todos assim o prometteram.

O governador Pereira de Mello e o juiz Caldeira, foram incansaveis, e no dia 17, dia em que este ultimo se retirou para Lisboa, tinha eu o numero de carregadores que pedira, cincoenta, que, com trinta esperados de Novo Redondo, prefaziam um total de oitenta; tantos quantos eu

havia julgado precisos para subir da foz do Cunene ao Bihé.

O velho sertanejo, Silva Porto, encarregara-se de fazer transportar ao Bihé o grosso das bagagens, que nós encontraríamos n'aquelle ponto, onde deveriamos contratar mais carregadores para seguir ávante.

Nesse dia mudei eu para a casa que antes occupava o juiz, continuando a ir jantar com o governador, ou com Antonio Ferreira Marques, da casa Ferreira e Gonçalves, que porfiavam em obsequiar-me.

No dia seguinte, um preto meu serviçal furtou-me uns 75\$000 réis, e desapareceu, sem que d'elle mais se soubesse.

A 19 chegaram os meus companheiros na canhoneira *Tamega*, e n'esse mesmo dia resolveu-se, que não iriamos á foz do Cunene, mas sim entrariamos directamente ao Bihé.

Esta nova resolução que tomamos, alterava o que havia contratado com os carregadores, e além d'isso, a gente de Benguella, que, transportada a paiz distante, não pensaria em desertar, não me inspirava garantia, viajando logo no começo em paiz de que conhecia a lingua e os costumes.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 5)

**N**O EGYPTO dá-se tambem o mesmo phenomeno de desenvolvimento dos cultos magicos com egual importancia como na Chaldêa; o fetichismo popular primitivo conserva-se na unificação politica a par dos cultos polytheistas, subordinados pelo sacerdocio em triadas allegoricas e moraes. Esse fetichismo é mesmo um vestigio da independencia local dos antigos nomos ou cantões unificados em uma nacionalidade sob o predominio religioso de Phtah. É certo que na religião do Egypto se acham os restos de um culto *solar*, correspondente a uma primitiva população turaniana, e um culto *lunar* preponderante e peculiar do siderismo kuschita. A decadencia d'esse culto solar da importancia religiosa é que o torna accessivel ás transformações da imaginação popular, que o tratou como objecto de poesia; é sobre os restos de mythos solares que se formaram os elementos da epopêa

osiriana, e que a Magia se tornou essencialmente medicinal, concepção correlativa á das causas occultas das doenças. A Religião no Egypto toca os dois extremos: a activa especulação mental que leva ao allegorismo mystico, e á absoluta conservação nas superstições populares. Uma causa ethnica explica-nos o porquê fundamental do maior desenvolvimento dos cultos magicos na Chaldêa e no Egypto; estas duas grandes civilizações basearam-se sobre um fundo proto-historico de raças amarellas, cujo fetichismo desenvolvido produz, como se observa na China, a religião dos Espiritos; e ficando estacionario, por qualquer causa historica, conserva-se como superstição. Os gregos, os romanos, os judeus e os arabes reconheceram a Chaldêa e o Egypto como as fontes de toda a magia. Sabe-se a influencia da civilização accadica sobre as raças semiticas; sabe-se que as raças áricas se desen-

volveram também sobre um grande elemento ethnico turaniano; é portanto natural o poder determinar bases communs que expliquem a identidade das Superstições europêas, e o chegar um dia a reduzi-las a uma certa unidade. Os Romanos trouxeram para a Europa as ceremonias magicas do Egypto, bem como os Arabes as fórmas magicas da Chaldêa, e ambos estes povos civilizados influíram no desenvolvimento das nacionalidades do Occidente. Antes da entrada da raça árica na Europa, já ella tinha sido occupada por povos da alta Asia, de que os Bascos e Lapônios são os representantes degenerados; chame-se-lhe como quizerem, essa raça proto-historica persiste em grande parte ainda com caracteres anthropologicos e mais ainda com numerosos factos ethnicos. É d'esse elemento que vamos derivar as superstições mais antigas e por isso as mais geraes da Europa, para o que a Peninsula hispanica é um dos melhores campos de exploração. Por aqui passaram iberos, colonias egypcias, phenicias, carthaginezas e maurescas, bem como celtas e romanos, e de todos ficaram detritos persistentes por onde se apura a unidade das superstições fortalecidas por effeito de regressões provocadas pelas assimilações da mesma raça em differentes epocas. Por este ponto de vista se determina o methodo para o estudo e classificação das superstições, até hoje irreductiveis a toda a coordenação em systema.

O estudo das crenças dos selvagens baseado sobre as relações dos viajantes, leva a recompôr esse estado mental que os ethnologistas explicam sob a fórma das concepções animistas; o que para nós é uma metaphora mais ou menos poetica da linguagem, para o selvagem é uma realidade. As cousas têm uma alma, uma vontade, um influxo desconhecido sobre os actos humanos; esta concepção produz um sentimento vago de terror, e a necessidade de aplacar essas influencias malevolas por meio de actos que constituem um culto espontaneo. Tal é o *agouro*; comprehende esse terror instinctivo do desconhecido, como se observa nas populações atrasadas, e também as praticas de observancia rigorosa, que são as fórmas rudimentares da superstição. O agouro, pela sua simplicidade, pela sua independencia da intervenção de um qualquer sacerdocio, pertence a uma epoca social em que apenas existem cultos domesticos, variaveis de familia a familia, e em parte como segredo local; a sua multiplicidade não provém das especulações intellectuaes, como as que des-

envolvem os dogmas superiores, mas da complexidade dos actos individuaes submettidos ao influxo de agouro. É por isso que a quasi totalidade dos agouros são indicações do perigo pessoal, que se evita por actos negativos: *in non faciendo*. As superstições comprehendem varias camadas ethnicas correspondentes a diversos estados do grupo humano; a ter de seguir a sua evolução segundo a marcha das sociedades, o agouro é a fórma simples e primitiva anterior a toda a organização de culto publico. É entre os povos selvagens que se observa em toda a sua efflorescencia instinctiva este producto de apprehensões tanto mais fortes quanto o egoismo da conservação está mais proximo da animalidade, e quanto os dados racionaes estão longe de serem ampliados pela observação empirica. Ideias que se tornaram base moral de religiões superiores, como a metempsychose e a immortalidade da alma, provieram da concepção selvagem do animismo; o terror dos mortos, que se desenvolveu no culto dos maiores, e foi a primeira unificação moral da cidade, ainda se conserva no medo das almas do outro mundo, nas suas aparições e transmigrações, que formam o campo mais vasto dos agouros populares a ponto de ser recebido no catholicismo como um culto de suffragio. As relações intimas que existem entre os agouros dos selvagens e os dos povos civilizados da Europa, em uma concordancia pasmosa, devem explicar-se não só pela persistencia tradicional, porque um grande numero de costumes e de actos cannibaes ainda se manifestam perturbando a ordem social como regressão á actividade primitiva, mas também pelo determinismo moral provocado pela mesma ordem de concepções expressas pela designação de animismo. É a sua extraordinaria persistencia, ou como diz Tylor, a sua *sobrevivencia*, que faz com que o agouro mesmo alheio a toda a fórma cultural ou religiosa seja considerado um elemento da superstição, por onde o estudo d'esta deve ser encetado. Como um phenomeno de paleontologia moral esta parte das Superstições determina-se na sua maior amplitude e simplicidade nos seguintes estadios humanos: o selvagismo, o barbarismo, e o paganismo.

Cada uma d'estas categorias da especie tem a sua importancia, que a ethnologia distinguirá de futuro; no selvagismo o costume, seja qual for a sua manifestação, é espontaneo, alheio a todo o contacto de outras raças ou sociedades; no barbarismo, ha já um começo de cultura prove-

niente de encontro com outros povos, apropriando os seus usos ás suas condições inferiores; o paganismo, significa a vida de isolamento dos campos, (dos *pagi*, da idade media) e presta-se pela falta de estimulação social á regressão dos costumes e crenças primitivas. Os padres da egreja prejudicaram este nome usando-o como condemnação dos usos e crenças polytheistas, que durante a idade media prevaleciam nas povoações ruraes; para evitar este inconveniente substituímos no seu emprego ethnologico pelo *vulgarismo*. É n'estas trez camadas humanas que se deve fazer a exploração dos *agouros*, como fórmulas simples e individuaes das superstições. As relações da vida vegetal com a humana, que persistem na crença e no costume de plantar uma arvore quando nasce uma criança, apparecem em uma superstição popular açoriana, commum á India, ao Mexico e á Germania. Na ilha de S. Miguel quando vae um rapaz para o Brazil, ou para as baleeiras americanas, pendura-se ao *canto* da casa uma pequena planta de piteira, a que nos Açores se chama babosa; se a planta se conserva verde, é porque o ausente está de saude, se amarellece é porque morreu. Max Muller notou este uso supersticioso em uma tradição da America central, em que dois irmãos deixam plantadas duas canas, para durante a ausencia se saber por ellas, se estão vivos ou mortos; no conto allemão colhido pelos sabios Grimm, são dois lirios d'oiro, que dirão se os ausentes passam bem se florescem, ou se morreram, no caso de murcharem. Grimm determina um paradigma indiano, o que leva a reportar esta crença, não a uma origem indiana, mas a um solo proto-historico representado pelas raças da America, e pelo elemento peninsular das colonias açorianas. Lubbock, nas *Origens da Civilização*, (pag. 21) fala do pasmo que o selvagem tem pela *escripta*; ainda entre o povo portuguez a *letra redonda* tem um grande prestigio de veracidade; as Orações escriptas são trazidas em bolsinhas com poder talismanico, e os cantos raramente os deixa escrever com receio de sortilegios contra a pessoa que os dita. Lubbock, fazendo estudos comparativos sobre as religiões dos selvagens, chega á conclusão importante: «Assim os nossos homens do campo e as classes mais ignorantes das nossas grandes cidades, acreditam ainda na magia; as divindades dos nossos antepassados sobrevivem ainda nos contos das crianças. É pois inevitavel o encontrar em cada povo vestigios, que digo, mais

do que vestigios das antigas religiões.»<sup>1</sup> Iremos seguindo os factos compilados systematicamente por Lubbock; em todos os povos selvagens os sonhos são uma revelação immediata dos manes ou almas dos antepassados ou dos espiritos. Durante a idade media vigorou a arte de interpretar os sonhos, e ainda hoje como nota Tylor, é este assumpto um dos ramos de exploração mercantil das folhas volantes. As superstições dos sonhos são abundantissimas no povo portuguez, e por isso apontaremos a mais caracteristica; o *pezadello*. Entre os selvagens da Australia, o *pezadello* chama-se *Koin*; agarra o homem que está dormindo, leva-o comsigo sem que o paciente possa gritar, mas ao alvorecer desaparece, e a pessoa acha-se na sua cama descansada.<sup>2</sup> A idade media fez d'este mal estar das grandes digestões um largo ramo da feiticaria dos *incubos* e *sucubos*. Na ilha de Sam Miguel chama-se-lhe o *Pezadello da mão furada*.

A sombra projectada pelo corpo é entre os povos selvagens considerada como um espirito que acompanha o homem; nos pactos da idade media o homem perdia a sua sombra, que ficava pertencendo ao diabo, e na penalidade symbolica o homem banido perdia a sombra cavando-se no chão emquanto elle estava amarrado á picota ou ao póste da ignominia. Entre as superstições das provincias do Brazil encontramos esta, colligida pelo vigario de Victoria: «Na madrugada do dia de S. João Baptista, quem *não vê a sua sombra* ao chegar á borda de um poço ou fonte não vive o anno seguinte.» As pragas, tão frequentes em certas classes, como marinheiros e arrieiros, e que formam um ramo pittoresco da linguagem, bazeam-se sobre a crença em um espirito malevolo, que é preciso increpar com injurias. De uma cousa que se perdeu ou se destruiu, diz o povo: deu-lhe o *Tanglomango*. Em outro logar desenvolvemos este vestigio da superstição que se liga ás antigas raças da peninsula; segundo Lichtenstein, os Bechuanos attribuem ao deus do mal, a que chamam *Murimo*, todos os desastres que lhes acontecem, e «não hesitam em arremeçar-lhe toda a classe de injurias quando lhe acontece algum desarranjo, ou não satisfazem a sua vontade.»<sup>3</sup>

Durante a idade media o Diabo occupou na

<sup>1</sup> *Origines de la Civilisation*, p. 204.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 216.

<sup>3</sup> *Ap. Lubbock, op. cit.*, p. 210.

imaginação dos povos da Europa este papel da divindade maligna das raças selvagens, e devido a uma regressão provocada pelas invasões tartaras e mais tarde pelas explorações dos ciganos, foi facil operar-se esta incrustação, que ainda persiste nas classes infimas e se lhe chama o *inimigo*. Os Tartaros de Katschinlzi têm para si que o espirito maligno é mais poderoso do que o espirito do bem; <sup>1</sup> a Europa pensou assim durante seculos, e a maior parte das superstições populares baseam-se sobre esta concepção, sustentada pelo facto das doenças, que a gente de campo attribue ao máo espirito. Para os habitantes da Nova Zelandia, cada doença é produzida por um deus especial; na crença popular catholica os santos têm virtudes especiaes contra determinadas doenças, como Santa Apollonia contra as dores de dentes, Santa Martha contra as doenças da menstruação, Santo Amaro contra as doenças das pernas, S. Marçal contra os incendios, e assim por diante. Além das doenças attribuidas aos espiritos malfazejos, como entre os Cafres Kussas e os Kols de Nagpore, e entre os Chinezes, ha outras doenças produzidas pela vontade dos feiticeiros ou bruxas. <sup>2</sup> Esta ordem de doenças é tambem attribuida em Portugal a pessoas que tem *máo olhado*, ou que fazem *feiticos* e *carantulas* para prejudicarem a quem lhes

convem, ou mesmo aos gados e ás cearas. A esta superstição ligam-se muitas cerimonias esconjuratorias, cuja parte descriptiva levaria muito longe. Cook, na sua viagem ao Pacifico, nota entre muitos povos selvagens a crença de que os loucos estão possuidos da divindade, e são por isso respeitados; entre os Esquimãos os loucos tem character sagrado, <sup>3</sup> da mesma fôrma que os cretinos nas povoações ruraes da Europa e em Portugal. Entre os povos selvagens a morte é geralmente um effeito de magia; entre nós as crianças que morrem de consumpção, de rachitismo ou de afitos, são tidas como *embruxadas*, e a pessoa que morre afogada é em consequencia de que o genio maligno do mar tem de devorar todos os dias uma pessoa, como o ouvimos frequentes vezes na ilha de S. Miguel. Quando se pede algum milagre a S. Antonio, costuma-se amarral-o com uma corda, tel-o em exposição á janella ao relento da noite, ou conserva-o mergulhado em um poço, até que elle conceda o que se lhe pede; os selvagens de Kamtschatka insultam os seus deuses quando não cumprem o que se lhes pede; na Nova-Zelandia ameaçam o seu deus Atua, de que o matam e de que o comem, bem como o negro da Guiné espanca o seu fetiche. <sup>4</sup>

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

<sup>1</sup> Ibid., p. 220.

<sup>2</sup> Ibid., p. 222.

<sup>3</sup> Abb. Morellet, *Mythes et Legendes*, p. 262.

<sup>4</sup> Ibid., p. 225 e 226.

## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 1)

### XV

#### UMA REVOLUÇÃO CONSERVADORA

**N**O GRANDE conflicto que rebentou na egreja russa, as classes populares tomaram o partido dos frades e as classes instruidas o partido dos parochos.

Não tendo esposas nem filhos o *clero negro* vive fóra da sociedade. Os parochos ao contrario, ainda que tenham numerosos defeitos, recebem uma certa educação, vivem no mundo; e comparando os individuos, um a um, em cada grau hierarchico, nas duas classes, não se pôde

deixar de confessar que os parochos são superiores aos frades.

E comtudo o *clero branco* occupava uma posição muito inferior á do *clero negro*. Os seus membros formavam uma casta isolada, não podiam aspirar ás dignidades da egreja, não exerciam influencia alguma nos concilios. Depois de ter recebido as ordens um padre era unicamente padre toda a sua vida. Um frade podia ser superior d'uma communitade, archimandrita, bispo metropolitano. A esphera da acção do padre casado não ultrapassava a sua parochia; limitava-se a baptisar as creanças, a confessar as mulheres, a fazer casamentos, a rezar responsos



PADRE RUSSO — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

pelos defuntos, a dizer missas, a receber os magros honorarios, a apoquentar os aldeões para que lhes pagassem os dizimos. Era um frade que o tinha educado, era um frade quem o tinha nomeado cura, era um frade que lhe dirigia os seus trabalhos espirituaes e lhe dispensava elogios, ou censuras. Uma congregação de frades podia expulsal-o da sua parochia, mettelo na cadeia, arruinar-lhe completamente o seu futuro.

N'este anno (1869) algumas transformações se operaram, transformações de maior alcance que todas as que se tinham feito na igreja, desde o seculo de Pedro o Grande.

A iniciativa d'esta reforma deve-se ao actual imperador, que fez terminar a hereditariedade no sacerdocio e tornou a vida sacerdotal accessivel a todos. Até essa epocha o clero formára uma classe á parte, um corpo sagrado, uma ordem levitica, uma casta emfim. A Russia, como os Tartaros e os Israelitas, tinha familia de sacerdotes; todos os filhos de um padre eram obrigados a ordenarem-se. Este uso oriental desapareceu completamente. O clero foi libertado d'um jugo insupportavel e esta carreira abriu-se a quem para ella fosse digno. Homens que anteriormente eram forçados a tomar ordens são agora livres de exercer as profissões que preferirem; a massa enorme dos ecclesiasticos ociosos desapareceu e os estudantes pobres mais cheios de fé e intelligencia, poderão consagrar a sua vida á vida de sacerdocio. Esta grande reforma conseguiu-se menos pelos ukases especiaes, do que pela applicação de medidas de direito commum. Citarei um exemplo. Perguntava-se, se com o actual systema, a antiga regra—uma vez padre, toda a vida padre—teria ainda força de lei? A pergunta tinha uma importancia capital não só para os individuos, mas para a sociedade religiosa. Os frades removeram ceus e terra para obter que esta questão fosse resolvida, como antigamente, no sentido affirmativo. Não o conseguiram. Não se fez lei nova, mas praticou-se um facto que constituiu um precedente de sã doutrina.

O padre Goumilef, parcho na cidade Riazan, tinha sollicitado auctorisação de quebrar os votos e de poder entrar na sociedade civil. O conde Tolstoï, ministro d'instrucção publica, representante do imperador junto de Santo Synodo, soube persuadir os prelados de que dessem resposta favoravel ao requerimento. No dia 12 de novembro de 1869 (31 d'outubro), dia para sempre memoravel no calendario russo, Alexandre II

assignou o acto pelo qual Goumilef era auctorisado a abandonar a vida ecclesiastica. Todos os seus direitos de cidadão lhe eram concedidos e era-lhe permittido o desempenhar funcções publicas em qualquer provincia do imperio, exceptuando todavia a de Riazan, onde tinha exercido as funcções de parcho.

Uma nova lei, que tambem tende á abolição da casta sacerdotal, melhorou muito a posição dos filhos dos padres. D'ora ávante serão nobres os filhos dos diaconos e entrarão na classe burguesia.

Para esta empresa, d'elevantar o clero branco a um nivel social superior, o czar achou um poderoso auxiliar: foi Innocencio, eminente prelado que em Troïtsa desempenha a dignidade d'archimandrita e em Moscou a de metropolitano.

Innocencio passou na Siberia os primeiros annos da sua carreira ecclesiastica; missionava nas regiões selvagens, margens do lago Baïkal.

Corajosa e dedicada, sua esposa acompanhava-o por toda a parte; o ceu abençoou esta união, dando-lhes filhos; e este homem de Deus aprendeu junto da familia a fallar a linguagem do coração. Milhares de conversões coroavam os esforços d'este santo par. Por fim a sua nobre companheira succumbiu ás fadigas d'esta rude existencia. Innocencio sobreviveu-lhe para a chorar; mas não ficára só; os seus filhos, o seu orgulho, tinham-lhe ficado.

Quando a missão d'Irkoutsk foi elevada a bispado, os serviços prestados por Innocencio impozeram-se ao Santo Synodo. Não podiam recusar as honras de bispo a quem com tanta fé e zelo lhe desempenhava as funcções. Mas para receber a mitra era preciso tomar habito e o candidato, posto que viuvo, não queria fazer-se frade. Com uma grande coragem sustentou que se tinha excluido das altas dignidades sacerdotaes o clero casado, era unicamente por respeito por um antigo costume e não em virtude de qualquer canon da igreja grega. A todas as instancias dos frades elle respondia, que todos deviam trabalhar na vinha do Senhor com as qualidades que Esse lhes tinha dado. Por amor á paz cedeu; mas, ainda que tomou o habito, não sacrificou as suas convicções a respeito do celibato ecclesiastico.

Quando, ha dois annos, Philarète morreu, Innocencio foi pelo imperador designado para lhe succeder na dignidade d'arcebispo; de fórma que o actual archimandrita de Troïtsa, o metropolitano de Moscou, o mais elevado dignatario



da igreja russa, é tido, e não sem razão, como campeão do clero branco. Além d'isso Philarète tinha já encetado esse caminho a que tinha sido levado por um concurso de circunstâncias; nomeára director d'Academia ecclesiastica de Moscou um sacerdote que não era frade.

A treze legoas ao norte de Moscou ergue-se um planalto na vertente do qual está edificado o convento dedicado á Santissima Trindade, em russo Troïtsa. Este convento já conhecido do leitor passa por ser o mais rico do mundo, não só em reliquias e em imagens milagrosas, mas em vasos, em cruces, em lampadas e em corôas. A cadeira de S. Sergio, feita de prata sem liga, pesa um milhar d'arrateis; na igreja onde está este thesouro encontram-se esculpturas em relevo representando a Ceia do Senhor, em que as figuras, exceptuando a de Judas, são d'ouro macisso. Mas os peregrinos que affluem a Troïtsa não vão ali para admirar estes riquissimos objectos d'arte; a sua ambição é ajoelhar deante da Virgem milagrosa que outr'ora fallou com o santo frade Serapião. Agrupam-se em volta da imagem de S. Nicolau que, no anno de dolorosa memoria em que os polacos se tornaram senhores de Moscou e das planicies circumvisinhas, foi mutilado por uma bala. Maior numero ainda vae beijar a fronte de Sergio que fundou o convento e benzeu a bandeira de Dimitri, antes que este principe partisse a combater as hordes tartaras acampadas nas margens do Don. Sergio continúa a proteger os logares antigamente illustrados pelas suas virtudes; nunca o seu tumulo, que está proximo do mosteiro, foi calcado pelo pé d'um inimigo. Mesmo quando a grande cidade de Moscou succumbiu, o convento conservou-se intacto, defendido por uma força invisivel. Nunca os tartaros ali penetraram. Por muitas vezes os polacos tentaram destruil-o; forças numerosas o sitiaram por espaço de dezaseis mezes, resolvidas a d'elle se assenhorearem, fosse, qual fosse, o preço e tiveram de retirar vergonhosamente.

Durante a campanha de 1812 os francezes tentaram apoderar-se de Troïtsa, mas a divina protecção, que já repellira os polacos, salvou tambem d'esta vez o santuario. As tropas abandonaram o seu intento e o mosteiro mais uma vez logrou vencer.

Estes milagres aoreolaram tanto o santo, que muita d'essa gloria veio reflectir sobre a sua familia. Perto da estrada que de Moscou vae a Troïtsa existe a cabana onde viveu Hotkow. Con-

servam-se ahi as reliquias do pae e da mãe de Sergio e á sua memoria foi edificada uma igreja. Os peregrinos em caminho para Troïtsa param ali muitas vezes para resar sobre os seus tumulos.

— Já estiveste em Troïtsa? ouvimos nós perguntar a um peregrino, por um seu companheiro que caminhavam pela estrada.

— Sim, Deus louvado!

— Fez-te S. Sergio o que lhe pedias?

— Infelizmente, ainda não!

— Então foi, porque, quando passaste pelo tumulo dos paes, não fizeste caso d'elles; o santo está zangado contigo.

— Talvez. Mas na proxima occasião repararei o esquecimento e oxalá elle me possa ser perdoado!

Entre Moscou e Troïtsa construiu-se um caminho de ferro e bandos de peregrinos degenerados, sem fadiga, fazem-se transportar ao santo logar. Os mais piedosos fazem, como antigamente, a viagem a pé, rezando deante das capellas e dos cruzeiros, espalhados pelo caminho. A facilidade da locomoção em caminho de ferro augmentou a riqueza de S. Sergio, mas diminuiu a fé dos devotos.

No centro d'esta fortaleza sagrada, d'este santuario inviolavel, os frades fundaram um seminario, cujo superior tem uma grande influencia na igreja. Este importante cargo tinha sido sempre conferido a um archimandrita até ao dia em que Philarète o deu ao padre Gorski, padre muito instruido, escriptor de merecimento, que era uma auctoridade em pontos de tradição, ou de ceremonial ecclesiastico, mas que tinha o senão de não ser frade; a sua vasta erudição, o seu comportamento, a estreita amizade que o unia ao metropolitano venceram todas as difficuldades. Os proprios monges lhe perdoaram, logo que reconheceram que o padre Gorski levava uma vida santa, retirada, por assim dizer claustral.

Os frades não desconheciam as consequencias da concessão que faziam; este homem, de costumes monasticos, não tinha feito votos; introduziam o inimigo na praça, confiavam aos padres a educação do clero!

Ao seminario de S. Petersburgo foi tambem agora dado um superior que é padre casado, o padre Yanytcheff, cuja mulher ainda vive. Esta nomeação encheu d'esperanças e de susto os dois campos da igreja; o clero branco recebeu-a com gritos de surpresa e d'alegria, o clero negro esmagado de susto e de desespero.



PORTA DA RESURREIÇÃO, NA PRAÇA VERMELHA, EM MOSCOU — Desenho de E. Theronds, segundo uma photographia

O padre Yanytcheff, causa da luta ardente em que se debatem padres e frades, é novo e estudou no seminario de S. Petersburgo antes de ter obtido o grau de doutor na Universidade, onde, por concurso, alcançou uma cadeira de theologia. Depressa adquiriu uma grande popularidade, pois que as suas lições eram muito eloquentes, as suas maneiras sympathicas e as suas opiniões liberaes. Alguns prelados assustaram-se.

Yanytcheff, diziam elles, perturba o socego no espirito dos discipulos; obriga-os a ler e a pensar, coisas perigosas, que nada de bom podem produzir pois que arrasta os homens a duvida, esse flagello das almas.

Os esforços dos prelados obrigaram o Santo Synodo a intervir e o professor resolvido a não transigir com a sua consciencia, deu a sua demissão. Tendo casado retirou-se para uma ci-



CASA RUSSA DO SUL — Desenho de J. Moynet, tirado do natural

dade das margens do Rheno, onde exerceu o mister de parochio. As suas qualidades eminentes alcançaram-lhe a estima e a admiração de todos os que o conheciam, a sua reputação espalhou-se e quando se tratou de dar á joven princesa Dagmar, noiva do herdeiro do throno, um perceptor sabio, dotado d'espirito liberal, versado no conhecimento das linguas e da historia, foi no padre Yanytcheff que recahiu a escolha. A maneira como elle se desempenhou das suas delicadas funções creou-lhe a estima dos grandes; concluida a sua obra acompanhou para a Russia a princeza e o conde Tolstoï confiou-lhe o reitorado da Academia.

Com esta noticia os frades assustaram-se; o Santo Synodo protestou, o proprio metropolitano recusou o seu consentimento. Mas o conde Tolstoï manteve a nomeação e os prelados tiveram de reconhecer quão poderosa era na cõrte a influencia do seu adversario. Yanytcheff mostrou-se tambem prudente e por isso a perturbação produzida nos espiritos pela sua collocação vae-se desvanecendo e vão-se familiarizando com a ideia de deixar a educação dos padres confiada a um homem que tem esposa e filhos.

Uma vez entrada no caminho das reformas clericas, a cõrte tem n'elle andado com passos firmes. Os seus primeiros esforços foram diri-

gidos para as escolas e collegios; porque na Russia, como em toda a parte, o professor educa os discipulos á sua imagem e as ideias espalhadas do alto das cadeiras dos professores devem em poucos annos tornar-se a opinião dominante na egreja.

Recentemente o imperador promulgou um ukase, que é o golpe mais terrivel que os frades téem recebido; até aqui só os arcebispos tinham o direito de nomear os reitores do seminario; a nova lei tira-lhes esse privilegio e dá-o a uma commissão de professores, sendo a escolha rectificada pelas altas auctoridades ecclesiasticas. Este decreto levantou nos mosteiros um grande descontentamento. O proprio Innocencio, posto que partidario do casamento dos padres, poz-se do lado dos descontentes.

A primeira nomeação feita em virtude da lei citada teve ultimamente logar em Moscou. Quando a lei se publicou o professor Nocodemo, superior do seminario de Moscou, demittiu-se.

Todos sentiram que este proceder era um nobre exemplo de abnegação e se fosse possivel que um frade obtivesse os suffragios d'uma commissão liberal, sem duvida alguma que elle os teria obtido.

Mas a sua qualidade de frade impediu-o de ser escolhido. A commissão hesitou entre dois padres casados; o padre Blagocazumuf, professor no seminario e o padre Smirrof, director da *Revista Orthodoxa*. Innocencio pronunciou-se contra este ultimo; o outro concorrente foi preferido.

O que se faz em Moscou naturalmente será reproduzido nas outras cidades; de modo que, dentro em pouco, a educação da mocidade que se destina ao estado ecclesiastico estará nas mãos d'homens casados.

O principio da eleição estendeu-se tambem ao clero rural. Os que antigamente eram nomeados pelos bispos, são agora eleitos pelos parochos.

(Continúa.)

## OS DOZE DE INGLATERRA

### ESTUDO CRITICO-HISTORICO

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas  
Phantasticas, fngidas, mentirosas  
Louvar os nossos, como nas extranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas.

Pois pelos Doze Pares, dar-vos quero  
Os Doze de Inglaterra e seu Magriço...

LUS., I, est. 11 e 12.

#### I

**P**SNR. DR. Theophilo Braga revelou ao publico, por informações recebidas, a existencia na Bibliotheca do Porto, de uma relação do principio do seculo XVI sobre os *Doze de Inglaterra*, mas não pôde verificar a realidade d'ella <sup>1</sup>.

Houve com effeito uma relação do successo, não do principio do seculo XVI, mas muito anterior, porque é contemporanea do facto.

Conforme o mesmo senhor, é em Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Mémorial*, etc. (cap. 46.º), que pela primeira vez se acha citada a tradição dos *Doze de Inglaterra*. O numero dos cavalleiros portuguezes é porém ali elevado a treze.

Um outro escriptor do mesmo seculo é mais explicito. Mariz, nos seus *Dialogos de Varia Historia*, pela primeira vez publicada em 1594, referindo-se a uma relação contemporanea, *Chronica antiqua hujus temporis*, traz a seguinte narrativa, a mais explicita, e de certo a fonte de quantas conhecemos.

«Em tempo d'este rei (D. João I), aconteceu tambem aquelle grande feito em armas dos *Doze de Inglaterra*, a que o nosso Camões deu igual gloria á que mereciam. Porque sendo n'aquelle tempo em Inglaterra algumas damas do paço motejadas pelos cavalleiros inglezes de muito feias, e pouco para serem amadas, e taes, que nenhum cavalleiro por força de armas lhes ousaria contradizer isso, e mostrando ellas igual sentimento á magoa que tinham de não haver cavalleiros no reino, que com estes se ousassem combater, por serem os melhores e mais esforçados de todo elle. A isso acudiu o Duque de Lencastre que presente se achava, á petição d'ellas, dizendo-lhe estas palavras: «Eu em minha côrte não acho cavalleiros, que se queiram combater com estes outros, porém dar-vos-hei um conselho se vós quizerdes, e é tal. Quando eu andei em Portu-

<sup>1</sup> *Historia de Camões*, parte II, liv. II, cap. 2.º, pag. 432.

gal vi na batalha, que el-rei meu genro deu a el-rei de Castella muitos e bons cavalleiros em feitos de armas; se vós quizerdes, eu vos nomearei *Doze os* quaes eu conheço, e escreverei a el-rei meu genro, que lhes dê licença, se elles quizerem tomar esta empreza, e vós escrever-lhe-heis a cada um sua carta, e eu tambem, e querendo elles vir, sereis satisfeitas de vossa injuria. Então fez logo o duque escrever os nomes d'aquelles, que lhe pareceram, cada um em seu papel, e os nomes d'ellas da mesma maneira; lançaram sortes, e aconteceu a cada cavalleiro sua dama, que eram doze as mais aggravadas, de maneira, que pelo nome sabia já cada dama, qual era o seu cavalleiro pela sorte que lhe acontecera. Depois d'isto, fazendo ellas e o duque a cada um sua carta, e havida licença de el-rei de Portugal, e por elles alegremente aceitado o partido, todos se poseram ao caminho; onze d'elles se embarcaram em a cidade do Porto, e um se foi por terra, para mais á sua vontade exercitar as armas, mas com protesto, que se a vida lh'o não atalhasse, elle seria com elles ao dia aprasado, que era pelo Espirito Santo. Estes cavalleiros, se affirma, que eram os mais d'elles dos logares, que estão pelas faldas da Serra da Estrella, e que um se chamava Alvaro de Almada, outro Alvaro Gonçalves Magriço, outro Pacheco, outro Pedro Homem, e outros. Dos quaes, chegados os onze a Inglaterra, dois dias antes do Espirito Santo, todas as damas estavam mui contentes com taes defensores de sua honra; senão aquella, a que coube em sorte Alvaro Gonçalves Magriço, que era o que por França caminhava. Mas a esta tristeza accudiram os onze, promettendo-lhe, que quando a morte impedisse seu companheiro (porque só isso o podia fazer) elles se combateriam por todas e cada um d'elles tomaria á sua conta o desaggravo d'esta dama. Estando n'estas desconfianças, chegou o cavalleiro, e junto com os companheiros, assegurando o campo, e ordenadas as mais cousas em taes actos de armas costumadas, feitos grandes cada-falsos, em que grandissimo numero de gente estava presente em a cidade de Londres, Metro-pole de Inglaterra, entraram os competidores, e de novo se desafiaram. Então começaram de se combater primeiro com maças de ferro, e depois com espadas; de modo, que a batalha foi mui cruel, e tão dura e bem pelejada, que começaram pela manhã, e á hora de terça descansaram; e quando veio a segunda batalha, apertaram os portuguezes tanto com elles, que os lan-

çaram do campo, com oito d'elles mui mal feridos, em que fizeram grandes provas em armas, e se deram golpes, que pozeram espanto a todos os que os viam. E assim do duque, como dos fidalgos, e mais gente foram os portuguezes victoriosos mui louvados, e acompanhados com grande alegria e das damas recebidos, como taes obras mereciam. Feito isto, os nove se tornaram a Portugal, e os tres ficaram por aquellas partes, fazendo taes obras em armas, que um d'elles alcançou de el-rei de França o condado de Abranches em França, pelas obras que em seu serviço fizera. Este é o que depois veio a morrer na batalha de Alfarrobeira, como adiante diremos.»

Antes de proseguirmos, observaremos que os termos latinos da referencia de Mariz não significam que a Chronica ou Relação fosse escripta em latim, porque outras muitas referencias, em termos semelhantes, costuma elle fazer a obras conhecidamente portuguezas.

Foi Mariz quem escreveu a introdução biographica á edição dos *Luziadas*, commentada por Manoel Correia e por este publicada em 1613.

É portanto ao que fica transcripto de Mariz, que se deve referir o que Manoel Correia diz com respeito aos *Doze de Inglaterra*.

Depois de Manoel Correia, e ainda na primeira metade do seculo xvii, escreveu sobre o assumpto Manuel de Faria e Sousa, commentando os *Luziadas*.

Em nenhum d'estes escriptores apparece ainda o catalogo dos *Doze* <sup>1</sup>.

Camões, já na estrophe transcripta em epigraphe, já no episodio dos *Doze* (vi, 43 a 69), mostra a mais sincera crença na veracidade do facto.

Consentem n'isto todos, e encommendam  
A Velloso, que conte isto que approva,  
«Contarei (disse) um que me reprendam  
De contar cousa fabulosa ou nova.

O caso succedeu no espaço que decorre desde a terminação da guerra entre o duque d'Alencastre e el-rei de Castella:

<sup>1</sup> Faria de Sousa, diz no Comm. ao Canto vi, estr. 43: «Yo quando no huviera visto un papel antiguo deste successo, le tuviera por verdadero forçosamente, etc.» E commentando a estr. 50: «Ademas de los auctores conocidos en que lo hallamos siendo el ultimo Manoel Sociro, en los *Anales de Flandes*, hubo en nuestro poder un papel antiguo, en que toscamente se referia este caso, que tienen pur apocryfo algunos escrupulosos...»

... «Quando o direito pretendia  
Do reino lá das terras iberinas,  
Dos lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor e partes tão divinas.  
etc.

e a morte do mesmo duque, que foi quem indicou os doze cavalleiros portuguezes.

D. João I, rei de Castella, com quem o duque teve guerra, morreu em 9 de outubro de 1390.

D. Catharina de Lancastre, filha do duque e pertensora ao reino de Castella, em virtude da paz e tratados, casou em 1393 com Henrique III, nascido em 4 de outubro de 1379.

Parece ter sido a pouca idade d'este principe a causa de só n'aquelle anno se effectuar o casamento. O duque João de Lancastre morreu em 1399. (*Resenha das Familias Titulares do Reino de Portugal*. — Lisboa, 1838, pag. LXXI.)

Assim foi na ultima década do seculo XIV que teve logar o successo. O auctor do *Mappa de Portugal* marca o anno de 1390.

A nota marginal nos *Dialogos de Mariz* indica o de 1396, talvez com mais segurança.

O que é fóra de toda a duvida, é que o caso não se pôde protrahir áquem de 1399, anno em que, como dissemos, morreu o duque, que tão vitalmente n'elle interveio.

Por mais valor que se queira dar ás queixas tão frequentes em nossos escriptores de descuido nos portuguezes em escreverem os feitos de heroicidade patria, é indubitavel o costume geral de se fazerem relações particulares dos feitos extraordinarios. Essas relações foram a principal fonte da historia da nossa vida ultramarina.

A chamada *Chronica de Guiné*, de Azurara, as *Decadas* de Barros e as de Couto denunciam positiva e frequentemente esta origem.

A franqueza de Couto vae mais alem; é com frequencia que elle se queixa de que essas relações occultem intencionalmente os nomes dos auctores dos feitos heroicos que narram.

A sua indignação n'esta parte foi até produzir duas paginas eloquentes, que contêm uma revelação importantissima; são paginas consoladoras e o mais valioso e accetivel de quantos commentarios se possam oppor áquelle celebre verso da proposição dos *Luziadas*:

Que eu canto o peito illustre lusitano,

Vê-se por ellas que o verdadeiro valor portuguez no Oriente foi anonymo. Vê-se que a raça dos heroes portuguezes ali não foi exclusivamente a dos Albuquerque, Castros, Barretos e outros,

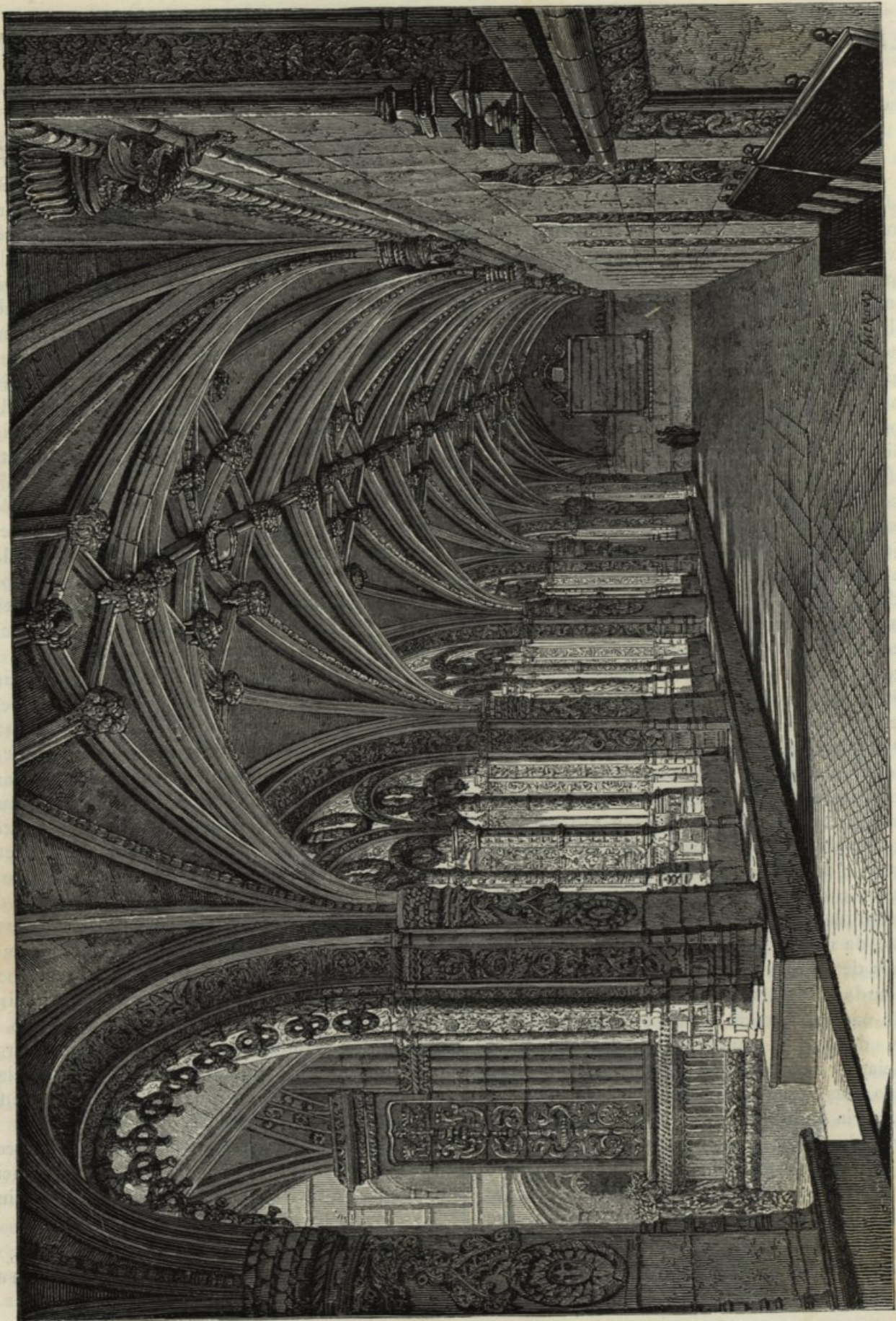
hoje extinctas ou degeneradas; foi a raça popular, perpetua, como a familia dos Atridas, foi—o *peito illustre lusitano!* Eis essas paginas admiraveis:

A primeira diz respeito a um soldado companheiro do grande Heitor da Silveira na costa de Cambaia. A segunda refere-se aos grandes feitos praticados nos cercos de Columbo e de Coata, na Ilha de Ceylão, em 1563.

«Um soldado dos nossos, homem não conhecido, e sem nome (a que muito desejamos de o saber, para lh'o darmos muito honrado n'esta historia), adiantando-se um pouco com uma lança e rodela, esperou um mouro de cavallo a pé, que des que vio n'elle romper seu encontro com a lança alta, o soldado correu a sua, e o tomou por debaixo do braço da lança, e passando-o todo, deu com elle no chão; e ainda não estava bem n'elle, quando já o soldado (que lhe levou logo as redeas do cavallo na mão) saltou em cima com muita ligeireza e ar, e enrestando a lança voltou a outro de cavallo que remetia com elle, e o levou pelos peitos, dando com elle de pernas acima muito mal ferido, a que os nossos deram uma grande apupada e logo surriada da espingardaria. O soldado em derribando o mouro, remetteu ao cavallo, e o tomou pelas redeas, e com muita confiança se veio recolhendo para Heitor da Silveira cavalgando em um, e com outro a dextro; e chegando a elle lhe pediu o armasse cavalleiro, o que elle logo estava. Louve agora Livio o seu Marco Corvino, por matar um francez em desafio, por cujo feito lhe mandou Octaviano Augusto alevantar estatua em meio de seus aposentos. Engrandeça o seu Torquato pelo colar que tomou a outro, que eu não farei mais que contar singelamente estes e outros feitos semelhantes, mais dignos de estatuas, que os dos seus romanos. Mas o tempo que deixo de gastar em seus louvores, gastarei em estranhar o descuido dos reis n'essa parte, que a estes taes nem com estatuas, nem com pão satisfizeram nunca seus feitos; pelo que muitos, e muito valerosos cavalleiros que obraram façanhas dignas de memoria eterna, estão hoje tão postos em esquecimento, que até os nomes se lhes não sabem, como a este nosso cavalleiro, que por este feito não teve mór galardão, que emquanto Lopo Vaz governou depois d'isto chamar-lhe o seu cavalleiro, e tel-o na igreja a par de si em pé; e depois que acabou, pôde bem ser que o acabasse tambem a fome.»

(Couto, Dec. 4, Liv. 5, Cap. 6; pag. 363 da edição de 1782.)

(Continúa.)



CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM — Desenho de E. Therond, segundo uma photographia

## CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM

**Y**AMOS felizmente despertando da pesada indiferença, com que deixavamos esquecer e malbaratar o nosso modesto peculio artistico.

Uma iniciativa intelligente e escientifica, ainda timida em verdade, mas já evidente e auspiciosa, procura sanar os erros passados e salvar os restos venerandos da arte portugueza. Não fomos um povo artistico, é certo, não se crearam entre nós muitos artistas de nomeada; na pintura, na esculptura e na architectura não podemos realmente apresentar creações de primeira ordem, comparaveis com as que em differentes seculos e em diversos paizes teem deixado um sulco luminoso na historia da arte. O nosso genio teve na historia da humanidade um campo restricto e defenido, uma só face predominante e accentuada, porém essa brilhante e sublime: a dos descobrimentos e a das navegações longinquas e arrojadas, em que ninguem se nos avantajou, e onde se concentrou tenazmente toda a nossa actividade nacional; todavia a nossa pequena e modesta arte possui um certo valor relativo, e deve merecer-nos tanto maior apreço quanto na linguagem artistica possuímos apenas algumas phrases soltas, algumas notas singelas n'esse concerto universal.

Ora entre os nossos melhores productos artisticos sobrelevam-se dois exemplares famosos: o templo ogival da Batalha e o manuelino de Belem; creações tão proximas e tão estreitamente ligadas, que ninguem fará a theoria, ou a historia, do chamado estylo manuelino sem ir procurar o seu germen e a sua origem no bello mosteiro de Santa Maria da Victoria, glorioso padrão da nossa Illiada nacional, terminada nos campos de Aljubarrota.

Estudar e descrever estes monumentos, evocar do passado o meio social, em que se produziram, defenir os seus estylos pelos elementos essenciaes e caracteristicos, historiar a sua construcção e as variadas phases, que teem atravessado, seria indubitavelmente trabalho interessante e de valiosos resultados; não o tentaremos, porém, n'este momento. A nossa tarefa é mais facil e singela; cumpre-nos tão sómente acompanhar de rapida descripção a gravura, que representa um dos porticos do claustro de Belem; antes, todavia, de a começar consinta-nos o leitor a ligeira exposição da nossa opinião acêrca

do estylo manuelino, opinião aliás já expressa em outra publicação semelhante a esta.

O estylo manuelino desponta nas celebres *capellas imperfeitas*, adjunctas ao mosteiro da Batalha. Estas construcções, projectadas por el-rei D. Duarte e começadas talvez nos fins do reinado de D. Affonso v, deviam servir de capellas sepulchraes para os membros da dynastia d'Aviz, que não tinham logar no glorioso pantheon, onde ainda repousam actualmente D. João i, a sua virtuosa mulher e os seus heroicos filhos.

N'essas capellas, cuja construcção mais activa teve logar no começo do reinado d'el-rei D. Manuel, se observa a derivação do estylo ogival inglez, em que foi construido o mosteiro da Batalha, para o estylo manuelino.

«Parece-nos muito provavel, escrevêmos nós, que a concepção portugueza se deve em parte a traça das capellas imperfeitas, e o architecto Matheus Fernandes, que hoje repousa na principal nave da igreja <sup>1</sup>, podia ser o seu auctor; pelo menos a comparação das datas e a importancia do mestre não contradizem esta hypothese. É certo, porém, que as obras do mosteiro duravam ainda n'essa epocha, pelo menos as das soberbas vidraças coloridas, havendo entre os artistas citados por documentos coevos nomes manifestamente italianos; entre estes apparece o do architecto Potassi, *cavalleiro da casa de el-rei*, que não só é contemporaneo de Matheus Fernandes, mas que a tradição conservou como architecto de Santa Maria de Belem. Segundo pensamos, Matheus Fernandes e Potassi podem ter sido os architectos das capellas imperfeitas, e por este dualismo se explica o character singular de ser o estylo manuelino o producto da acção reciproca do ogival e do classico da renascença, o primeiro encarnado no architecto portuguez, nascido e creado sob a influencia do venerando mosteiro, o segundo no architecto italiano, formado pelas ideias dos mestres da renascença e pelo estudo das suas creações classicas.

«É possivel encontrar no estylo manuelino reminiscencias arabes, na ornamentação principalmente; é facil determinar como sobre elle in-

<sup>1</sup> A sua sepultura está logo á entrada do templo, e d'ella se depreheende que o mestre morreu em 10 d'abril de 1515.



fluiram as descrições do Oriente e das novas terras descobertas, que os nossos navegadores tão repetidas vezes traziam á mãe patria; todavia esses elementos não são sufficientes para explicar a formação do estylo. A historia e a philosophia da arte repellem hoje as poeticas theorias, dos que attribuem a formação do ogival á contemplação das florestas do norte, ou, a nosso vêr, a do estylo manuelino á influencia do mundo oriental.

«Se as nossas ideias são verdadeiras, o estylo manuelino é o resultado da penetração do ogival pelo classico da renascença; o producto das suas concessões reciprocas: um syncretismo artistico em que os caracteres discordantes dos dois estylos tendem a desaparecer, e os mais proximos se harmonisam e completam. Este phenomeno não era novo na historia da arte, outro analogo se produziu, quando o estylo bysantino transportado pelas colonias venezianas encontrou o latino na Europa occidental.»

Sob este ponto de vista esthetico apreciamos, pois, a magnifica igreja de Santa Maria de Belem começada no principio do seculo xvi, no reinado d'el-rei D. Manuel. O claustro, que em belleza e unidade artisticas não pôde, a nosso vêr, comparar-se com o admiravel claustro real do mosteiro da Batalha, é todavia um exemplar architectonico de grande valor e de subido merecimento. Os seus quatro extensos e bellos porticos fecham um vasto quadrado de terreno actualmente ajardinado, e outr'ora occupado por um grande lago; quatro pontes, correspondentes ao meio de cada portico, davam passagem para uma pequena ilhota central, onde em volta de um repucho havia assentos de pedra. Uma excellente medida de hygiene fez desaparecer o antigo lago, que aliás dava ao claustro um cunho especial de belleza e de frescura.

Tem o claustro dois pavimentos: o terreo, do qual a gravura representa um dos porticos, e o superior, que, apesar de mais pobre na ornamentação, é ainda mui bello pela elegancia aprimorada da sua abobada accentuadamente ogival e recamada de nervuras, ou artezões.

Cada um dos porticos inferiores abre sobre o jardim por seis bellos arcos, cujos pilares assentam sobre stylobato pouco elevado, e tão ligeiramente quebrados em ogiva, que a muitos poderão talvez ter parecido circulares. D'estes arcos os dois extremos são rasgados até ao pavimento e apenas guarnecidos, a meia espessura e a partir da origem da curva, por um ligeiro e

elegante rendilhado; os quatro restantes são divididos cada um por tres maineis; no mainel central mais forte e ornamentado firmam-se dois arcos de volta circular inteira, que para um e para outro lado vão terminar na altura das impostas do arco principal em columnellos embebidos nos pilares; de cada um dos maineis lateraes dois outros arcos, egualmente de volta inteira, lançam a sua curvatura para o mainel central e para os columnellos. Os triangulos curvelinios resultantes d'esta disposição são preenchidos por olhaes, ou anneis, no centro dos quaes se veem diferentes ornatos: as letras M, R e S, a cruz de Christo e outros emblemas, sendo provavel que as letras representem as iniciaes das palavras: Manuel Rei e Salve. Tal é succintamente descripta a ornamentação das grandes janellas claustraes, que a gravura melhor fará comprehender.

A abobada dos porticos ricamente artezoada e em ogiva abatida é elegantissima, e contribue principalmente para a profunda impressão de belleza, que o observador experimenta ao transpôr o liminar da porta, que dá ingresso para o claustro. No portico fronteiro a essa entrada, que é exactamente o representado na gravura, deve notar-se a ornamentação dos cinco pilares das arcadas; offerece ella a egual altura em cada pilar e em baixo relevo: o sol e quatro medalhões contendo bustos, que são provavelmente dos quatro grandes navegadores Vasco da Gama, seu irmão Paulo, Nicolau Coelho e Pedro Alvares Cabral. Nos restantes pilares seguem-se outros emblemas na maioria symbolos da paixão de Christo.

As paredes interiores fronteiras ás arcadas são lizas, tendo apenas uma cinta d'arabescos na altura das misulas, de onde partem divergentes os feixes das nervuras, ou artezões, que dividem os paineis da abobada.

Como o leitor certamente comprehenderá, é perfeitamente impossivel traduzir pela palavra, o que o lapis apenas poderia minuciosamente reproduzir sobre o papel; não temos nós, portanto, o louco intuito de esmiuçar a descrição que por longa se tornaria enfadonha, obscura e inutil. Se dissemos o sufficiente para explicar a gravura, era o que tinhamos em vista; mais não o podiamos fazer sem que o desenho viesse esclarecer a nossa pallida descrição.

Percorra o leitor o claustro de Belem, e ahí verá traduzida a nossa theoria do estylo manuelino; a sublime expressão esthetica do estylo ogival não tem já em Belem a elevação ideal que

atinge na Batalha; por toda a parte o classico da renascença tende a irromper nas grandes linhas geraes, como nos promenores da ornamentação.

Apezar da sua belleza o estylo de Belem é um estylo de decadencia, «a agonia da arte, o estrebuxar descomposto da architectura christã que morria» na phrase energica e verdadeira d'aquelle homem, que, onde tocava com o seu poderoso dedo, deixava o signal indelevel do seu genio, de Alexandre Herculano.

A simplicidade severa das linhas geraes, o idealismo que se traduz nos altos corucheus, nas agulhas e nos pinnaculos que elevam para o ceu as suas pontas agudas e elegantes, a sobriedade modesta, não pobre, da ornamentação, todos os caracteres, emfim, que fazem do estylo ogival da melhor epocha uma das mais formosas concepções estheticas da intelligencia humana transformam-se, ou empallidecem, em Belem; para os encontrar na sua fórmula mais pura e espirituallista é preciso ir mais longe e estudal-os no mos-

teiro da Batalha. Alli se encontra traduzida uma das mais bellas expressões da arte; pequeno templo comparado com as grandes cathedraes gothicicas do Norte da Europa mas superior a ellas todas, sem duvida, pela puresa do seu estylo e pela unidade admiravel da sua concepção rapidamente realisada. Alli se revelam as crenças mysticas e profundas d'essa idade media tão calumniada outr'ora, e que para occupar um logar culminante na historia lhe basta apenas o espirito d'associação fraternal, que durante o seu periodo animou as classes populares e lançou os solidos fundamentos das futuras democracias. Alli se demonstra a prodigiosa força da ideia de Deus, que atravez de milhares d'annos tem conduzido do berço ao tumulto myriades de gerações adormecidas á doce esperanza de uma justiça superior e recta, d'essa ideia que tem sido para a arte um manancial riquissimo de concepções sublimes e de creações immortaes.

AUGUSTO FUSCHINI.

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 7)

Nos templos dos Kymytha de Chittagong, as orações começam por toques de campainha para acordarem Buddha, como no templo de Sinto o toque do sino serve para acordar a deusa e prestar attenção ás supplicas. A campainha e os sinos, sobretudo quando dobram a preces, têm no rito catholico a mesma origem barbarica. Segundo Klemm, os Tartaros de Altai figuram o seu deus sob o aspecto de um velho de barba longa, e é esta a figuração artistica e popular do Padre Eterno catholico. Os eclipses são ainda hoje entre o povo um signal no céu bastante temeroso, como entre todas as raças selvagens.

A crença nos *phantasmas*, como fórmulas da alma depois do passamento, que é a base da maior parte das crenças dos selvagens, é vulgarissima em Portugal; elles apparecem a pedir o cumprimento de alguma promessa e fazem um ruido junto da pessoa a quem avisam, simulando o arrastar de grilhões, e chamam-se propriamente *almas penadas*. Na *Chronica dos Vicentes*, um dos mais antigos documentos da historia de Portugal, o cavalleiro Henrique apparece ao seu pa-

gem a pedir-lhe que o mude de sepultura. Fallar uma alma em alguém, que é como o povo explica o hystericismo e a epilepsia, acha-se tambem entre os Esquimãos,<sup>1</sup> como nas aldeias portuguezas. O *outro mundo*, onde habitam as almas, é uma concepção analoga á dos povos selvagens que crêem que as almas dos mortos vão para uma terra mais feliz. Muitos dos jogos populares, como os *pares e nones*, foram, e ainda são entre certos povos selvagens, ritos divinatorios. A superstição das *carantulas*, prohibidas no Alvará da Camara de Lisboa, do tempo de D. João I por occasião da batalha de Aljubarrota, usa-se como notou Tanner na America septentrional por occasião da guerra; os Romanos tambem lançavam uma boneca ao Tibre, e na India picam essa imagem ou carantula com alfinetes para fazer mal á pessoa que representa.<sup>2</sup> O horoscopo do *nome*, que exprime entre o povo uma fórmula da sua crença na fatalidade, motiva entre as tribus da

<sup>1</sup> Ab. Morellet, op. cit., p. 244.

<sup>2</sup> Ap. Lubbock, *Ibid.*, p. 240.

America do norte e insulares do Pacifico a mudança de nome para evitar o feitiço. Os cabellos, a roupa ou restos de comida, são os objectos mais directos com que se fazem os feitiços contra uma pessoa; assim as mulheres queimam o cabelo que lhes cae ao pentear, e a comida que cresce não deve ter sido tocada, nem o pão ficar mordido dos dentes. Estes objectos prestam-se para o mesmo fim maligno na Polynesia e na Nova Zelandia. Os feiticeiros da Nova Zelandia fazem *covas* no chão para attrahirem ali e sepultarem depois os espiritos dos seus inimigos; o nome de *Covas* de Salamanca dado ás escholae da magia na peninsula provém d'este rito persistente do estado selvagem. Os apparecimentos das Virgens nas *grutas* são um instincto de reacção clerical contra a superstição popular. Advinha-se lançando clara de ovo fresco em um côpo d'agua, sobretudo nas ilhas dos Açores; na Collecção de Viagens de Astley, traz Faira: «Quando Vasco da Gama descobriu a India, alguns feiticeiros de Kalekut mostraram em bacias cheias de agua os tres galeões que elle trazia.»<sup>1</sup> Em Maskat, diz o mesmo escriptor, «ha feiticeiros tão habéis, que comem o interior de uma cousa só com a vista;» comprehende-se por este facto a locução popular ainda frequente *comer com os olhos*. Entre os povos selvagens ou barbaros, como os da Siberia, ou os Ahts do noroeste da America, ou da Groenlandia, os dons magicos adquirem-se pelo isolamento, pela privação de alimento e pela exaltação ou hallucinações; são estes ainda os meios como se produzem entre o povo esses estados mentaes das chamadas pessoas ou *mulheres de virtude*, que como todas as bruxas selvagens tomam a sério a sua superioridade — e poder sobre os espiritos. É nos retiros das *encruzilhadas* que o diabo accode á evocação. As dansas nas romarias campestres têm ainda o character de rito religioso, como entre os Kols de Nagpore, os Ostiakes, os indigenas da Virginia, e entre algumas tribus do Brazil. As festas do Espirito Santo, nas ilhas dos Açores são acompanhadas de *bailhos* e de *banquetes* a pobres, ritos obrigados nas religiões selvagens, como notam Roberston e Lubbock. Os nomes de pessoas tomados de animaes e plantas revelam um primitivo totemismo, que se explica pelo mesmo uso entre os Issinese da

Guiné, nos Hottentotes, no Congo, entre os Bechuanas, e os chinezes.

O culto das arvores, das raças selvagens, persiste entre o povo, para quem a cruz é a *arvore* da redempção; certas plantas herbaceas, como a arruda e o trovisco têm poderes magicos para afugentar os espiritos. A raiz da mandragora pelas suas fórmas caprichosas, é citada nas Constituições dos Bispados como empregada pela feiticaria; o funcho é usado nas festas do natal na Madeira e Açores, e os antigos bosques sagrados estão substituidos nos costumes pelas folhagens espalhadas pelas ruas por onde passa uma procissão. Muratori, na Dissertação LIX das *Antiguidades italianas*, cita uma lei de Luitprando, que prohibia entre os Lombardos o culto das arvores; este culto andavaligado ao das Fontes, como se prohibe no concilio Nannetense. Em Portugal a chorographia enumera uma extraordinaria quantidade de Fontes Santas, e de Aguas Santas, superstição que apparece entre os barbaros da Germania, na Fonte de Urda e na arvore de Ydgrasil. Os ramos de giesta, por occasião das Maias, e a festa da *espiga* em Lisboa, acham-se usados com character religioso entre populações inferiores, como entre os habitantes de Nicaragua, onde se adora o milho e os feijões. Na ilha de S. Miguel, quando o mar está bravo, lança-se-lhe reliquias de santos para o abonanzar; em uma relação de viagem de 1693, conta-se que o rei dos Kabosheers mandou o seu sacerdote applacar o mar lançando-lhe varios presentes de comer e beber. Nos Açores curram-se certas doenças com agua das tres marés. A pia baptismal corresponde aos lagos, tanques e poços sagrados das raças da America e dos Celtas. A superstição de *revolver penedos* para fazer chover, prohibida pelas Constituições dos Bispados em Portugal, pertence aos restos do fetichismo das raças da Europa, bem como o costume das dansas phalicas «Tres volta dei ao penedo — para namorar José» da cantiga popular. A pena infamante do antigo symbolismo do direito portuguez de transportar pedras ás costas, provém de um culto decahido, tornado desprezível. Os habitantes da Nova Zelandia e alguns da Melanesia adoram o Arco da Velha; em Portugal ha ainda muitas superstições sobre este phenomeno metereologico.<sup>1</sup> O ferro, conserva ainda um character magico ou de virtude, tal como na epoca em que o uso do bronze foi per-

<sup>1</sup> *Ibid.*, p. 245. — Nas *Cartas* de D. Francisco Manuel de Mello, p. 542 allude-se a esta superstição em Portugal, como adiante veremos.

<sup>1</sup> Colligidos por Leite de Vasconcellos.

turbado por este novo factor da civilisação; em um esconjuro popular se diz:

Tu és ferro,  
Eu sou aço,  
Tu és demonio  
Eu te embaço.

A ferradura de um cavallo ou mula é um poderoso talisman contra a feiticeria. A tradição poetica das Ilhas Encantadas, conhecida nos mythos céltas da Ilha de Avalon, e aproveitada por Camões no seu episodio da Ilha dos Amores, acha-se entre os habitantes da Ilha de Tonga, é a ilha phantastica de Bolotoo; esta mesma crença apparece entre os Esquimãos, e podemos dizer que ainda no seculo xv foi esta tradição ou estado poetico que estimulou a imaginação dos Portuguezes para as arrojadas emprezas maritimas. As lendas theologicas da bemaventurança têm suas raizes n'este solo inferior das raças selvagens e barbaras.

Na medicina popular encontra-se uma pratica extremamente commum aos povos selvagens; é a sucção no corpo do doente, cuspindo fóra a influencia maligna extrahida pelo feiticeiro. Acha-se este costume entre os selvagens do Paraguay e do Brazil, entre os indios Galibes, Agipons, Guayacurus, na Guyanna ingleza, na California, na bahia de Hudson, entre os Esquimãos, e na Australia; <sup>1</sup> a esta grande serie de factos accrescenta Lubbock: «Assim encontramos por toda a parte este modo de tratamento primitivo, que consiste em chupar a parte doente para fazer sahir o mal, e por ventura os vestigios ainda se conservam entre nós nos costumes das crianças...» De facto muitas vezes observámos esse phenomeno: para calar a criança que se magoou bafeja-se-lhe o logar magoado, ou suga-se-lhe a mão, o dedo, o que ella repete quando alguém se queixa. Entre o povo a sucção é ainda empregada nos golpes, e na ilha de S. Miguel as mulheres possessoras de algum espirito ou alma curam-se simulando que vomitam cabellos embrulhados com linhas e alfinetes; a palavra *chupista* tem entre nós um sentido infamante, e dá-se entre pessoas que usam estas praticas medicinaes. O uso de *cuspir fóra* quando se falla em cousas malevolas, ou como fórmula de esconjuração é uma parte persistente do rito medicinal da sucção. «Quando se vê um sapo, para não acon-

tecer mal é preciso *cuspir fóra* tres vezes.» <sup>1</sup> As crianças, segundo a crença vulgar estão sujeitas a serem *chupadas* das bruxas. Lubbock compara a animadversão de quasi todos os povos selvagens contra as crianças *gemeas*, como entre os insulares de Bali, os Khasias do Indostão, os Ainos do Japão, e na Guiné; este odio supersticioso ligado á apprehensão da infidelidade da mulher, apparece na Europa consignado no poema do *Cavalleiro do Cysne*. A crença dos Tongans, quebrando as armas d'aquelle que morre, como tambem animadas, e devendo acompanhar o seu dono para o paraíso do Bolotoo, acha-se nas tradições da idade media, como na *Chanson de Rolland*, sentindo-se ferido de morte e pedindo á sua espada que se deixe quebrar; o uso de quebrar os copos depois de uma saude especial provém da mesma concepção animista. O uso dos habitantes de Mallicollo, e entre os Cafres segundo Cook e Casales, de exprimirem a admiração por um *assobio* acha-se entre o nosso povo, especialmente como resposta intencional e exaggerativa. A *tatuagem*, costume quasi geral aos povos selvagens, persiste entre os nossos marinheiros, soldados e homens braçaes; as costas das mãos, os braços e o peito são o campo d'essas phantasias de desenho allegorico, que se prende com a credulidade supersticiosa; cruces, meias luas, signos saimões, corações, setas, chaves e vasos de flores são os themas peculiares da tatuagem portugueza, destinados a livrarem aquelle que usa esses signos de mão olhado, ou de lhe entrar o diabo no corpo. Nas classes elevadas o mesmo espirito selvagem persiste no costume de furar as orelhas ás crianças do sexo feminino e de lhes pendurar brincos de ouro, bem como de lhes pendurar figas e amuletos ao pescoço durante a primeira infancia. A pintura da cara, para encobrir as rugas da idade, ou a côr trigueira é tambem uma persistencia selvagem, como se vê pelos costumes dos Felatah da Africa.

Depois da fórmula *espontanea* das Superstições, que comprehende o campo illimitado e caprichoso dos agouros, vem a fórmula *revelada* que é o segredo de uma classe especial que tem o poder de communicar com os espiritos, de os evocar ou de os esconjurar. Esta fórmula das Superstições depende de um sacerdocio, que torna o culto commum á sociedade, para a qual fabrica os fe-

<sup>1</sup> Ap. Lubbock, *Origines de la Civilisation*, 24 a 28.

<sup>1</sup> Ap. *Positivismo*, t. III, p. 7.

tiches, isto é, os objectos materiaes em que se fixam os espiritos malevolos, tolhendo-lhes assim o arbitrio e tornando-os accessiveis á propiciação. N'este ponto as Superstições coincidem com as religiões nas phazes do seu desdobramento historico; de facto as Superstições apresentam dois typos fundamentaes, os pressagios ou a vaticinação, e a cura das doenças, correspondentes o primeiro ao fetichismo astrolatrico da Chaldêa, e o segundo ao empirismo medico dos ritos magicos do Egypto, ambos differentes entre si. O syncretismo operado pelos Romanos entre estes dois elementos typicos das Superstições *reveladas*, e ao mesmo tempo o esforço baldado mas veemente da Edade Media em tornal-as *demonstradas* procurando dar base scientifica á Astrologia judiciaria e á Medicina theurgica, como se viu pela protecção dos astrologos nas côrtes dos reis, e pela crença nos milagres dos Santos e das fontes maravilhosas nas doenças, toda esta complicação de factores historicos não deixava vêr claro n'esta ordem de phenomenos que são o sub-solo da civilisação humana. Assim como para os estudos philologicos, a descoberta do sanscrito foi um raio de luz que aproximou a rasão humana da verdade, tambem a leitura dos hieroglyphos e dos cuneiformes veiu dar bases positivas para a systematisaçaõ scientifica do phenomeno tão complicado das Superstições. Diz Lenormant: «a decifração dos hieroglyphos do Egypto e das escripturas cuneiformes da bacia do Euphrates e do Tigre, estas duas maravilhosas conquistas do

genio scientifico do nosso seculo, fornecem hoje, para o esclarecimento de um tão curioso problema, socorros que teriam, ainda ha cincoenta annos atraz, parecido inteiramente inesperados. D'ora em diante podem-se estudar nas fontes originaes as sciencias occultas do Egypto e da Chaldêa.»<sup>1</sup> É aproximando essa riqueza extraordinaria de factos contidos nos documentos accadiccos dos factos actuaes das superstições do povo portuguez que se chega a estabelecer uma identidade proveniente da persistencia dos elementos ethnicos dos Iberos na peninsula. Nos costumes, no onomastico local, nos monumentos epigraphicos, nas tradições poeticas ainda os povos hispanicos conservam pasmosos documentos d'essa raça da alta Asia que precedeu na Europa a entrada dos Arias; as superstições, cuja abundancia distinguiu sempre o genio das nacionalidades hispanicas, revelando no seu estudo vastas comprovações ethnicas, adquirem pelo criterio comparativo a importancia de uma paleontologia historica. A phase *demonstrada* das Superstições manifesta-se actualmente na Hespanha no proselytismo *Espiritista*, que é uma transformação do erro animista adaptando-se a um grão mais elevado da cultura social; destacada da sinceridade popular e do automatismo tradicional, o seu estudo só interessa á psychologia morbida.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

<sup>1</sup> *La Magie chez les Chaldéens*, p. VII.

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 7)

**C**OMEÇOU nova campanha. Eu tinha presentes as narrações de Cameron e Stanley a respeito dos embarços causados por deserções, e até as do proprio Livingstone, que foi abandonado por trinta homens na viagem de Tete com o dr. Kirk.

Logo depois da chegada dos meus companheiros, combinámos em ser o Ivens encarregado dos trabalhos geographicos, o Capello de meteorologia e sciencias naturaes, e eu do pessoal auxiliar da expedição, coadjuvando-nos mutuamente. Assim, pois, tive de me pôr logo em

campo, e o primeiro passo que dei, foi ir tomar conselho de Silva Porto.

Narrei-lhe a nova decisão que havíamos tomado, de seguir directamente ao Bihé, e expuz-lhe o meu embaraço. Silva Porto veio a Benguella commigo, pois que a sua casa da Bemposta dista 6 kilometros da cidade, e percorremos as casas onde haviam caravanas de Bailundos, sem que elles quizessem annuir a levar as cargas ao Bihé. À casa Cauchoix tinha chegado uma grande caravana, e este cavalheiro chegou a offerer uma avultada gratificação ao chefe, e paga dupla aos carregadores, se quizessem conduzir as nossas bagagens, mas nada conseguiu.

Cabe aqui narrar um factó muito curioso. Os Bihenos são os primeiros viajantes d'África, e nenhum outro povo estende mais longe as suas correrias, nem se lhe iguala em arrojó e robustez de caminheiros; mas os Bihenos viajam só do Bihé para o interior como assalariados; e se de maravilha vem á costa, é por conta propria. Os Bailundos alugam os seus serviços entre a costa e o Bihé, e não vão ao interior para lêste; mas ao norte estendem suas viagens até ao Dondo e Loanda.

Assim, pois, os negociantes sertanejos fazem transportar as mercadorias de Benguella ao Bihé por Bailundos, e d'ali aos pontos remotos do interior por Bihenos, que voltam, com os productos permutados, ao Bihé. D'este ponto á costa tornam a servir-se dos Bailundos.

Depois de informado d'isto, só me restava mandar assalariar Bailundos, para me virem buscar as cargas; e d'isso se encarregou Silva Porto, despachando logo cinco pretos ao Bailundo, a ir buscar a gente. O velho sertanejo disse-me logo, que elles teriam muita demora, porque os enviados levavam 15 dias a chegar ao paiz, e outro tanto tempo, pelo menos, gastariam a reunir os carregadores, e estes 15 dias para vir, fazendo uma somma de 45 dias, afiançando-me elle, que antes não os teria. Nós estávamos em fins de setembro, e por isso só poderíamos partir por meado de novembro.<sup>1</sup>

Vim participar isto aos meus companheiros, e depois de conferenciar com elles, resolvemos não perder tanto tempo em Benguella; e entregando as cargas a Silva Porto, para que nol-as enviasse pelos Bailundos, partimos immediata-

<sup>1</sup> Parte d'estes carregadores, 200, só chegaram a Benguella a 27 de dezembro, e outros 200 por fins de fevereiro.

mente com as cargas indispensaveis, indo esperar no Bihé; tempo que aproveitariamos no arranjar de carregadores ali para seguir ávante.

Dos carregadores contratados em Benguella apenas uns 30 mereciam alguma confiança para seguir tal caminho; e estes, com 36 de Novo Redondo, faziam um total de 66 homens. Tínhamos, além d'isso, 14 soldados; os meus muleques pequenos de serviço; uns Cabindas de serviço de Capello, e Ivens; e 2 chefes pretos, um contratado por mim na Catumbella, o preto Barros, e outro por Capello, em Novo Redondo, o Catão.

Em toda esta gente não tínhamos um só homem de confiança.

Tratamos de separar as cargas julgadas indispensaveis, e conhecemos que eram 87; isto é, tínhamos 21 cargas mais do que carregadores. Foi de balde que trabalhei para os haver; não me foi possível obter um só.

Os pretos, não comprehendendo o que iam fazer ao sertão, estavam receiosos, e com a sua desconfiança natural, imaginavam loucuras e recusavam-se.

Chegou o fim de outubro sem nada termos adiantado.

Resolvi, por conselho de Silva Porto, ir ao Dombe, experimentar se os Mundombes fariam menos difficuldades, do que a gente de Benguella; mas, sentindo-me incommodado, pedi ao Capello ali fosse por mim.

No dia 29 partiu o Capello, e voltou no dia 3 de novembro. Nada fez. Os Mundombes prestam-se com facilidade a ir a Quillengues por caminho conhecido d'elles; mas, fóra d'isso, não fazem outras viagens; e recusáram as pagas avultadas que lhes offereciámos para irem ao Bihé.

Tornava-se necessario tomar uma resolução e essa foi logo tomada; seguiríamos sempre para o Bihé, mas tomaríamos por Quillengues e Caconda.

O governador Pereira de Mello deu logo ordem ao chefe do Dombe, que tivesse promptos 50 carregadores, para seguirem connosco para Quillengues.

Silva Porto encarregou-se das cargas que deviam ser mandadas ao Bihé, e eram umas 400.

Pôz o governador á nossa disposição uma lancha, para transportar por mar ao Cuió (Dombe Grande) as cargas que d'ali deviam ser carregadas até Quillengues, e alguns carregadores de Benguella que estavam doentes.

No dia 11 de novembro, estávamos promptos a deixar a costa, e fixamos a partida para o dia 12. N'esse dia fugiram 4 carregadores de Novo Redondo, e no seguinte 5 de Benguella.

Emfim, no dia 12 deixávamos a cidade, depois das mais cordiaes despedidas dos amigos, que se reuniram para nos dizer adeus.

Pouco antes tinha eu ido á praia, e por muito tempo tive os olhos fixos na vastidão do Atlan-

tico, d'esse mar enorme que ia perder de vista; e mal cogitava então, que só o volveria a ver dois annos depois, na França, em Bordeos.

Não sei se a outros tem acontecido o mesmo; eu, no momento da partida, senti uma pungente magoa, uma indefinivel saudade, uma dôr profunda, que me produziram como que uma embriaguez, e confesso que não tenho muito a consciencia de ter deixado Benguella.



EFFEITOS D'UMA BALA EXPLOSIVA ROUBADA — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

A bandeira das Quinas estava desenrolada, e afastava-se da cidade ao passo cadenciado da caravana; seguiu-a.

No dia 13, chegávamos ao Dombe, tendo feito uma jornada de 64 kilometros. Tínhamos conosco 69 pessoas, e seis jumentos, que foram, homens e burros, alojados na fortaleza. Nós tres, com os nossos muleques de serviço, fomos obsequiosamente hospedados em casa de Manoel Antonio de Santos Reis, distincto cavalheiro que porfiou em obsequiar-nos.

Dois dias depois, chegaram as cargas que tinham vindo por mar, e inventariando tudo, conheci, que para seu transporte precisava de 100 homens, além dos effectivos que commigo tinha.

Isto proveio de termos abusado da facilidade que nos offereceu a lancha, mettendo a bordo mais cargas do que tínhamos julgado absolutamente necessarias.

Decidimos partir a 18, depois de recebermos cartas da Europa, porque o paquete, de costume, está em Benguella a 14; mas a 18 nem o vapor tinha ainda chegado, nem o chefe tinha tambem assalariado um só homem.

A 21 chegou a mala, mas de gente só tínhamos a trazida de Benguella. O chefe declarou-nos, que no dia 26 poderíamos partir; mas, precisando nós de 100 homens, apenas nos mandou n'esse dia 19. No seguinte dia appareceram mais 27; e eu, receioso que elles viessem a debandar

se os fizesse esperar, despachei-os logo para Quillengues, acompanhados por dois soldados dos que commigo tinha.

O chefe declara-me que lhe é impossivel conseguir mais gente. Faço reunir na fortaleza os tres Sobas do Dombe, no dia 28, e fui eu mesmo tratar com elles. São tres typos magnificos.

Um chama-se Brito, nome que tomou de um dos governadores de Benguella, que o restaurou no poder; outro, Bahita; o terceiro é Batara. Os meus companheiros perdem o assistir a esta scena joco-seria, porque desde o dia 24 estão com febre.

O Soba Brito apresenta-se com tres saias de chita, pintadas de ramagens, muito enxovalhadas; veste uma farda de capitão de infantaria, desabotoada, deixando ver o peito nú, porque camisa não usa; e na cabeça, sobre um barrete de lã vermelha, põe nobremente um chapéu armado de estado maior.

O Bahita traça saias de lã de vistosas côres, uma rica farda de par do reino, quasi nova, e na cabeça, sobre o indispensavel barrete, uma barretina de caçadores 5.

O Batara está litteralmente coberto de andrajos, e traz á cinta um espadão enorme.

Estes illustres e graves personagens estão rodeados dos séculos e altos dignatarios das suas negras côrtes, que tomam assento no chão em torno da cadeira do soberano. O Bahita era acompanhado de um menestrel, que tirava de uma marimba, monotona toada.

Esta marimba é formada de dois paus de um metro de comprido, ligeiramente curvos, em que assentam em cordas de tripa taboinhas pequenas de madeira, cada uma das quaes é uma nota da escala. O som é reforçado por uma fila de cabças collocadas inferiormente, sendo a que corresponde á nota mais baixa da capacidade de 3 a 4 litros, e á mais alta 3 a 4 decilitros.

Os Sobas portaram-se com grande seriedade, e eu fingi tambem que os tomava a serio.

Depois de me prometterem carregadores, vieram acompanhar-me a casa, que distava uns dous kilometros da fortaleza; e como eu dêsse uma garrafa de aguardente a cada um, mandaram elles dançar a sua fidalgaria, e o Bahita mandou entrar na dança umas raparigas que haviam ficado de parte.

Eu pedi-lhes que dançassem elles; mas responderam-me, que a sua dignidade lh'o não permitia, sendo isso contra as pragmaticas estabelecidas. Eu ardia em desejo de ver o Bahita dan-

çando, de saias e farda de par; e conhecedor do imperio da aguardente nos pretos, mandei dar outra garrafa aos Sobas.

Foi o bastante. Atropellaram as suas leis, e eil-os saltando em grutesca dança no meio do seu povo, que entusiasmado por tal honra, redobra de contorsões e momices, que chegam a attingir o delirio. O Bahita é magnifico, e com certeza o typo do rei Bobeche foi creado por este molde. Falla continuamente em mandar cortar cabeças, sentenças estas que os seus escutam com a maior submissão, mas de que interiormente se riem, porque bem sabem que o governo portuguez lh'o não consente.

O Dombe Grande é um fertilissimo valle, que se estende primeiro do S. ao N., e depois a O., quasi em angulo recto, até ao mar. E enquadado por dois systemas de montanhas, um por oeste, que borda a costa, e outro por leste, em cujo sopé corre o rio *Dombe, Coporolo*, ou *Quiporolo*, e até rio de *S. Francisco* — que todos estes nomes tem.

É rio que de inverno traz muita agua, mas de verão é secco; sendo que, mesmo nas maiores estiagens, agua se encontra cavando poços; o que acontece em todo o valle do Dombe, onde não é preciso profundar mais de 3 metros para a obter. Junto das montanhas de O., na parte em que o valle se estende N. S., ha uma lagôa de 50 metros de largo por um kilometro de extensão, e da fôrma de S. Esta lagôa é curiosa, porque não é formada por depositos pluviales, mas sim alimentada por uma forte nascente subterranea, por nunca alterar o seu nivel, e produzir infiltrações, que, um kilometro abaixo, vão formar nascentes, que são aproveitadas na rega de uma propriedade. Dizem que tem peixe bagre, tainha e muitos crocodillos.

Tenho-a visitado muitas vezes, e nunca vi ali crocodillos ou peixes; mas é certo que os ha, por que m'o afiançou o meu hospedeiro, dizendo-me mesmo, que são muito vorazes; e que, tendo sido em 1876, a sua propriedade atacada por um bando de salteadores de Quillengues, estes, rechaçados pelos seus pretos, tentaram na fuga atravessar a nado a lagôa, não logrando um só attingir á outra margem, porque todos foram presa dos vorazes amphibios.

Nas montanhas de oeste junto á lagôa, montanhas formadas de carbonato calcáreo e algum sulfato de cal, existem algumas grutas, uma das quaes nos afiançou o nosso hospedeiro, nunca ter sido visitada, ser enorme, e parecer, tanto



quanto por fóra se podia observar, que contém extensas galerias.

Fomos visital-a, eu, Capello, e o nosso hospedeiro Reis, e verificamos não ter ella merecimento.

É um salão proxivamente circular, de 14 metros de diametro, architectado pela natureza na immensa mole de calcáreo, que fôrma a mon-

tanha. Parece ser guarida habitual de feras, que o dá a entender o ar saturado do fedôr almiscarado de certos animaes, bem como as traças de leão impressas no pó impalpavel que cobre o chão, onde encontramos alguns espinhos do Hystrix africano.

No valle do Dombe ha algumas feitorias agricolas importantes, sendo as principaes a do Loa-



SAIDA DO SOBA CHIMBARANDONGO — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

che, a de Paula Barboza, e a do nosso hospedeiro Santos Reis. Esta ultima conta apenas tres annos de existencia, e produz cana de assucar de que extrahe para cima de 40 mil litros de aguardente; e note-se, que o terreno era antes mato, e foi desbravado ha só tres annos. É uma feitoria que começa; tudo ali está ainda em construcção; mas pelo resultado já obtido se pôde aquilatar a riqueza do solo ali.

Todo o valle é cultivado de mandioca pelos indigenas, e tão fertil é, que depois de tres annos de falta de chuva, não tem deixado de ter producção regular, exportando cerca de 70 mil decalitros de farinha por anno. E' o celeiro de

Benguella. Os indigenas ali não permutam as fazendas, mas sim vendem a dinheiro, cujo valor já conhecem.

A demora que ali tivémos foi prejudicialissima à ordem e disciplina da minha gente.

Todos os dias apresentavam novas exigencias, todos os dias levantavam disputas entre si; e eu não podia ser demasiado severo, com receio de que me desertassem todos.

Venderam os pannos para comprar aguardente, e chegaram a vender as rações de comida para se embriagarem.

Os soldados eram os peiores. Os Sobas não mandaram gente, e eu principiei a ver a repeti-

ção das scenas de Benguella. Não podiamos seguir. No dia 1 de dezembro, chegaram ao Dombe 30 homens mandados de Quillengues pelo chefe militar, a buscar bagagem sua; mas eu lancei mão d'elles, e decidi com os meus companheiros partirmos no dia 4.

Tinha havido mais tres deserções, dois homens de Novo Redondo e um de Benguella.

Os nossos burros eram muito manhosos, e não havia ensinal-os; todavia resolvemos conservar-os.

### CAPITULO III

#### HISTORIA DE UM CARNEIRO

Nove dias no deserto — Falta de agua — O ex-chefe de Quillengues — Eu perco-me nas brenhas — Dois tiros a tempo — Perde-se um muleque e uma preta — Perde-se um burro — Quillengues emfim — Morte do carneiro.

A 4 de dezembro deixei o Dombe, pelas 8 horas da manhã, e segui para Quillengues. O Capello e o Ivens ficaram ainda, para enviar algumas cargas; deviam ir encontrar-me á noite. Foi conselho dos guias, que não tomassemos o caminho das caravanas, mas sim um atalho conhecido d'elles, para evitarmos as passagens do Rio Coporolo, que já então levava muita agua, dando difficeis váos, e que aquelle caminho corta em diversos pontos.

Depois de duas horas de jornada na planicie chegamos ao sopé da serra da Cangemba, que borda por leste o valle do Dombe. Descançamos um pouco, e ás 11 horas, emprehendemos o subir da serra pelo leito de uma torrente, então secco. Foi difficil trabalho. Os homens iam muito carregados; porque, além das cargas da expedição, do peso de 30 kilogrammas, levavam para si rações para nove dias, em farinha de mandioca e peixe secco. A differença de nivel era de 500 metros apenas; mas o leito da torrente, formado de rochas calcáreas, offerencia obstaculos enormes ao caminhar por ellê. Em muitos pontos era preciso com as mãos ajudar o corpo na subida, e o passar ali os seis jumentos, deu grande canceira. Tinhamos comprado no Dombe dois carneiros, para matar em caminho, um dos quaes facilmente seguiu a comitiva, mas o outro deu trabalho, porque se recusava a andar, e a sua teimosia em volver ao Dombe era constante. Foram tres horas de fadigosa marcha, que tanto gastamos para transpor um espaço que não passava de mil metros, e isto por um sol abrasador, deixou-nos extenuados de fadiga. Acampamos logo junto a um poço cavado no leito arenoso de um ribeiro que ia secco, ribeiro a que os Mundombes chamam Cabindondo.

(Continúa.)

## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 7)

### XVI

#### A POLICIA SECRETA

**P** RINCÍPIO que faz derivar os poderes do voto popular, todos os dias está tendo novas applicações e em parte alguma a sua acção regeneradora é mais evidente do que nos tribunaes. Ha vinte annos a administração justiça era a mais defeituosa do governo russo.

Os vicios d'organisação que era preciso reformar, as chagas profundas que era mister cauterisar, eram uma tarefa das mais difficeis.

N'um paiz em que o chefe do estado não só reina, mas tambem governa, immensos funcionarios estão associados ao exercicio irresponsavel do poder; o seu numero excede talvez o dos

homens que compartilham da auctoridade benefica d'um rei constitucional. Com effeito um principe só tem dois olhos, dois ouvidos e duas mãos. O circulo em que pôde vêr, ouvir e obrar, é necessariamente limitado; para tudo o que quizer fazer fóra d'este limite restricto tem de recorrer a intermediarios e é sobre elle que recaem as censuras dos actos praticados pelos seus lugares-tenentes.

Os membros da policia secreta, os governadores de provincia, geraes e locaes, taes são os delegados que em nome do czar exercem o poder imperial.

A policia secreta possui uma auctoridade immensa, acima d'ella só reconhece o chefe do estado. Não tem uma esphera d'acção especial, distincta, mas domina todos os outros poderes. O seu chefe, o conde Schouvalof, é o primeiro



KAZAN : CONVENTO — Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia

funcionario do imperio, o unico que tem o direito de, a qualquer hora, se apresentar ao czar. Nas nações orientaes o privilegio de se approximar do soberano dá a medida quasi exacta da cathegoria que se tem no estado. O direito d'audiencia está, no palacio d'Inverno, submettido a regras muito simples. Os ministros do interior, da instrucção publica, das finanças, só são recebidos pelo imperador uma vez por semana. Os ministros da hierarchia mais elevada, o da guerra por exemplo, e o dos estrangeiros, são recebidos todos os dias, mas a uma hora fixa. O ministro da policia póde entrar no gabinete imperial a qualquer hora do dia e no seu quarto de cama a qualquer hora da noite.

Ha pouco ainda o poder d'este ministro egualava a sua posição na cõrte; nos negocios internos era soberano e aconteceu a mais d'um infeliz administrador o ser sua victima depois de ter sido seu instrumento. Uma parte das suas attribuições estão agora em poder dos tribunaes, mas nem por isso a policia deixa de estar acima da lei: ella póde invalidar uma sentença e, *por medida d'administração*, enviar ao exilio um desgraçado que os tribunaes tenham absolvido.

Durante a minha estada na cidade d'Arkhangel um actor e uma actriz foram trazidos em *tarantasse* de S. Petersburgo; fizeram-os apejar na praça publica e disseram-lhes que tratassem da sua vida, mas que se lembrassem que lhes era formalmente prohibido o sahir as portas da cidade sem um salvo-conducção do governador. Ninguem sabia o crime que os dois tinham commettido. Elles não diziam nada, os jornaes tinham emmudecido; o mysterio que os envolvia prestava-se a conjecturas e a imaginação publica divagava. A supposição mais verosimil era que elles tinham representado um papel em qualquer drama da vida real. As uniões clandestinas não são tão raras na Russia, como em França e Inglaterra. Os dois exilados tinham-se, dizia-se, compromettido n'um casamento bohemio que tinha profundamente ferido o orgulho d'uma familia poderosa e como era impossivel castigar o par fugitivo, os pobres artistas tinham sido arrancados ao seu throno de lantejoulas para dar satisfação á familia irritada.

Encontraram-se pois lançados nas costas do mar Branco estes dois exilados; deviam viver em Arkhangel como podessem, até que os verdadeiros culpados tivessem obtido o perdão das suas familias. Fizeram um theatro n'uma cabana e o seu debute foi saudado com enthusiasmo

pela sociedade elegante. O que representavam apenas merecia o nome de peças dramaticas. Eram unicamente os dois artistas, e não de grande merito, que formavam a companhia. Todavia conseguiram sustentar os espectadores acordados, executando algumas experiencias curiosas de physica e representando algumas scenas de comedias allemãs sem merecimento algum. E' d'esperar que a colera dos deuses se aplaque e que os dois personagens d'esta comedia poderão voltar para uma grande cidade capaz de prestar á sua arte um meio mais propicio.

Estes actores foram expulsos apenas por uma ordem da policia. Não foram julgados; não lhes foi permittida a defeza; não lhes deram a conhecer a natureza do crime que lhes imputavam. Um agente de policia foi em *droschki* a casa de cada um d'elles, e com esse tom de voz de que só a policia tem o privilegio, disse-lhes:

«Apromptem-se; dentro de tres horas partimos... para Arkhangel.»

Seja qual fôr a sua idade, o seu sexo, a victima não tem, em taes casos, outra coisa a fazer, se não metter, á pressa, n'uma malla os objectos mais caros e menos indispensaveis e seguir o esbirro, subir para o *droschki* e, em silencio, obedecer aos poderes occultos. Tribunal algum quereria ouvir as suas reclamações, juiz algum prestaria attenção ás suas queixas.

Infelizmente estes actos não são raros. Nas ruas da mesma Arkhangel encontrei eu uma dama que, por ter sido apenas suspeita de que, com discursos, tentava desviar os estudantes da obediencia que devem ao estado e á Igreja, foi para aqui exilada.

Como a policia, as universidades foram o objecto de reformas ditadas por um espirito conciliador e liberal. Nicolau dera aos estudantes um uniforme, o direito de usarem espada, e o titulo de officiaes da corõa. Eram considerados nobres, formavam um corpo separado no estado e quando percorriam as ruas cantando, ou quando se sentavam ás mezas de jogo, o publico via n'elles uma corporação privilegiada, á qual era sempre necessario ceder o primeiro lugar. O actual imperador, que quiz corrigir estes abusos, esforça-se por trazer esta mocidade turbulenta a habitos mais conformes com os cargos futuros que têm a desempenhar na sociedade. As espadas foram prohibidas, os uniformes foram-lhes tirados, o direito de se reunirem para cantarem nas ruas ou para patearem as peças nos theatros foi-lhes coartado. Todas as distincções foram abolidas; os

estudantes, como todas as outras classes da população civil, estão sob a alçada da policia commum e dos tribunaes ordinarios.

Como era de esperar os estudantes obedeceram contra vontade á medida que lhes arrancou a espada e o uniforme; alguns estroinas, posto que professando opiniões republicanas, suspiram pelos antigos privilegios e mesmo têm saudades do tempo em que eram chamados: «os servidores do czar».

No mez de março de 1869, esses rapazes fi-

zeram reuniões tumultuosas. O imperador sabedor do facto, enviou-lhes Trépof, o director geral da policia, homem de sã razão e de character liberal, que tornaria popular a sua administração se fôra possível ella tornar-se sympathica alguma vez.

—Que querem os estudantes? perguntou-lhe o czar.

—Duas coisas: pão e posição.

—Pão!

—Sim, meu senhor; muitos são pobres; têm



UM ADVOGADO RUSSO — Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia

o estomago vazio, o cerebro em actividade e a lingua afiada.

—Que se pôde fazer a esses pobres diabos?

—Algum dinheiro socegaria essa agitação; bastava agora dar umas vinte mil libras e prometter um subsidio annual aos estudantes pobres.

O dinheiro foi enviado para a universidade imperial, a fim de ser dividido segundo as necessidades dos discipulos; infelizmente o reitor e professores reputaram a dadiwa do czar como um presente a elles feita e distribuiram o dinheiro pelos seus filhos e sobrinhos, os quaes tinham posses bastantes para pagar as propinas e matriculas. Os estudantes fizeram novas reuniões e dirigiram

ao povo uma proclamação n'uma linguagem violenta, cheia de metaphoras retumbantes.

Tratando com o governo de potencia a potencia, estes doudivanas redigiram um *ultimatum* contendo quatro artigos. Pediam:

1.º—Direito de crear um club de estudantes;

2.º—Direito de se reunir e de apresentar em corporação as suas queixas aos governos;

3.º—O registro de todas as pensões concedidas aos estudantes pobres;

4.º—A abolição das propinas universitarias.

Segundo parece um partido politico retrogrado tinha aberto uma subscrição, cujo producto seria para conservar revoltados estes rapazes. Suspeitava-se mesmo que os conservado-

res empregavam como intermediarios mulheres habeis e intrigantes para fomentar a discordia no seio da universidade. Estes conspiradores de saias não eram facéis de descobrir, pois que a sua propaganda consistia em sorrisos e gracejos que faiscavam, emquanto tomavam uma chavena de café. Comtudo muitas foram presas e entre ellas a dama que encontrei nas costas do mar Branco. A suspeita de ter incitado os estudantes era o seu unico crime.

Quando a exilada chegou ao logar que lhe fôra destinado, o espanto foi geral; parecia tão fraca, tão enfraquecida do corpo e do espirito, tão desprovida d'astucia! Não tinha aptidão alguma para a intriga. Conversando-se com ella um quarto d'hora via-se bem tudo isto.

O systema de suspeita seguido pelo governo russo cahia no ridiculo.

D'um lado estava um principe, o idolo do seu paiz, protegido por uma cota de malha, defendido por um milhão de bayonetas, sem fallar na artilheria, na cavallaria e na esquadra; e do outro uma fraca creatura, com cincoenta annos de idade, sem belleza, sem adoradores, sem fortuna; que receio podia uma tal inimiga inspirar ao imperador?

Citemos mais um exemplo. Um moço, escriptor de S. Petersburgo, Dimitri Pisareff, tendo ido tomar um banho de mar foi tragado pelas ondas. Este rapaz era politico; as opiniões avancadas que defendia tinham-lhe valido muitos annos de prisão na fortaleza de S. Pedro e S. Paulo. Amnistiado pelo imperador tornara a ser escriptor. Depois da sua morte, um livreiro da cidade Parlenkoff, admirador do talento de Pisareff, abriu uma subscrição, cujo producto era destinado a collocar a estatua do escriptor sobre o seu tumulo. A policia secreta teve conhecimento do projecto e como o nome de Pisareff estava nos seus livros marcado a tinta encarnada, considerou esta tentativa de glorificar um defunto como uma censura á perseguição que em vida lhe tinha sido feita.

Parlenkoff foi, dizem, preso á porta do seu estabelecimento, mettido dentro d'um carro e, sem fórma alguma de processo, conduzido para o extremo da provincia de Viatka, a duzentas *verstes* do seu domicilio. A sua loja está novamente aberta; julgô que lhe foi concedido o voltar.

Um romancista, rapaz ainda novo, chamado Gierst, autor de obras muito apreciadas pelo publico, foi victima d'um processo ainda mais

arbitrario. No ultimo anno (1868) começara n'uma revista mensal o *Dielo* (*O Trabalho*) um romance intitulado *O tempo antigo*. A historia prometia ser interessante; o estylo era brilhante e nervoso. Gierst defendia a Russia do seu tempo; a obra era devorada nos collegios e nas escolas. Todos fallavam e discutiam as theses propostas pelo escriptor; comparava os homens e as cousas do passado com as esperanças e os talentos que se patenteavam no presente. A policia agitou-se; mas, como não havia razões para metter o romancista em processo, acharam mais commodo o impor-lhe silencio com uma visita feita á meia noite. Procurou-o um agente de policia com uma ordem de partir immediatamente. Uma hora depois estava a caminho. Os cavallos arrastaram-o n'uma corrida vertiginosa sem que elle soubesse para onde; viajando assim dia e noite chegou emfim a Totma, pequena e miseravel cidade da provincia de Vologda, a novecentas *verstes* de S. Petersburgo.

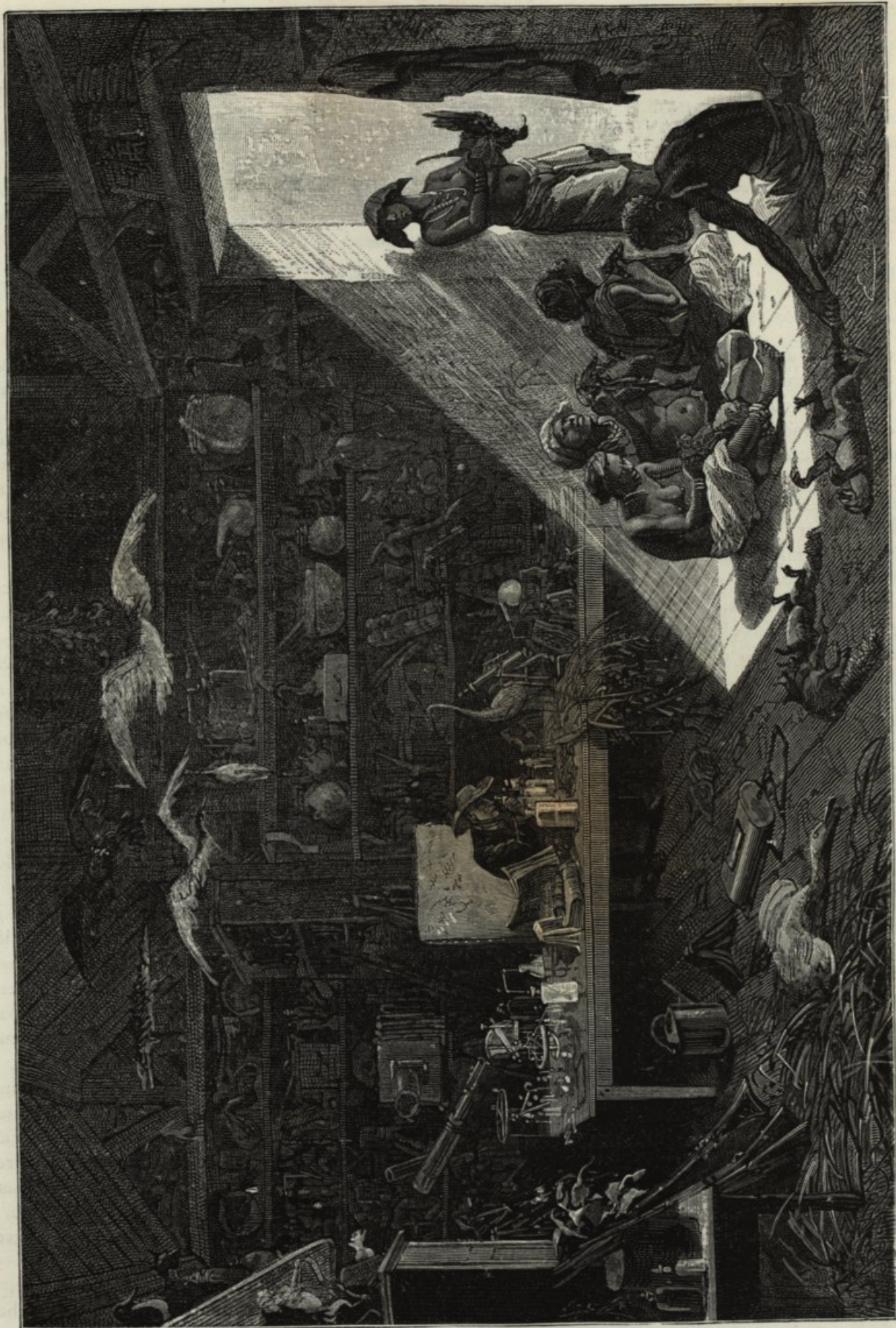
Ahi fizeram-o descer do carro e o que o acompanhava recommendou-lhe que não sahisse d'ali sem auctorisação do ministro da policia.

Nenhum dos amigos de Gierst sabia o que lhe tinha acontecido. A sua casa em S. Petersburgo estava vazia; o unico indicio da sua partida era a narração do creado que o vira raptar. Á imprensa foi prohibido o fallar d'este mysterioso negocio, a interrupção do romance no *Dielo* foi o unico indicio que o publico teve de que a policia prendera o escriptor. As cartas que este dirigio aos jornaes foram supprimidas como perigosas, e foi unicamente por meio d'um arдил que elle informou os seus leitores do logar em que estava desterrado.

O romancista escreveu ao director da revista desculpando-se por ter interrompido o romance. Como se limitava a dizer que não podia n'esse momento continuar a sua obra, a auctoridade não se oppoz á publicação d'este aviso. Viu-se a data que trazia a carta e o nome de Totma descobriu tudo ao publico.

Em todos os salões se riram muito da policia, e, esta furiosa por ter sido enganada, voltou o seu odio contra o espirito incisivo que pozera a descoberto os seus ridiculos. Gierst continúa exilado em Totma e o *Dielo* continúa esperando a terminação do romance começado. Uma duzia de novellas, cheias de graça, já publicadas, ainda não poderam fazer com que o publico esquecesse o romance começado e o seu infeliz autor.

(Continúa.)



INTERIOR DA CASA D'ANCHIETA — Desenho de Emilio Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

## COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA À CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

### A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da fôlha 3)

**P**LOGAR era árido, e apenas vegetavam aqui e alem alguns espinheiros brancos, rachiticos e ressequidos pelo sol, que n'esta epocha do anno queima. O nosso horisonte era formado pelas cumiadas das montanhas que correm norte-sul.

Pela tarde chegaram Capello e Ivens, e fomos logo comer; que eu estava ainda em jejum. No dia 5 de manhã, seguimos a S. E., e depois de 4 horas de marcha, em que vencemos um espaço de 20 kilometros, assentamos campo em um logar que os guias chamaram Taramanjamba; valle extenso, cercado de cerros pouco altos. A altitude é de 600 metros, mostrando que apenas estavamos elevados 100 metros acima do nosso campo de hontem.

A vegetação continua pobre, e a falta de agua é grande.

Para beber e cozinhar, apenas obtivemos pouca, de depositos fluviaes nas cavidades das rochas; depositos que foram logo esgotados pela nossa sedenta caravana, sendo que á noite já se fazia sentir a sede.

Durante a marcha, se os jumentos continuaram a ser incommodos, não o foi menos o carneiro, que era bravissimo, e mais teimoso que os burros. Decidi matal-o, e tendo combinado isso com os meus companheiros, dei as ordens n'esse sentido aos muleques, e fui dar um passeio aos arredores.

De volta ao campo, vi que os muleques não tinham comprehendido a minha ordem, e em logar de matarem o carneiro bravo, haviam morto o manso.

No dia seguinte partimos de madrugada, e depois de cinco horas de marcha, acampamos no logar chamado Tiue, onde nos affiançaram os guias haver agua.

Contra o que eu esperava, o carneiro, não só

deixou de ser teimoso, mas pôz-se a seguir-me, fazendo-me constante companhia, já em marcha, já no campo.

A marcha n'esse dia foi difficil; porque, não só a sede abrasava a gente, mas ainda por uma hora andamos no leito secco do rio Canga, pedregoso e desnivelado, o que nos fatigou muito.

O terreno é já granitico, e a vegetação arborescente luxuriante.

Agua, como na vespera, foi da chuva, recolhida nas cavidades das rochas; mas era melhor ao paladar e mais limpida á vista.

Tinhamos alguns homens com feridas nos pés, que só chegavam tarde ao campo, porque se lhes difficultava o andar; e ainda outros que, por fracos, se atrazavam, e por preguiça muitos.

N'esse dia, entre os retardatarios figuravam os carregadores do rancho; fazendo isso que só tarde comessemos. O Capello, de si pouco communicativo, não se queixava dos incommodos que soffria; mas Ivens, loquaz e de genio alegre, não se calava e fazia-nos rir a cada passo, com os seus ditos engraçados. O appetite era já grande, quando chegaram os carregadores, e elle não desfitava os olhos de uma perna de carneiro que um muleque volteava junto da fogueira em espeto de pau, e de repente disse: «Se meu pae podesse ver como eu olho para aquella carne até chorava.»

Desde o Dombe apenas tinhamos comido uma vez no dia, e assim, a nossa gente; com a differença, porém, que elles comiam sem interrupção desde o acampar até dormir; o que me fazia receiar, que as rações distribuidas para nove dias, depressa fossem gastas, e em seguida viesse a fome, em paiz onde era impossivel obter viveres.

Avançamos 25 kilometros no dia seguinte, a E. S. E., e fomos acampar em uma floresta cha-



mada a Chalussinga; sendo o piso d'esse dia relativamente melhor, sempre por terrenos graníticos, e por entre vegetação mais vigorosa que até ali.

N'essa floresta encontramos os primeiros baobabs que desde a costa temos visto. A agua continuava a ser escassa, e sempre de depositos pluviaes. Pelas três horas d'esse dia, fomos avisados de que uma caravana se dirigia ao nosso campo, vindo do interior; e saindo logo ao seu encontro, soubemos ser o ex-chefe de Quillengues, Capitão Roza, que ia doente para Ben-guella.

Convidamol-o para a nossa barraca, onde jantou; partindo em seguida, depois de se prover de medicamentos, que gostosamente lhe offerecemos. Logo que elle partiu, fui avisado pelos muleques, de que em torno do campo se viam traças frescas de caça; e sahi a ver se a encontrava. Segui um rasto de grandes antilopes, e tão longe me levou elle, que veio a noite, e com ella as trevas, sem que pudesse atinar com caminho para o campo. Uma montanha elevada projectava o seu vulto sombrio contra um ceo nebuloso, onde nem uma estrella brilhava. Tive idéa de subir a ella, para do cume, vendo o clarão dos fogos do meu campo, dirigir para ali os meus passos; idéa que executei com bom resultado, porque effectivamente enxerguei ao longe um clarão que tratei de alcançar, tendo marcado pela bussola a sua direcção. Não se imagina o que seja caminhar em noite escura por entre as sarças de uma floresta virgem, e quanto tempo se leva a transpor um curto espaço; deixando aqui e alem farrapos da roupa, senão tiras da pelle.

Cheguei por fim, já guiado pelo vozear do gentio; mas, qual não foi a minha decepção, vendo que pelo meu tinha tomado o campo do Capitão Roza, que devia estar a 6 kilometros longe d'elle! Porém, como um caminho ligava os dois campos, porque uma caravana que passa deixa trilho, endireitei por elle, e depois de uma hora de jornada, já ouvia o som das businas que os meus tocavam, e dos tiros que disparavam, para guiar os meus passos.

Foi extenuado de fadiga e molestado dos espinhos, que cheguei á minha tenda, onde Capello e Ivens não estavam livres de cuidados.

Ali tive uma noticia inquietadora, mas que não foi surpresa.

Já se sentia falta de viveres, e sobre tudo os soldados já tinham em 5 dias comido a ração de 9.

No dia seguinte forçamos a marcha um pouco mais, e percorremos em 6 horas 30 kilometros a E. S. E.

O caminho era bom, marchando no trilho da caravana do Capitão Roza. Nas florestas que atravessamos continuaram apparecendo baobabs gigantescos. Depois de passarmos o rio Calucula, acampamos na sua margem direita.

O rio leva pouca agua, mas esta é limpida e boa.

Continuavamos a comer só uma vez por dia, e a hora da refeição variava entre a 1 e 3, conforme as marchas. Era preciso poupar os viveres. Ressentido da fadiga da vespera não sahi a caçar n'esse dia, e fiquei na barraca.

O Ivens foi desenhar, como costumava; e o Capello apanhar insectos e reptis.

Os soldados terminaram as rações, e começaram a queixar-se de fome, fallando em matar o carneiro. Eu tinha-me affeçoado ao animal, que de bravo que era, se tinha tornado manso e meigo, acompanhando-me nas marchas e não me abandonando um momento. Oppuz-me a que fosse morto, e o Ivens deu aos soldados um pouco de arroz do nosso.

A 9, levantamos campo, ás 5 horas, e sustentamos a marcha até á uma; hora a que acampamos nas faldas da serra da Tama. Das 8 ás 9 horas seguimos ao sul, na margem esquerda do rio Chiculi Diengui, que vae ao N., provavelmente ao Coporolo. A vegetação é cada vez mais luxuriante, e n'esse dia o nosso caminhar foi por entre florestas espessas.

Logo que se estabeleceu o campo, renovaram-se as representações dos soldados famintos, e com ellas a ideia de matar o carneiro. O Ivens deu nova ração de arroz aos soldados, e isto, ainda que contemporisava, não era uma positiva salvação para o pobre animal.

Ainda que extremamente fatigado, resolvi ir caçar, para salvar a vida do meu carneiro.

Durante uma hora percorri a floresta sem resultado, e já voltava ao campo, quando avistei, n'uma pequena clareira, duas gazellas que pastavam.

Approximei-me, mas a mais de cem metros fui presentido. O macho saltou para sobre uma rocha, e d'ali começou a espiar a floresta com a sua vista experimentada; emquanto a femea, de orelha á escuta, investigava os arredores.

Era grande a distancia, mas não hesitei, e atirei ao macho, que vi cair fulminado para alem do rochedo. A femea, ouvindo o estampido do

tiro, saltou ligeira sobre o penhasco e eu disparei-lhe o meu segundo tiro, vendo-a em seguida pular, com um salto elegante, e desaparecer no mato.

O meu muleque correu logo a buscar o antilope morto, mas eu vi que, em lugar de parar junto do rochedo, seguiu sempre; dirigi-me para ali com o coração palpitante, porque supuz que me tinha enganado julgando ver cair o primeiro antilope. Tornei a rocha, e tive um grande alvo-

roço. O lindo animal (*Cervicapra bohor*) estava estendido sem vida.

Mal tinha tido tempo de o contemplar, quando do mato sahio o muleque curvado ao peso de grande carga.

Era o segundo antilope, que elle tinha levantado morto, a poucos passos na floresta. Ambos tinham sido feridos no peito, mas ao passo que o macho cahiu sem vida, a femea pôde effectuar uma pequena carreira.



GACONDA — Desenho de A. de Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto

Estava salvo o carneiro, e como em dois dias devíamos chegar a Quillengues, e ali teríamos recursos, estava salvo para sempre.

No seguinte dia, depois de marcha de 35 kilometros, e de termos passado a vao os rios Umpuro, Cumbambi e Comooluena, fomos acampar na margem direita do Vambo—que todos correm ao N., a unir as suas aguas (quando as tem), ao Coporolo, que aqui já se chama Calunga, nome que conserva até à sua nascente.

Na jornada d'esse dia começamos a encontrar gramineas enormes, nas clareiras do mato.

Tão grandes, que era impossivel ver nada com ellas, e difficil o caminhar. Durante a marcha desapareceu um meu muleque pequeno, e uma preta, mulher do muleque Catraio do Capello; e ainda que enviei gente a procural-os, não foram encontrados.

A escacez dos mantimentos era grande, e não eram já só os soldados a queixarem-se de fome, todos faziam representações, e não attendiam a razões. Tivemos de seguir.

No dia 11, depois de passarmos dois riachos que as chuvas tornam caudalosos, o Quitaki e

o Massonge, fomos acampar na margem direita do rio Tui, muito proximo de Quillengues. Dos muleques perdidos não havia noticia, e faltava desde a vespera um jumento, que não appareceu. Enquanto se estabelecia o campo, eu segui para a fortaleza de Quillengues á busca de viveres, com que voltei ás 8 da noite. Estava decididamente salvo o meu carneiro.

N'essa noite appareceram o muleque e a preta perdidos, e isso deu-me um verdadeiro prazer; porque, forçados a marchar, pela fome, não tinhamos podido demorar-nos a procural-os.

O logar onde acampamos era baixo e pantanoso, fóra de recursos, e isolado; e por isso re-

solvemos ir acampar na libata do chefe de Quillengues, onde entramos no dia 12, pelas 11 horas.

Paguei e despedi os carregadores do Dombe e Quillengues contratados até ali; e pedi ao chefe, o tenente Roza, para me obter outros até Caconda; o que elle me certificou ser facil, dizendo-me logo, que sabia como os rios entre aquelle ponto e Caconda iam cheios, e por isso não davam passagem; o que nos impedia de partir immediatamente.

N'esse dia já comemos bem, e tivemos duas comidas, almoço e jantar.

Alguns dias depois, appareceu o jumento que



COBRA — Desenho de A. Ferdinandus, segundo um esboço do major Serpa Pinto

se tinha perdido no matto, trazido por um indigena, que o tinha encontrado. Gratifiquei bem o preto, para o incitar a ser honesto; pois que nunca julguei ver mais o pobre animal, que, se escapasse das feras, não escaparia á ladroagem dos naturaes, pensava eu.

Quillengues é um valle regado pelo Calunga (rio que eu supponho ser o curso superior do Coporolo), valle fertilissimo, e coberto de povoações indigenas.

O estabelecimento portuguez occupa uma área de 45:500 metros quadrados; por ser um rectangulo de 250 metros por 182. Este rectangulo, cercado de pallçada, tem quatro baluartes de alvenaria, a meio de cada face; e dentro uns abarracamentos, que são morada do chefe militar, e quarteis dos soldados.

Alguns baobabs e figueiras sycómoros crescem ali, assombrando com seus ramos gigantescos um terreno coberto de gramineas indigenas, onde pastam os rebanhos do chefe.

Se a importancia de Quillengues é grande como ponto productivo, e facilmente colonisavel, não o é menos como posição estrategica; pois que pode ser considerado uma das chaves do sertão interior, com respeito a Benguella.

Os sobetas do paiz reconhecem a auctoridade portugueza; mas, de natureza salteadores, atacam sem cessar outros povos indigenas, para lhes furtarem o gado.

São mais pastores do que lavradores, mas, ainda assim, cultivam a terra, que de uberrima suppre o pouco trato; produzindo milho, mas-sambala, e mandioca, em quantidade grande.

As suas habitações são cubatas circulares, de 3 a 4 metros de diametro, construídas de grossos troncos de madeira, revestidas de barro. A porta é bastante alta, para dar entrada a um homem sem se curvar.

Os Quillengues, são de estatura elevada, e robustos, atrevidos e guerreiros. São pouco industriais, e apenas fabricam o ferro, fazendo azagaias, ferros de frechas, e machados, já de guerra, já de cortar madeira.

As enxadas não as forjam, e são por elles compradas no Dombe, ou em Benguella.

Os seus curraes, são como as povoações, cercados de forte paliçada; sendo esta revestida exteriormente de abatizes espinhosos, para evitar o assalto nocturno de feras.

Os campos de mandioca são igualmente cercados de espinheiros; porque ali abundam corças pequenas (*Cephalophus mergens*), que das folhas são ávidas, e causam grande damno às plantações.

A aguardente é genero muito estimado pelos Quillengues, e são elles tão dados á embriaguez, que, durante tres mezes no anno, tanto quanto dura o fructo do gongo, fazem d'elle uma bebida fermentada, com que estão continuamente embriagados; não sendo possível obter d'elles o menor serviço.

Quando um homem quer casar-se, envia ao pae da escolhida um presente, que deve ser pelo menos de 4 metros de panno da costa, e duas garrafas de aguardente; e logo com o portador vem a noiva e seus parentes comer, em grande bródio, um boi, que deve offerecer-lhes o noivo. O adulterio é coisa de grande estimação para os maridos; sendo que por lei fazem pagar ao amante multa, que se traduz em gado e aguardente.

A mulher que não tem commettido algum adulterio é mal vista do marido, por não augmentar os seus haveres por esse meio.

Logo que alguma commette a falta, vae ao marido queixar-se de que foi seduzida, e entre elles faz prova a accusação da mulher.

Entre o povo, os cadaveres são enterrados em logar escolhido, e conduzidos á cova n'uma pelle de boi, cobertos de panno de algodão branco. Os dias de nojo, são dias de grande festa em casa do finado. Os sobetas têm sepultura reservada, e são ali conduzidos dentro de uma pelle de boi preparada em odre, depois de lhe vestirem as melhores roupas.

Nas festas d'obito ha mortandade enorme de

gado, porque o herdeiro tem obrigação de matar todo o rebanho, para regalar o seu povo, e contentar a alma do finado.

No dia 22, houve um desastroso acontecimento no nosso campo.

Um dos meus muleques furtou-me uma bala explosiva do systema Pertuisset; e de companhia com dois outros, decidiram repartil-a de modo que a cada um tocasse seu pedaço de chumbo. Armaram-se de uma faca, e posta a bala sobre uma pedra deu-lhe elle um golpe, estando os outros dois acorados para melhor ver a partilha; quando subito a bala faz explosão, ficando os tres feridos, e sobre tudo o muleque de Silva Porto Calomo, que recebeu treze estilhaços, produzindo alguns, feridas profundas.

Mandamos uns pretos reconhecer, se já dariam vão os rios; e por elles soubemos, que se conservavam altos; o que bem supponhamos, porque, durante a nossa estada ali, não cessou de chover. Resolvemos então seguir outro caminho, o qual, ainda que mais longo, era mais enxuto de aguas; e por isso, pedimos ao chefe nos tivesse promptos os carregadores; o que elle fez, distribuindo eu as cargas no dia 23; mas n'esse dia senti-me muito mal, e ainda que fiz seguir as cargas, fiquei eu, e os meus companheiros por meu respeito. Lutei com violenta febre por tres dias, e não tenho consciencia de ter passado o dia 25; dia duplamente festivo para mim, porque, sendo o de Natal, é o anniversario de minha filha.

Tiveram cuidado de mim Capello e Ivens, o chefe Roza e sua esposa; e no dia 28, pude levantar-me e sair, decidindo logo partir no 1.º de janeiro de 1878, isto é, tres dias depois.

A esposa do tenente Roza fez-me dois presentes, que eu mal sabia então estavam destinados a representar um papel, ao diante, na minha viagem.

Foram elles um serviço de chá de porcelana de Sévres, e uma cabrinha muito meiga, de raça pequena, a que puz o nome de Cora.

A esse tempo succedeu um desastre, que deveras me contristou. O meu carneiro, por causa de quem eu tive de sustentar tantas lutas com os carregadores famintos, foi morto por uma cadella perdigueira, que eu levava de Portugal, e dera ao Capello. Perseguido pela cadella, na fuga quebrou uma perna ao passar por entre a paliçada do campo, e em breve se finou. Foi o meu primeiro grande desgosto n'esta viagem, tão abundante d'elles.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 9)

**F**XISTEM muitas superstições dos Bascos communs a Portugal; conhecido o character supersticioso dos antigos Vasconios, notado por Strabão sobretudo na pratica dos agouros, e modernamente por Boucher de Perther, importa colligir essa serie de factos semelhantes para recompôr esse fundo persistente da credulidade primitiva. A superstição de *treze á meza*, tendo de morrer um dos convivas dentro d'aquelle anno; o *espirro*, como mau presagio, que tem de ser desviado por uma saudação; o *saleiro derramado* á meza; as *facas encruzadas*; o *pio do mocho*; o *uivo do cão*; o character aziago da sexta feira, que se conserva no anexam popular:

A' sexta feira  
Não cases a filha,  
Nem lances a téa.

todas estas superstições são communs ao occidente da Europa, e d'aqui derivamos a importancia e a explicação das similhaças entre Portugal e o povo basco. Na Biscaia n'uma familia de sete filhos, um d'elles é marcado com uma cruz sobre a lingua, e tem a virtude de curar pela succão as feridas feitas por cão danado. Nas ilhas dos Açores ha esta superstição com umas leves modificações: Se uma mulher tiver sete filhos consecutivamente todos do sexo masculino, o mais novo de todos fica *lobishomem*, tendo de vez em quando de transformar-se em animal nocturno para *correr o seu fado*. Logo que anoitece, esse fadario começa, transformando-se em lobo, em porco, ou em burro, ou qualquer outro animal, voltando á fôrma natural só depois de uma vacação forçada e quando começa o despontar da aurora. Se durante a sua vacação é encontrado por alguém, se o ferirem e lhe *fizerem sangue* volta immediatamente á fôrma humana; é por isso que na crença dos Açores o lobishomem procura os individuos no seu caminho para ser ferido, e leva-os a todas as distancias com uma obediencia pasmosa. Esta superstição é hoje explicada como uma hallucinação morbida chamada *lycanthropia*.

Da terça feira, *dia aziago*, diz Prestes no Auto do *Mouro encantado*:

GRIMANEZA: Hoje me ergui  
triste, melanconisada.  
FERNÃO: Que dia he hoje? *terça feira*;  
vêde quando vos erguestes  
se posestes  
os olhos n'alguma *peneira*?  
GRIMANEZA: D'isso é.

FERNÃO: Agora sou bestes  
penetra-vos cem mil pestes,  
verdes *peneira* ou *joeira*  
ou *trepem*, ou *gato preto*,  
ou *meio alqueire pendurado*  
*ás terças* não é joquete. <sup>1</sup>

.....  
São isso agouros de velhas,  
sois d'essas que tudo crêem  
d'essas que veem  
o *homem das calças vermelhas*,  
e o *pesadello* tambem,  
*da mão furada*, e que tem  
arrecadas nas orelhas.  
Crede em Deus, de meu conselho,  
não tenhaes á casa entejo.

GRIMANEZA: Olhae cá, eu não golhelho,  
o que quer é que *no espelho*  
quando me vejo eu o vejo.

N'este mesmo Auto, Prestes allude á crença da conversão do thezouro encantado em carvão:

Que porque vol-a mostrei  
Carvão achei. (p. 409)  
..... armastes  
Muitos contos, taes enleios  
que *tudo em carvão* achastes. <sup>2</sup>

A adivinhação pela joeira, apparece citada em Inglaterra no poema de *Hudibras*, dizendo: «o oraculo do crivo, e das thezouras, cujo movimento é tão seguro como o das esferas.» Tylor descreve estas praticas do movimento da peneira tendo uma thezoura espetada no áro, que no seculo XIX reviveram nas classes elevadas no furor das mesas dansantes. O mesmo costume de adivinhar por *peneira* ou crivo (axinomancia) acha-se

<sup>1</sup> D. Francisco Manoel de Mello allude a esta crença: «Fadas de mãe, são como thezouros de Moira encantada ou escondida; ao primeiro és não és, eis carvão tudo.» Apologos dialogues, p. 62.

<sup>2</sup> Autos, de Prestes, p. 353.

tambem na Russia, o que nos leva a attribuil-o a uma camada ethnica mongolica. <sup>1</sup>

Nas superstições populares, a *figa* é um preservativo contra os feitiços ou jetatura; é o resto do symbolo phalico da mão, figurado na seguinte fôrma: passa-se o dedo polegar por entre o indicador e o dedo grande, tendo assim uma grande virtude contra os sortilegios e *mau olhado*. Faz-se com a mão ao natural, e considera-se um gesto insultuoso; e fabrica-se como amuleto, para se pendurar ao pescoço das crianças, tornando-se tambem um objecto de ornato segundo é feito em ouro, prata, coralina. Em um Auto de Antonio Prestes, allude-se á jetatura, e ao amuleto commum a todo o occidente europeu:

Lanço-te uma pulha de um ganço  
que quando comeres migas  
para ti se tornem *figas*,  
até, villão, barbas de picanço  
benzedeiro de bexigas  
curas leicenços a grou! <sup>2</sup>

De l'Ancre, no *Tableau de l'inconstance des mauvais auge*s, falla d'este uso nas povoações bascas, com a terrivel curiosidade de um sanguinario perseguidor da feiticeria: «Usam para impedir os maleficios, e sobretudo para resguardar dos feitiços e do quebranto (fascinação) de uma especie de amuleto bastante vergonhoso, o qual trazem commumente as feiticeiras *remediees* e as crianças e moças que acostumaram a ir ao sabbat. Chamam *remediees* as que se desenfiteçaram e estão fóra do pacto do diabo, e que não vão ao sabbat. É uma mão de ouro, de prata, de chumbo, de jayet ou de couro, de todas estas materias as tenho visto, a qual tem o polegar passado entre os dois primeiros dedos. Os hespanhoes chamam-lhe *higo*. Os Bascos tem-as por causa da visinhança da Hespanha; não conheço nenhum logar em França, onde fazer uma *figa*, a que na Gasconha chamamos *la higue*, não seja uma acção vergonhosa e sobretudo indigna do pudor de uma mulher honesta, e mais ainda de uma donzella, para fazer o gesto ou trazel-a ao pescoço. E em verdade, aquelle que em França faz a *figa* a um outro, é como acto de colera, de desdem ou de desprezo.» <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Guthrie, *Antiquités de Russie*, p. 81.

<sup>2</sup> Autos, p. 459. Ed. do Porto.

<sup>3</sup> Op. cit., p. 363. Ap. Francisque Michel, *Le Pays Basque*, p. 173.

Á maneira dos bascos, tambem em Portugal se acredita que as velhas têm uma predisposição para as bruxarias; é ao sabbado que ellas se reúnem em conciliabulo sob a prezidencia do diabo. Na Biscaia chama-se a esta assembléa *akhe larria*, e em Portugal, *senzala*. Em uma nota da sua versão das *Fabulas de Lafontaine*, diz Filinto Elysio: «Eu ouvi algumas velhas chamar *senzala* ao conciliabulo e sitio, em que, (segundo a crença do vulgo) se ajuntam na noite de sabbado as bruxas e feiticeiras, e onde aprendem os arcanos mais profundos da bruxaria; dos quaes é ali lente de borla preta o *Cão-Tinhoso*, a quem ellas adoram, e a quem em signal de adoração, beijam, (segundo a narração das velhas) o trazeiro. E perguntando-lhes eu porque razão lhe chamavam *senzala*, me responderam, que pela muita parecença que tinham ellas negras e os demonios tambem negros, com as casas dos pretos, que no Brazil se chamam *Senzalas*. — Tambem as velhas me contaram, que as bruxas se transformavam em diversas figuras, conforme o emprego que intentavam dar ao seu genio malfazejo.» <sup>1</sup>

As almas do outro mundo tambem voltam cá a exigir algum serviço que as despene; é por isso que se lhes chama entre nós *almas penadas*; costuma-se *requerer*, ou perguntar-lhes o que pretendem; entre os bascos este costume tem quasi o mesmo nome, é *errequeritcia*. Tanto em Portugal como entre os bascos uma *estrella cadente* é uma alma que entra no céu; o povo do Minho, quando observa este phenomeno metereologico, diz sempre: «Nossa Senhora te guie!» O canto do gallo tambem tem entre os dois povos um grande poder contra a feiticeria; é por isso que á meia noite cessam todos os poderes magicos.

O *Entreaberto* da superstição dos Açores ou o Encantado da credulidade continental, é o *Bassa-Jaon*, ou o senhor-selvagem dos Pyreneos. *Accender candeias* era uma superstição que ainda no seculo xiv apparece no Cancioneiro do Vaticano.

A *corda do enforcado* tem uma virtude contra a papeira; em Portugal costumava-se no tempo do absolutismo, em que funcionava a forca, guardar um pedaço de corda de enforcado, que tinha virtudes analogas á da vela benta.

De l'Ancre cita a superstição do *pezadello*, em Hespanha conhecida pelo nome de *pezadilla* e em França *chauchepoulet*, attribuida por este demo-

<sup>1</sup> Trad. das *Fabulas*, p. 302.

nophobo ao contacto de qualquer feiticeira; <sup>1</sup> pertence tambem a todo o occidente da Europa, e é simultaneo com o anexam popular:

Das grandes cêas  
Estão as sepulturas cheas.

<sup>1</sup> Sobre as superstições dos bascos, vid. *Le Pays basque*, de Francisque Michel, p. 177 a 181, com bastantes dados comparativos.

Entre os portuguezes encontram-se tambem as imagens ou *carantulas*, empregadas como sortilegios entre os bascos; este uso acha-se prohibido no tempo de D. João I, e liga-se aos *Ex-Votos* religiosos.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

## CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 5)

**A** ESCRAVIDÃO é perpetua no Grã-Bassam. O *tœdium vitæ* apodera-se algumas vezes d'estes infelizes; n'este caso declaram que estão cançados de viver. Os Jacks, cedendo ao pedido, dão-lhes uma garrafa de rum que os embebeda e o carrasco da-lhes então uma paulada na nuca que os mata. O cadaver é abandonado aos abutres e ás feras. No Grande-Bouba as coisas não se fazem tão simplesmente; o senhor do escravo leva-o ao chefe da sua aldeia. Este chefe depois de ter feito ao escravo todas as observações possiveis, marca dia para o seu julgamento. Os anciões formam o tribunal; o paciente é collocado no centro; é raro que o escravo mude d'ideia; é para elles uma questão d'honra o não trepidar deante de uma sociedade no ultimo degrau de cuja escala a sorte os collocou e respondem affirmativamente a todas as perguntas que lhe fazem. Esgotados todos os argumentos, o chefe manda atar o escravo a uma arvore e toda a assembleia se lança sobre elle com a ferocidade d'animaes ferozes; n'um instante é o infeliz esquartejado. Cada um dos auctores d'esta horriavel tragedia paga uma pequena quantia ao senhor do escravo que assim fica totalmente indemnisado e pôde comprar um outro que seja menos melancolico.

Os sacrificios humanos são feitos por occasião das festas dos inhames, que geralmente caem no dia da lua de outubro. Ha tambem outros sacrificios sem epocha designada. Em Badou, um dos meus officiaes por acaso viu uma d'essas saturnaes; os guerreiros tinham a cara e corpo serapintados de raios vermelhos e pretos; tiros de espingarda fusilavam de todos os lados, davam-os entre as pernas do homem que ia ser sacrificado; era uma orgia desenfreada de polvora.

A victima estava atada a uma arvore. O interrogatorio e o julgamento são solemnes. A morte deve ser voluntaria e dada d'um só golpe pelo chefe. A carne dividida em bocados é immediatamente comida. É o holocausto offerecido para resgatar os peccados da nação e tornar os deuses propicios.

Os maridos têm o direito de vida e de morte sobre as esposas, direito de que muitas vezes abusam. Eu vi um chefe com a cabeça rapada; em geral é este o signal de luto. Perguntei-lhe porque se tinha rapado, e elle, com a mais completa tranquillidade, respondeu-me, continuando a tecer um cesto para a pesca:

«Matei minha mulher.»

Recuei tres passos; o homem não tinha a menor consciencia do seu crime, e accrescentou com a mesma inflexão:

«Matára meu filho com maleficios.»

Era falso. Esse filho, que o era d'outra mulher, tinha sido tratado com os disvellos de mãe pela victima; disse-lh'o e elle negou.

«Mas onde está o mal? perguntou-me elle: estava velha, não podia ter filhos, sobrecarregava-me; arranjei uma nova para o seu logar.»

Era d'um positivismo revoltante. Affastei-me e elle muito socegado continuou a tecer o instrumento com que devia ganhar o sustento da familia.

Algumas vezes os grandes chefes trazem uma faca na perna; é a faca do sangue. Só entra na bainha depois do condemnado ter cessado de viver: é o superlativo no direito de vida e de morte.

Basta de crimes: fallemos nas pescarias.

As pescarias no Grã-Bassam são muito artisticamente feitas. A pesca faz-se, espetando estacas no lodo em que se apoiam caniçadas, que

no meio das aguas formam mil desenhos extravagantes, verdadeiros labyrinthos em que o peixe se atordôa. Estes aparelhos de pesca algumas vezes tomam a lagôa d'um lado ao outro: o pescador agarra o peixe á tarrafa, que atira com uma grande destreza, ou com aparelhos feitos de vime que são postos de dia e tirados pela manhã.

Foram precisas muitas negociações para que deixassem passar os nossos barcos pelo meio dos aparelhos de pesca.

A pesca constitue para a lagôa uma industria de primeira ordem. O peixe é secco sobre grades de cannas e serve de alimento ou de meio de troca.

### XVIII

Aldeias da costa do Ouro—Brebio—Numba—A favorita do collar d'ouro—Azêite de palma—Mimica—A cantora—A supplicante—Fatma—Tupa e o chefe Matafué—Os Bombourys e o seu chefe Bomdio.

Algumas visitas por mim feitas ás aldeias do interior habilitaram-me a poder apreciar a maneira de viver dos seus habitantes e a reconhecer a topographia d'algumas localidades.

Débrimu, pouco mais ou menos situada a seis kilometros de Dabou, é a primeira que nos vae dar assumpto para algumas observações. Esta aldeia está edificada no meio d'uma grande planicie e é dividida em tres cantões distinctos, cada um dos quaes obedece a um chefe particular: as ruas são largas e limitadas por uma paliçada exterior de defeza. As chuvas têm cavado no solo largos barrancos que ninguem se lembra de nivelar.

O terreno que se percorre para lá chegar é pouco accidentado. Grandes savanas estendem-se dos dois lados d'um caminho bem calcado e que formosas arvores assombriam. Os rebanhos de Kacacré, pequena aldeia intermediaria, pastam no meio d'estes prados. A sua pelle zebrada de branco, negro e vermelho, desenha-se na sombra projectada no flanco das colinas d'Acrédiu. O mais completo socego reina durante o dia n'esta planicie, em que o sol ardente faz levantar um nevoeiro esbranquiçado que muitas vezes produz refrações. Sob a influencia d'estas miragens, os objectos distantes parecem agitados por um tremor singular que fatiga a vista.

De espaço a espaço apparecem algumas depressões nos terrenos, onde se empoçam as aguas que correm pelos declives rapidos. Alguns troncos d'arvores, que o acaso lançou por terra, for-

mam pontes rusticas que servem de passagem por cima d'estes pantanos.

Cantos longinquos quebram o silencio. São os Crumanos que rolam pipas d'azeite de palma: depois uma fila de mulheres e de creanças avista-se. Posto que bem carregadas a elegancia do seu corpo eleva-se airosa. Transportam azeite e provisões para a bahia de Dabou.

Passados que são estes grupos, os papagaios soltam alguns gritos estridulos e a cigarra, a unica senhora d'estas vastas solidões, vae, pouco a pouco, esmorecendo no seu cantar e o silencio absoluto reina n'estas vastas amplidões.

Perto de Débrimu ha pequenas colinas cujos flancos são rasgados pelas torrentes pluviaes; é n'estes declives que as palmeiras começam a ser cultivadas e é á sua sombra que nós percorremos o ultimo kilometro.

Atravessando ruas vergonhosamente porcas fui a casa de Brebio, o negociante com quem mais relações tinhamos. Brebio é alto, tem a fronte espaçosa e nas circumstancias graves cobre a cabeça com um chapéu de bispo, não se sabe de d'onde, e que se perdeu em Débrimu. É cego d'um olho e o que tem vista, tem um olhar petulante. A sua cubata é mediocre e não está á altura da importancia que o dono se quer dar. A sua mulher e os seus filhos correm a buscar, onde nos sentemos; eu mandei buscar o cesto onde trazia o almoço e, depois de ter comido com magnifico appetite, percorremos a aldeia.

O ruido d'uma musica infernal attraheu-nos para um logar pitoresco, onde grandes arvores davão uma sombra e uma frescura que em outra parte se não encontrava; com um grande jubilo respiramos a brisa que dulcificava a athmosfera.

Logo que nos avistaram os musicos redobram no barulho; as flautas e os cavados cornos produzem sons roucos; os tambores atordoam-nos. Approximei-me para descobrir a causa d'esta inferneira e vi um amigo, Numba, o negociante d'Alindja de Jacks-Jacks, cuja gordura reluzia ao sol. Um pequeno chapéu de copa molle cobria-lhe a cabeça; os seus dedos estavam cobertos de anneis. Trazia uma tanga das mais brilhantes em que reluziam todas as côres do arco iris.

Seis ou sete das suas mulheres estavam sentadas no mesmo plano; as orelhas d'estas deformavam-se sob o pezo dos grossos brincos n'ellas dependurados; os braços e as pernas tinham-os guarnecidos de grossos-braceletes, pesando cada



um dez ou doze onças; o pescoço e o peito estavam adornados com collares.

Este luxo fez-nos lembrar que estávamos na costa do Ouro. O mosaico n'estas joias casa as suas diversas côres <sup>1</sup> com o azul do lapis-lazuli que vale em ouro o seu peso. A favorita tinha um collar de dentes de tigre; mas o vil phosphato que servira ao carnívoro para dilacerar as suas presas transformara-se, graças á habilidade dos ourives de Baouré. Os seus tornozelos estavam adornados com identicas obras d'arte. Muitos formosos olhos europeus invejariam a sorte d'esta negra favorita, que com tão ricas joias se parmentava.

Um alpendre feito com alguns ramos verdes entrelaçados, e coberto, como o tecto das cubatas, com folhas de palmeira, abrigava os thesouros de Numba fechados em grandes cofres.

Esta construcção tinha por fim abrigar os que vagueavam em volta d'ella. Os aneis, os brincos, o cabello bem penteado das mulheres, o verniz de bronze que lhe cobre os membros e que ellas dão com o azeite de palma, o pequeno chapéu molle de Numba, a sua grande barriga faziam despertar bastantes invejas; muitos esperavam um dia poder alcançar aquelle cubizado luxo. Não era a ostentação insolente da opulencia; era um incentivo ao trabalho assiduo e honesto, um incentivo á cultura do azeite de palma.

Parei para observar este mercado. De tempos a tempos grupos vestidos de farrapos, que contrastavam com o luxo do negociante, aproximavam-se do alpendre; eram os corretores clandestinos que offereciam os seus productos. Se as suas offertas eram aceites os Crumanos tiravam immediatamente das caixas a quantidade de peças de estofa, as espingardas e os barris de polvora ajustados. Numba podia contar em pouco tempo com umas poucas de pipas d'azeite e os felizes que tinham tido credito levavam parte do preço adiantado. Os negociantes de Bristol podiam contar com os productos, por que no fim de contas eram elles os que adiantavam os objectos de troca.

O azeite vende-se em vasilhas que contém de vinte e oito a trinta litros: deve conter oito galões, mas o gallão varia, seguindo-se d'aqui disputas sem fim entre o vendedor e o comprador.

<sup>1</sup> Os mais antigos mosaicos encontram-se nos tumulos. Algumas vezes o seu valor é o duplo do seu peso d'ouro. Os lapis-lazuli são identicos aos que se veem nas *vitrines* do Museu egypcio no Louvre.

Quantas vezes não fui eu obrigado a ouvir as queixas d'uns e d'outros. Mas é preciso não intervir n'estas discussões: uma decisão qualquer não satisfaria nenhum dos contendores. Os negociantes passam a sua vida n'estas discussões.

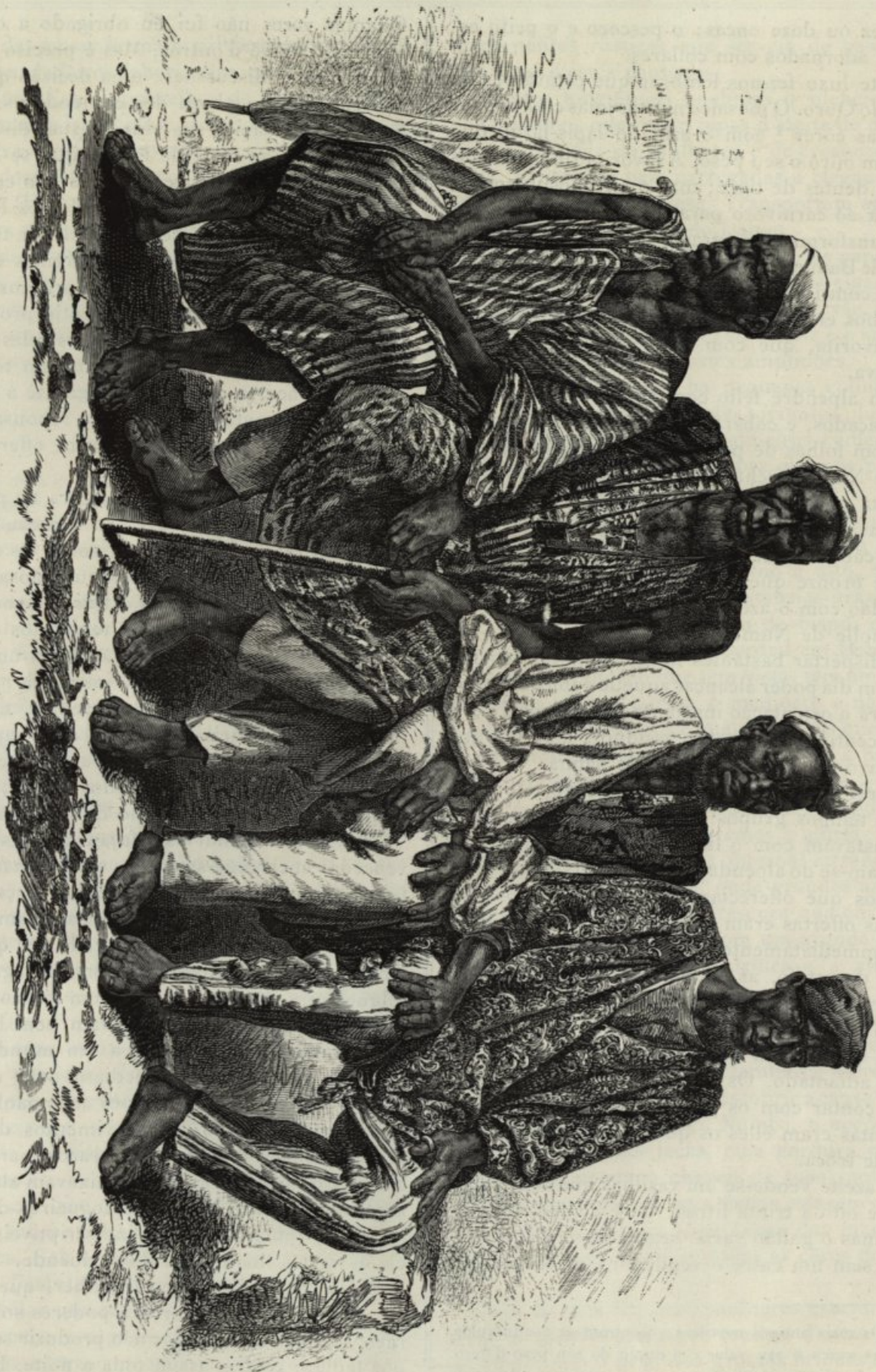
Voltemos ao forte de Dabou que se assemelha a um pequeno castello situado no centro de jardins. No equador anoitece cedo; os fogos do acampamento estão accesos. Se de dia tudo está silencioso, a noite desperta os animaes entorpecidos pelos raios solares. Os morcegos lançam gritos agudos, o coaxar dos reptis produz um barulho que afugenta o somno, as relas verdes, escondidas entre as folhas, dominam todo este infernal concerto que se prolonga até á aurora; é unicamente então que se pode repousar.

Os meus Crumanos quizeram offerecer-me uma festa africana.

Connanghoï, o Bambara, figura na primeira scena que representa a caça ao homem. O Indio nunca foi tão insigne em agilidade. Os dois adversarios expiam-se, levantam cuidadosamente a cabeça, encolhem-se como o tigre quando faz o salto; a lucta chega ao seu termo; os dois adversarios susteem a respiração, nem uma folha bole junto dos seus corpos immoveis; ouve-se um tiro: Connanghoï é o vencedor; agarra o inimigo pelos cabellos e como tropheo apresenta uma cabeça ensanguentada. Felizmente para o vencido, que apparece segundos depois, um ma-nequim bastára ao triumpho de Connanghoï.

Era mister cantar esta façanha; a esposa do vencedor encarrega-se d'isso; vestio um farto vestido de musselina, que a cobre da cabeça até aos pés; as mangas largas cahem-lhe amplamente aos lados; o vestido não está apertado por qualquer cinto. Começou a cantar em tom tão agudo que julguei que dentro d'ella algum orgão importante rebentaria; os dós estavam bem longe de nós; eramos transportados a um mundo ideal, onde as *fioritures* se succediam com uma cadencia sobre-humana; os pés acompanhavam a cadencia do rythmo; os movimentos do corpo eram graciosos e suaves; os braços marcavam o compasso; levantavam-se e abaixavam alternadamente. O vestido, á luz das fogueiras do acampamento, tomava aspectos indiscriptiveis e parecia as vestes fluctuantes d'um duende.

A garganta d'aço d'esta mulher, que parecia ter arrancado a sua força a poderes sobrenaturaes, acabou comtudo por não produzir som; não por fadiga: estaria assim toda a noite. E' costume das carpideiras o estarem dias inteiros arre-



PEREGRINOS BAMBARAS — Deseño de P. Sallier, segundo una photographia

meçando aos ares gritos estridentes; mas n'esta ocasião a peça acabara, e scenas mais reaes e mais serias nos esperavam.

Uma viuva veio implorar a minha piedade. Já tinha sido feliz; o seu marido fôra um chefe respeitado do Kong; a guerra atraçoara-o; perdera o poder e a vida; ella subtraira-se á escravidão, condição dos vencidos. Esta região deralhe uma hospitalidade precaria, os Bambaras tinham-a chamado para Dabou. Approximou-se de mim semi-inclinada; esta posição devia ser

em extremo fatigante, pois que a infeliz arrastava-se cadenciadamente, pondo unicamente no chão os calcanhares e marcava o rythmo com um canto cujas notas eram tão agudas que se assemelhavam a gritos d'aves. A velha retirou-se com o mesmo cerimonial.

Chamei a filha, então casada com um caçador, para saber o que significára esta pantomima; ella respondeu-me que era da etiqueta apresentarem-se assim ante os principes bambaras.

Em seguida apresentaram-me Fatma, a ca-



CANTOU KAN, CHEFE D'ABRA — Desenho de E. Bayard, segundo uma photographia

ptiva do alto Senegal; gastára dois annos em percorrer o espaço que separa Kaarta da Costa d'Ouro. Disse-me ella que depois do seu captivo mudara muitas vezes de senhor; trazia uma creança pela mão. Affirmou-me que, no longo caminho percorrido, encontrara tribus de gente branca; um caçador, seu visinho d'aldeia no alto Senegal, reconhecera-a e recolhera-a juntamente com sua filha que parecia ter quatro annos. Queria tornar a ver Kaarta, a sua patria, mas ambas eram escravas; era preciso pagarem-se ao seu senhor, que era tanto mais exigente, quanto interessante reputava l'atma. Não

a queria vender por menos de quatrocentos francos, o que sem exagero é o preço de quatro escravos.

Subscrevi com cem francos; dei assim o impulso a esta obra meritoria; toda aquella gente se entusiasmou e a quantia exigida pelo resgate da preta foi immediatamente coberta. Fatma ficou livre e quando a guarnição do posto fôr rendida poderá tornar a ver o alto Senegal, a sua querida patria.

Uma excursão a Tupa não é sem interesse. Situada ao fundo d'uma bahia estreita e profunda que se abre a curta distancia do porto Dabou,

Tupa é o centro da produção do azeite; as palmeiras attingem ali vinte metros d'altura. Os pretos sobem rapidamente pelos troncos cylindricos. Estes pretos levam consigo um podão semelhante aos dos podadores das nossas vinhas: é necessario que o podão esteja bem afiado e seja manejado com braço vigoroso, porque d'um só golpe deve cortar o pedunculo do cacho; pedunculo que é mais grosso do que um braço: separado do tronco, o cacho cae com tanta força que alguns fructos se esmagam; mas o mal não é grande, pois são destinados a serem pisados. Os carregadores agarram no cacho e, segundo o seu peso, enfiam no pau em que os transportam aos hombros um, ou mais; a fabrica do azeite não fica distante; os vapores que sobem, o cheiro balsamico que se exhala do azeite de palma bastariam para indicar o que alli se está fazendo, se a cadencia das massas que cahem dentro dos almofarizes, os gritos das mulheres e o bater das palmas não fossem indicações ainda mais seguras.

O cacho é rapidamente despojado dos fructos que variam de tamanho, sendo uns como os ovos de pata e outros como ovos de pomba; o parenchima é que contém o oleo precioso, objecto de largo commercio. Desde que este producto atravessou os mares, a Europa extrahe d'elle a saponina que se transforma em sabão e a parafina que illumina as nossas sallas.

O fructo é lançado n'uma bacia de cobre ou n'uma grande caldeira de folha de ferro, onde soffre uma ligeira cosedura. E é depois d'assim terem fervido, que os fructos passam para o almofariz; depois de pisadas as substancias vão outra vez ao lume. Depois d'esta decantação a massa

vae para a prensa e em seguida é mettida em saccos de panno muito forte atravez do qual escorre o oleo, ficando dentro as substancias inuteis; o oleo, é aparado em cabaças ou potes comprados para este fim. Antes de ser expedido para os mercados da Europa o oleo é clarificado.

Uma pipa d'oleo com o peso de mil kilogrammas custa em Bassam, segundo a colheita e as epochas, entre duzentos e trezentos francos e em Londres ou Marselha, vale mil ou mil e duzentos francos. São precisos quatro ou cinco mezes para comprar trezentas pipas d'este azeite.

Matafué, o chefe de Tupa, é nosso amigo fiel. A sua cubata é inferior ás que visitei no Grã-Bassam; é pequena e defumada. Para se chegar junto d'este nosso amigo é preciso passar por uma abertura, ao mesmo tempo janella e porta. Matafué é alto, ossudo e usa na cabeça um chapéo de copa molle.

Bandio é o chefe dos temidos Bomburys. Dez annos d'hostilidades tinham augmentado a excitação selvagem d'este povo que eu pude trazer a melhores sentimentos. Tinha promettido o ir vel-os e cumpri a minha promessa.

Quando cheguei em frente de Mapoyanna apresentou-se na praia um grande numero d'homens, mas para decidir Bandio a vir ao navio em que eu estava foi preciso que um official fosse para terra como refens. Bandio ficou tranzido de medo, quando se vio junto de mim; o bom acolhimento que lhe fiz socegou-o e estava já completamente senhor de si, quando se assentou á meza. Preferio a todos os manjares uma caixa de sardinhas; queria que o *enchessem d'aquelles pequenos peixes*.

(Continúa.)

## VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO

(TRANSCRIPÇÃO)

(Continuado da folha 4)

**F**'ESTA uma cidade onde todos os habitantes são mouros, turquimães e persas, que vivem do commercio, criações de gados e lavoura, porque tem do lado do oriente grandes campos. Dormiram aqui uma noite e no seguinte dia, tendo caminhado duas jornadas, chegaram a outra cidade chamada Sultunia, que é muralhada e tem bellos edificios, pelos quaes

mostrava ter pertencido aos gregos. É habitada da mesma gente que a antecedente e tem muito commercio. Foi onde se refugiou o Sufi quando foi desbaratado pelo Grã-turco. D'aqui partiram para o norte sempre por terras habitadas. Dois dias depois chegaram a uma grande cidade chamada Augão, muito antiga. Estiveram aqui dois dias onde foi feita muita honra ao embaixador.

Partiram, caminharam todo aquelle dia e parte da noite e depois encontraram uma *carvançara* onde dormiram; no dia seguinte continuaram o caminho para noroeste e á noite dormiram n'outra *carvançara* em um lugar pequeno, habitado de turquimâis, que se chama Tureumandil; aqui atravessaram uma ribeira com uma ponte pensil e passaram a terras habitadas egualmente por turquimâis, indo dormir na noite seguinte n'um lugar onde se achavam duas formosas *carvançaras*, com ricos aposentos e camaras fechadas sobre si, com vidraças acabadas de novo, que a rainha, mulher de Sufi, tinha mandado fazer. Esta terra é muito fria e estava coberta de neve. Succede muitas vezes morrer um cavalleiro regelado sobre o cavallo e este conduzir seu dono a grandes distancias. Caminhando para o noroeste, por terras habitadas de muitas aldeias e lugares, chegaram a Tabriz, cidade mais notavel e rica dos dominios do Sufi, nos confins da Persia, n'uma provincia denominada Aldabana.

É situada esta cidade para a parte do occidente entre duas serras, que depois vão alargando, uma para o norte e outra para o meio-dia; é plana e não murada; tem bellas e nobres casas de alvenaria e de taipas francezas, sobradadas e abobadadas, mas unicamente com frescas que lhe dão claridade, porque a terra é muito fria. Tem grandes jardins e pomares, muitas mesquitas e alcorões altos, de cantaria lindamente lavrada. Apresenta grandes praças cobertas por cima, onde habitam os mercadores e se contractam as mercadorias, porque a terra é de muito commercio. Quasi ao fim da cidade ha uma grande cerca com lindos pomares e hortas onde estão as casas do Sufi, uns paços feitos de alabastro e marmore finissimo, mui bem lavrado e com ricas vidraças. Ao redor d'esta cerca ha alamos muito altos e alinhados e em partes grandes tanques onde andam cisnes e outras aves. Os habitantes são persianos e alguns turquimâis; tratam-se muito bem e vestem ricamente. As mulheres são formosissimas; poucas vezes saem de casa e quando isto acontece vão a cavallo, com vestuarios riquissimos e abertos até á cintura ficando os peitos de fóra. O principal trato d'esta terra é em seda crua que vem d'outros reinos do Sufi e d'aqui vae para a Turquia e outras cidades.

Caminharam muitas jornadas até chegarem a um dia de distancia do arraial do Sufi. Ahi, o embaixador recebeu um recado do Sufi para que se aposentassem junto d'uma ribeira. Pas-

sados dez dias é que receberam novo recado para partirem, o que logo fizeram. Tendo caminhado meia jornada, vieram receber os portuguezes muitos mouros a cavallo, trazendo muitas garrafas com vinho, maçãs e grandes caixas de confeitos, que offereceram á comitiva do embaixador. Quando chegaram ao arraial do Sufi, ahi armaram as suas tendas. O mestre sala do Sufi, enviou a Balthazar Pessoa um cordeiro frito em manteiga, sobre arroz muito bem guizado e com bastantes especiarias, cordeiro dentro de uma porcelana, tapada com uma cobertura de ouro em forma de abobada.

Passaram-se alguns dias e o embaixador sem poder fallar ao Sufi nem aos seus governadores que andavam occupados em ordenar um grande convite geral, mandado dar pelo xeque a todos os grandes e pequenos dos seus dominios; convite em que entravam tres reis: o de Gilam, o de Xirvam e o de Mazandram, bem como dois embaixadores do reino de Gurgis, que confina com as ultimas terras do Sufi para a banda do norte.

Vestidos de seda e borcadilho, espadas guardados de ouro, torquezas, rubins, cavallos com sellas de prata e forradas de arminho, tudo isto para se repartir segundo o estado e merecimento de cada individuo. N'aquelle dia de manhã armaram-se riquissimas tendas, sendo a destinada para o Sufi d'um esplendor admiravel e contendo muitos cochins de seda e alcatifas para os reis e grandes senhores da companhia do xeque.

O embaixador mandou armar a sua tenda defronte da do Sufi, e, com mais alguns portuguezes que o acompanhavam (entre elles Antonio Tenreiro), cumprimentaram o xeque, que por varias vezes lhe mandou iguarias.

Poucos dias depois morreu o Sufi e succedeu-lhe seu filho Tamas Soltão.

Então o embaixador partiu para o arraial do novo rei, a fim de concluir a sua embaixada.

.....

Antonio Tenreiro sabendo que uns christãos armenios se encaminhavam para Jerusalem, onde elle desejava em extremo ir, e tendo occasião de vêr assim muitas mais terras, apartou-se do embaixador e saiu da cidade de Tabriz, capital dos estados de Tamas Soltão.

Dirigiu-se para o poente, na companhia de sete christãos armenios e dormiram aquella noite n'uma *carvançara*; no dia seguinte caminharam

duas jornadas e chegaram a uma aldeia, habitada por christãos e franges, gente branca, que vive de lavouras e creações de gado. A terra é mui fria no inverno, possui serras altissimas, que correm para o norte, e em uma das quaes dizem estar a arca de Noé coberta pela neve. Contaram os habitantes haver n'aquella aldeia cinco egrejas muito antigas, que por mais gente que n'ellas entrasse nunca se enchiam, e que já acontecera o Sufi, com todo o seu exercito, metter-se dentro d'uma para experimentar.

Ficaram na aldeia seis armenios e Antonio Tenreiro continuou a viagem em companhia do restante, chamado Vacoyanorisam, que era o mais rico e honrado de todos elles. Caminharam para o poente por terras de grandes e medonhos valles e bosques de azinhaes, habitados por christãos armenios e mouros chamados curdis, de côr branca; vivem de creações de gados, são pouco domesticos e não habitam senão em terras montuosas, porque não querem ser senhoreados por ninguém.

Tendo andado tres jornadas chegaram a um lago, na Baixa Armenia, entre serras e montanhas, lago de sete leguas de comprido, sobre cinco de largo, e onde ha duas ilhas pequenas, habitadas por frades religiosos armenios, tendo ali os seus mosteiros. Estes religiosos são tidos em grande veneração, e diziam que elles faziam milagres. Por exemplo: tendo um d'elles tomado um peixe muito secco, o pozera á borda d'agua, em nome de Jesus Christo o peixe começara a nadar. Esta comarca é habitada por chistãos armenios e é onde acaba o senhorio do Sufi e começa o do Grã-turco.

Foram dormir a uma villa chamada Argiz, habitada por armenios; é plana, e tem bons edificios; comtudo é muito fria. Os habitantes vestem á moda persa, isto é, uns carapuções de seda na cabeça, com umas trombas da grossura d'um braço de homem, e de palmo e meio de longo, sobre o que trazem fotas de seda e de algodão; estes carapuções são mais antigos que os do Sufi. A terra abunda em muito vinho, fructos, algodão, e algumas lavouras de trigo. Os habitantes são muito inclinados ao commercio do que vivem.

Caminharam para o norte, ao longo do mar e foram dormir a Aclata, villa senhoreada pelo grã-turco, d'onde Sansão, segundo dizem, foi natural.

Sairam d'esta villa, caminharam para o occidente, e, depois d'uma pequena jornada, foram

ficar a uma aldeia christã, subterranea, chamada Ataduana. É demasiado fria, e a maior parte do anno não se pode por ali caminhar por causa da neve. A meia legua de distancia d'esta aldeia existe uma cerca que todo o anno está coberta de neve.

Atravessando esta serra, chegaram a Bytaliz, villa situada entre duas serras, com bellas casas de pedra e taipas francezas; os habitantes, que são christãos, vestem á persiana, vivem de mercadorias e não estão sujeitos ao Sufi nem ao grã-turco, mas sim a um senhor Curdi, que vive n'um magnifico castello. Através d'esta villa para o norte, a uma jornada pequena, existe o reino dos gurgis, que são christãos, claros e rui-vos.

Aqui adoeceu dos olhos Antonio Tenreiro, sendo muito bem tratado em casa d'um christão, mercador armenio, que o tinha acompanhado desde Tabriz. Achando-se bom, partiu Antonio Tenreiro para a villa de Azü, distante uma boa jornada, habitada por christãos armenios; é situada n'um alto e senhoreada tambem por um senhor Curdi, que deixava livres a este povo todos os seus costumes e leis.

N'esta villa se demorou Antonio Tenreiro alguns dias, aposentado em uma *carvançara*, onde encontrou entre outros, um christão armenio que se offereceu para o conduzir.

Na noite seguinte foram repousar em Moufarquim, antiga cidade situada nos confins da Armenia baixa, e cercada d'um muro de cantaria lavrada, em partes destruido. Os habitantes são christãos. Moufarquim, segundo disseram a Antonio Tenreiro, já havia sido destruida pelo grã-tamertão.

Caminharam para o poente e chegaram, depois de duas jornadas, a Caraemites, cidade situada junto do Tigres, para a banda do norte <sup>1</sup> murada e com edificios admiraveis. É habitada por christãos jacobitas nastoris, e governada por um bachá, subdito do grã-turco. Tem de guarnição tres mil espingardeiros <sup>2</sup>, dois mil infantes e dez ou doze mil turcos de cavallo. Antonio Tenreiro recolheu-se n'uma *carvançara*, e o christão que o tinha acompanhado, despediu-se d'elle e retirou-se.

(Continúa.)

<sup>1</sup> Segundo Francisco d'Andrade.

<sup>2</sup> Janisaros.

# COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES  
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

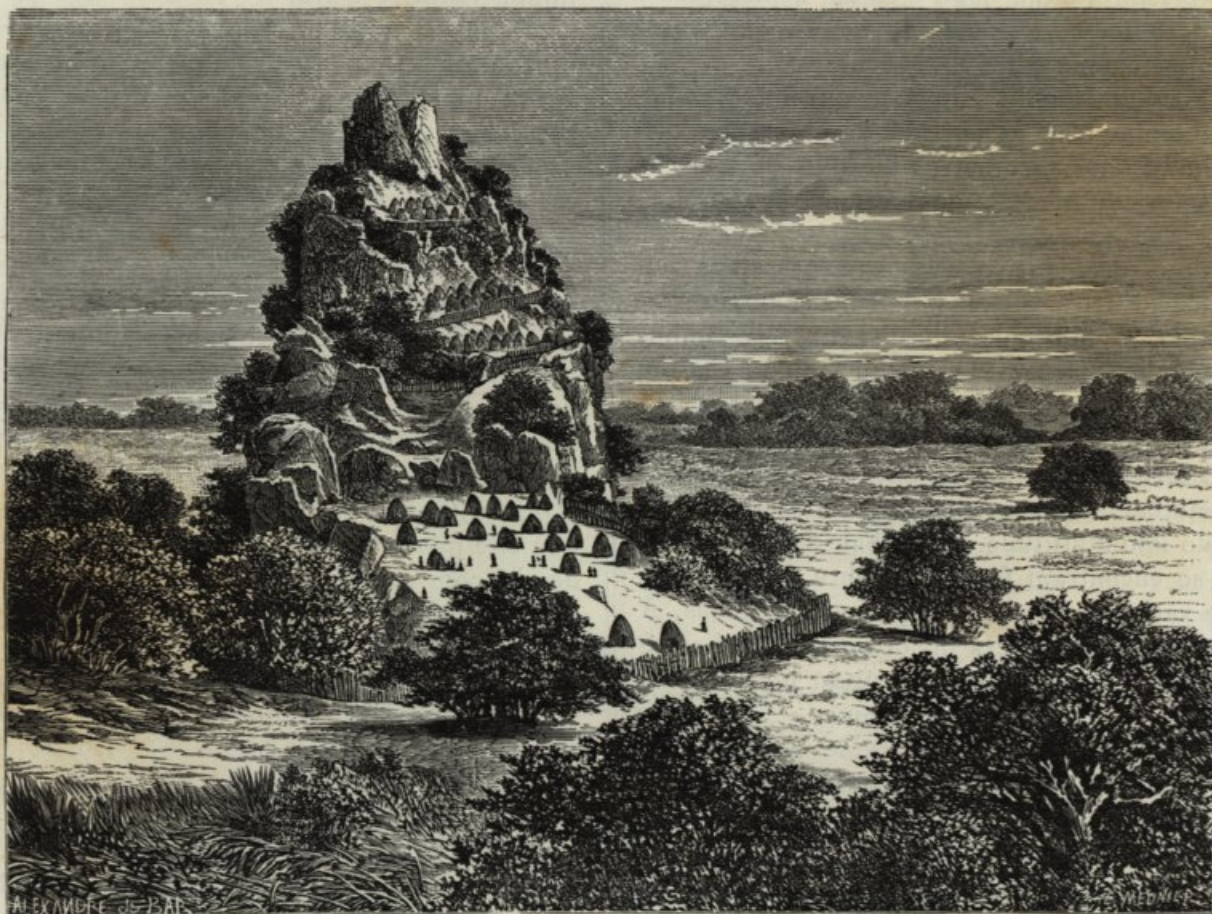
POR

**SERPA PINTO**

PRIMEIRA PARTE

## A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 11)



QUINGOLO — Desenho de A. de Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto

### CAPITULO IV

POR TERRAS AVASSALLADAS

Jornada a Ngola — O Sova Chimbarandongo — Belleza do caminho — Chegada a Caconda — José d'Anchieta — Nada de correspondencia — Chegada do Chefe — Vamos aos carregadores — Ivens vac ao Cunene e eu vou ao Cunene — Volta de casa do Bandeira — Falham os carregadores — O meu juizo.

**N**O DIA 1.º de janeiro de 1878, deixamos Quillengues, tendo ali feito provisão de viveres, e comprado bastante gado para matar, bois e carneiros. O chefe, tenente Rosa,

acompanhou-nos uns 7 kilometros, e voltou á sua residencia, seguindo nós sempre a S. E., até ás faldas da serra de Quillengues, onde acampamos junto á povoação do Seculo Unguri. Tinha um companheiro de viagem que, em Quillengues, nos tinha pedido o deixassemos ir até ao Bihé em nossa companhia. Era elle Verissimo Gonçalves, filho de um conhecido sertanejo do Bihé, morto havia pouco, que em Quillengues era empregado de um ex-criado de seu pae. Este rapaz, mulato e de mesquinha educação, era de corpo acanhado, cheio de vicios, dos proprios a tal gente, tinha alguma

coisa de bom, e era intelligente. Tem de figurar no correr d'esta narrativa, e por isso o menciono mais particularmente.

Era acanhado e tímido, mas não covarde, e debaixo de uma apparencia fraca, possuia uma forte organização e musculos de ferro. Sabia apenas ler e escrever, mas era um soffrivel atirador de segunda ordem, e manhoso caçador.

Durante a demora em Quillengues, consegui domesticar dois dos jumentos, que n'esta nova jornada já me serviram de cavalgaduras.

No seguinte dia, logo á saída, começamos a ascensão da serra de Quillengues, que n'esse ponto se chama serra Quissécua.

A subida foi difficilima, e durante trez horas lutamos com as agruras da montanha, elevando-nos a 1:740 metros do nivel do mar, ou 836 acima do planalto que termina em Quillengues.

N'um desfiladeiro da serra passamos um pequeno ribeiro, que os indigenas chamam *Obaba-tenda*, o que quer dizer agua fria, fomos acampar na margem de outro chamado *Cuverai* affluente do Cúe. Estes dois ribeiros são permanentes, e são aguas que correm para o Cunene.

O terreno continua granitico, mas a vegetação muda completamente de aspecto—de certo devido isto á altitude. O baobab desapareceu, e já se encontram fetos á sombra das innumeras e variadas acacias que povoam as matas. A flora apresenta riqueza maior em plantas herbaceas, e nas gramineas sobre tudo nota-se uma força de vegetação vigorosissima.

Notei que atravessamos regiões onde se não encontra uma só ave, e de repente entra-se em zonas onde milhares de passarinhos fazem uma chiada enorme. Caça vi ali pouca, mas os rastos annunciam havel-a.

Na noite do seguinte dia aconteceu-nos uma aventura curiosa. Estavamos acampados juntos do ribeiro Quicúe, que corre a S. E., em leito granitico, e vae, provavelmente, engrossar o Cúe; quando sentimos a cadella do Capello ladrando e arremettendo furiosa, contra alguma coisa que se approximava da barraca. Ao mesmo tempo sentiamos um forte ruminar perto de nós; o que nos fez suppor, que os jumentos se tinham soltado e pastavam dentro do campo, que era cercado de abatizes espinhosas. Fallamos á cadella e adormecemos. Ao alvorecer ouvimos grande rumor no campo, e saindo logo, soubemos, que os pretos, que ao principio tinham julgado, como nós, que os burros anda-

vam á solta, perceberam depois que se enganavam, e que um animal estranho se tinha introduzido no campo. Fôra effectivamente um bufalo enorme que nos dera a honra da sua companhia durante a noite.

O caso era notavel e de explicação difficil, a não serem pelos repetidos rugidos dos leões que se tinham ouvido; fazendo com que o bufalo viesse buscar guarida entre nós.

No seguinte dia fomos acampar proximo da povoação de Ngôla, e eu fiz logo annunciar a minha visita ao Sova.

Depois do almoço, fui á libata procural-o.

Fiz-me acompanhar dos meus muleques, levando uma cadeira para mim, e dois guarda-soes.

O Sova appareceu-me logo, armado de dois cacetes e uma azagaia.

Trajava tanga comprida de panno da costa, e sobre ella uma pelle de leopardo. Tinha o peito nu, pendendo-lhe do pescoço um sem-número de amuletos. Recebeu-me fóra da sua barraca, por um sol abrasador; e eu offereci-lhe um guardasol, que levava para isso, de panninho encarnado; favor a que elle se mostrou muito grato.

Disse-lhe o que andava por ali a fazer, coisa que elle não percebeu muito bem; comprehendendo comtudo perfeitamente, que lhe offerecia um pequeno barril de polvora, 50 pederneiras e uma duzia de guizos de latão, sem nada lhe pedir em troca, o que sobremodo o espantou.

Convidei-o a vir ao nosso campo ver os meus companheiros; e elle accedeu a isso acompanhando-me; coisa muito de notar, pois que os chefes indigenas são desconfiados.

Dizendo-lhe, que mandasse uma vasilha em que eu lhe podesse dar aguardente, foi elle buscar uma botija de litro. Mostrei-me admirado de que um chefe quizesse tão pouco, e convidei-o a procurar vasilha maior. Mandou então buscar uma cabaça que levaria o duplo da botija, e eu pedi-lhe que juntasse outra igual.

O régulo não podia dissimular a sua admiração pela minha generosidade.

Partimos a pé, acompanhados por trez das mulheres, as filhas, e muito povo, todos sem armas, para me mostrarem a confiança que eu lhes havia inspirado.

Chegamos ao campo, quando Capello fazia observações meteorologicas, e o Sova ficou admirado deante dos thermometros e dos barometros.



O Ivens veio logo para junto de nós, e depois de grandes cumprimentos, mostramos ao regulo as armas de Snider e de Winchester, que lhe causaram verdadeiro assombro.

Este *Chimbarandongo*, que tal é o nome do sova de Ngóla, é intelligente, e sabe viver com o seu povo.

Offereceu-nos um boi, e tendo eu pedido licença para o matar, por haver necessidade de provisões, consentiu n'isso, pedindo-me que lhe atirasse eu.

O boi estava estranho e fugiu para o mato, a uns oitenta metros de nós. Indiquei ao Sova o sitio em que o ia ferir, e desaparei. O boi cahiu.

Chimbarandongo foi ver o animal, e attendendo na ferida, da qual corria o sangue, aberta entre os olhos, no sitio que eu indicara, ficou tão maravilhado, que me deu repetidos abraços no meio do seu entusiasmo.

Pelas 4 horas formou-se sobre nós tempestade violenta, que se desfez em raios e copiosa chuva, durando até ás 6 horas.

O Sova e as mulheres recolheram-se á nossa barraca, assim como alguns dos macotas.

Chimbarandongo fez um discurso aos seus macotas, tendente a provar-lhes que nós tinhamos trazido a chuva, e com ella um grande beneficio ao paiz, ressequido pelos calores do estio.

Tentamos explicar-lhe que não tinhamos tão grandes poderes, e que só Deus governava nos grandes phenomenos da natureza; levando o Ivens a questão a ponto de lhe explicar como e porque chovia. Ouvindo isto, fez o Sova sair os seus macotas e mais povo que escutava a lição meteorologica.

Depois d'isso, tendo-se de novo reunido o povo, elle disse, que se deixasse de chover, indagaria qual dos seus subditos tirara a chuva, e o castigaria de morte. Novo discurso da nossa parte contra a pena capital; e nova ordem de despejo da parte d'elle, que, apesar de meio embriagado, tinha tino bastante para comprehender que as nossas theorias não quadravam ao seu systema governativo.

Ao anoitecer retirou-se do modo o mais comico, indo a cavallo em um dos seus conselheiros, que levava as mãos nos hombros de outro; e como estivessem todos embriagados, a cada passo perdiam o equilibrio, ameaçando com a queda partir a cabeça ao seu soberano.

Este regulo é sensato e homem de bom juizo.

Não acredita em feitiços; nem acreditava que nós lhe tivéssemos trazido a chuva; mas convenem-lhe apparentar que o crê, para não perder o prestigio entre os seus, que só assim querem ser governados.

No seguinte dia, vindo elle despedir-se de nós, me disse, que a sua politica era ser amigo dos brancos; pois que das boas relações com elles provinha a roupa com que se cobria, e as armas e a polvora com que continha em respeito os seus inimigos.

«Sem os brancos,» me disse elle, «nós somos mais pobres que os animaes; porque a elles temos de tirar as pelles para nos cobrirmos; e são bem loucos os pretos que não cultivam a amizade dos filhos do Puto.»

A libata ou povoação de Ngóla é fortemente defendida por uma dupla paliçada feita com arte, que tem até uma das faces dentada para cruzamento de fogos. É tão vasta que pôde conter toda a povoação do paiz, que ali se recolhe, em caso de guerra, com seus rebanhos. O ribeiro Cutóta corre dentro d'ella, fazendo que possa resistir a longo assedio sem receiar a sede.

Deixando Ngóla, caminhamos por duas horas a N. E., e encontramos o Cúe, o maior dos rios, que corre entre Quillengues e Caconda. No sitio em que tentamos a passagem tinha elle 15 metros de largo por 3 a 4 de fundo, não dando por isso vao. A chuva torrencial da vespera, augmentando-lhe o volume d'agua, tinha tornado impetuosa a corrente.

Uma ponte de finos troncos de arbustos, offerecia uma perigosa e difficil passagem aos homens carregados; mas os bois e os jumentos só a nado podiam passar. Depois de grande trabalho, os bois nadaram para a outra margem; os burros porém recusaram segui-os.

Só a grande custo conseguiu o preto Barros, ajudado de mais dois, fazel-os nadar, nadando ao seu lado, e obrigando-os a tomar pé na outra margem; o que era perigoso por ali abundarem crocodilos.

Depois de uma hora de trabalho, avançamos para E. N. E., encontrando o ribeiro Usserem; ali marquei, a N. N. O., o monte Uba, onde assentam as povoações de Caluqueime. Passamos depois o rio Cacurocáe, que corre a S. S. E. para o Cúe; e meia hora depois o rio Quissengo, que corre a S. E., e vae affluir ao Cúe; acampando na margem d'este ultimo, pelas 4 horas da tarde, junto da povoação de Catonga, onde tem a sua libata um tal Roque Teixeira.

A marcha foi de 30 kilometros. o que muito nos fatigou.

O caminho foi sempre por planicie, onde a altitude varia apenas entre 1:450 e 1:500 metros.

A vegetação arborea apresenta um certo rachitismo; mas a herbacea continua a ser variada e rica.

No dia 6, seguimos sempre a N. E., passando logo o Cúe, em ponte feita pelo gentio. Este ribeiro tem 5 metros de largo, por um de fundo, e corre a S. E. para o Catápi. Alcançamos o Coungi ou Catápi, ás 11 e meia, e acampamos na sua margem esquerda. O Coungé, que a montante toma o nome de Catápi, tinha ali 10 metros de largo por um de fundo, com violenta corrente, e dirigindo-se a S. E. vae lançar-se no Cunene proximo do Lucèque.

N'esse dia matei uma grande gazella (*Cervicapra bohor*), a maior do genero que vi em toda a minha viagem, tão grande que foram precisos 4 homens para a transportar ao campo.

Ao fechar da noite, a cadella ladrou muito, arremettendo com o mato; verificando nós ser contra as hyenas que nos rondavam as barracas, e por noite fóra tivemos musica, um duetto de baixo e contra-baixo, pela voz clara de um leão, na mata, e pela rouquenha de um hippopotamo, no rio.

O aspecto do paiz continua o mesmo. Nas lombadas matas rachiticas, de uma vegetação que mais se pôde chamar arborescente do que arborea, pela maior parte. Leguminosas, nas depressões; vastas clareiras, verdadeiros prados de gramineas diversas, por entre as quaes serpea um ribeiro ou um rio. O terreno continua granitico, apresentando as rochas aspectos variados; mas sendo pouco abundantes em mica.

Continuamos caminho ao N. E., passando junto da libata de Cuassequera, fortificada entre enormes rochedos graniticos, e rodeada de gigantescos sycomoros, produzindo um aspecto muito pittoresco. Depois de passar o ribeiro Lossóla, que corre ao S. para o Catápi, fomos acampar na margem do Nondumba, riacho que, como o antecedente, afflue ao Catápi, mas correndo ao N.

O planalto já é mais elevado, e caminhavamos então n'uma altitude de 1:600 metros.

D'esse ponto seguimos a Caconda, tendo atravessado tres ribeiros, que correm a N. N. O. ao Catápi, e são, por sua ordem, o Chitequi, o Jamba, e o Upanga; encontrando em seguida o Ca-

tápi, que corre a O. S. O., e que já no dia 6 tinhamos atravessado com o nome de Coungé.

No ponto em que o passamos tem 10 metros de largo por um de fundo, e pequena corrente.

Algumas das clareiras que n'esse dia atravessamos eram cobertas de junco, pantanosas e de difficil accesso.

A passagem do rio levou tempo, e os meus companheiros precederam-me na chegada a Caconda.

Alcancei depois d'elles a fortaleza; e foi recebido á porta pelo chefe interino, mulato e rico proprietario do conselho, sargento da guerra preta; o qual me disse, que o chefe tinha ido para Benguella, deixando-lhe a *espiga* de nos receber (textuaes palavras).

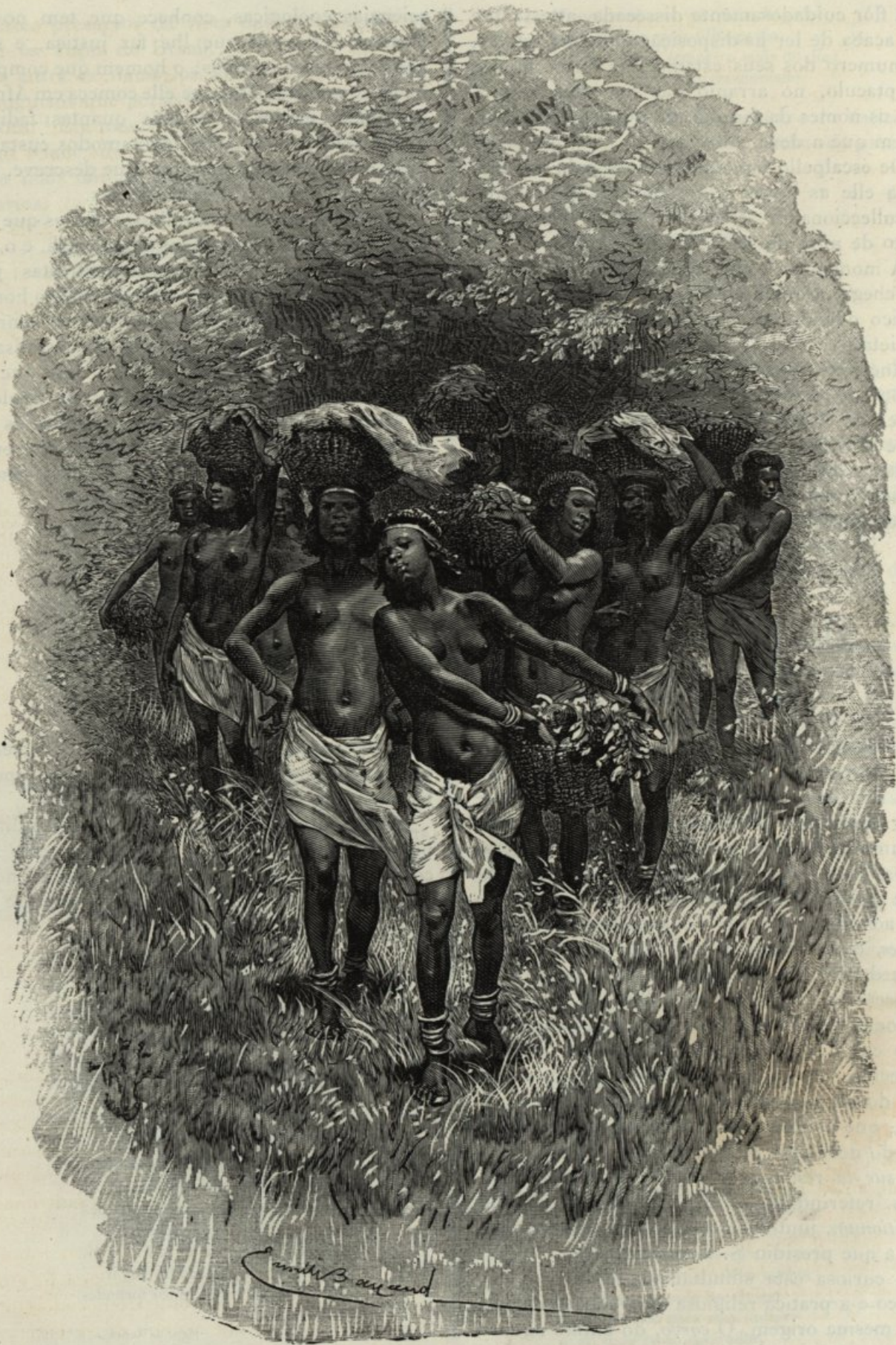
Depois de me ter dito esta amabilidade, o Snr. Matheus convidou-me a entrar na fortaleza. Logo que passei o recinto das fortificações, vi entre os meus companheiros um homem de estatura mais que mediana, aspecto macilento, testa ampla e elevada, olhar pouco fixo, trajando casaca e gravata branca, que o Capello me apresentou, dizendo-me, «aqui tem José d'Anchieta.» Estava diante de mim o primeiro explorador zoologista d'Africa, esse homem que tinha passado 11 annos nos sertões d'Angola, Benguella e Mossamedes, enchendo as vitrinas do museu de Lisboa com valiosissimos exemplares. Tive depois occasião de presenciar o seu viver, que é digno de ser descripto.

Anchieta estava estabelecido nas ruinas de uma egreja, a 200 metros da fortaleza.

A casa no interior era em fórma de T, e toda cercada de estantes, onde haviam de mistura, livros, instrumentos mathematicos, machinas photographicas, telescopios, microscopios, retortas, passaros de mil côres, vidros variados, louça, pão, frascos cheios de liquidos multicolores, estojos de cirurgia, montes de plantas, medicamentos, cartucheiras, roupa, etc. A um canto, um feixe de espingardas e carabinas de diferentes systemas. Junto á casa, um cercado, aprisionando umas vaccas e uns porcos. Á porta algumas pretas e pretos esfolando passaros e preparando mamiferos; e dentro a uma grande mesa, Anchieta, sentado em velha poltrona, que attesta longos serviços.

Sobre a mesa é impossivel dizer o que ha. Pinças, escalpellos e microscopios ha muitos.

De um lado, um monte de bocados de passaros mostra que elle acabou de se entregar ao estudo da anatomia comparada. Em frente d'elle,



BANDO DE RAPARIGAS — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

uma flôr cuidadosamente dissecada, atesta que elle acaba de ler na disposição das suas petalas, no numero dos seus estames, na fôrma do seu receptaculo, no arranjo das sementes, no pistilo, os nomes da familia, do genero e da especie em que a deve collocar.

De escalpello na mão e microscopio no olho, passa elle as horas que pôde tirar ao trabalho de colleccionador, e é já a planta, já a ave, o ponto de mira do seu estudo.

A momentos, é interrompido por um doente que chega, a quem elle dispensa os cuidados de medico quando lhe não dá tambem a gallinha da dieta.

Anchieta professa um respeito sem limites pelo dr. Bocage, director do Museu Zoologico de Lisboa e falla d'elle com essa respeitosa amizade que é difficil encontrar onde não existem estreitos laços do mesmo sangue.

Isso comprehende-se. Anchieta, que tem a consciencia dos serviços que tem prestado ás

sciencias zoologicas, conhece que tem no dr. Bocage o homem que lhe faz justiça, e sabe aquilatar esses serviços; o homem que completa na Europa o trabalho que elle começa em Africa; o homem emfim, que sabe quantas fadigas, quantas febres, quantos incommodos custaram cada um d'esses exemplares, que descreve, descrevendo com elles novas especies.

José d'Anchieta é um d'esses nomes que merece o respeito dos homens de sciencia, e o respeito dos portuguezes seus compatriotas; porque, trabalhador infatigavel, tem sabido honrar o seu paiz, conservando-se elle mesmo honrado e pobre, no meio do vicio e da desmoralisação que lavra nas terras em que vive, e de que poderia tirar proveito se fosse menos escrupuloso.

Basta de fallar d'elle, que não ha elogios que lhe não caibam; fallando mais alto do que eu as suas obras, e o seu nome, ligado para sempre aos seus trabalhos, que não morrem.

(Continúa.)

## SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 11)

**N**AS EGREJAS provinciaes, segundo os antigos costumes dos Pagi, em que se conservaram os ritos do polytheismo, é frequentissimo encontrar-se pendurados pelos muros ou junto dos altares dos Santos, *pernas* de cêra, *braços*, *peitos*, *cabeças*, etc. Diz M. Lejeune: «Sabe-se que os Gregos e os Romanos consagravam aos idolos figuras de pão, tendo a fôrma de *pés*, de *mãos*, de *cabeça* ou de alguma outra parte doente, quer para alcançar a cura, quer em acção de graças por tel-a obtido... Gregorio de Tours refere, que destruindo um templo celebre em Colonia, aí achou diversos objectos offerecidos aos idolos, figuras de muitos membros do corpo humano, esculpturados em madeira, que os doentes suspendiam junto da imagem do deos cujo auxilio invocaram.» (*Recherches sur la résidence des Rois Franks aux Estinnes*, referindo-se ao n.º XXIX do *Indiculus superstitionum*, junto ás actas do Concilio feito em 742, a que presidiu S. Bonifacio.)

É curiosa esta simultaneidade entre o uso magico e a pratica religiosa derivados ambos de uma mesma origem. O *corvo*, do antigo agouro

popular, sanctificou-se na lenda de S. Vicente, e ficou conservado com um inconsciente aspecto fetichista na veneração d'este santo.

Os agouros das aves eram muito familiares na sociedade portugueza do fim do seculo XIII, como se deprehe de varias canções da nossa litteratura provençal. Em uma servente de Pedr'Amigo, se lê:

Maria Balteira, que se queria  
hyr já d'aqui, veo-me preguntar  
se sabia jaqui d'aguyraria,  
cá nam podia mais aqui andar.

.....  
E dixi-lh'eu: Cada que vos deitades  
que esturnudos soedes d'aver?

E disse ella: Dois ey, ben o sabhedes,  
e hün ey quando quero mover...

E dixi-lh'eu: Poys aguyro catades  
das aves vos ar convem a saber,  
vos que tan longa carreira filhades;  
diss'ela: esse vo quer'eu dizer,  
sy ferverha sempre ao sair;  
e dixi-lh'eu: ben podedes vós ir,  
con ferivelha mays nunca tornades.

(Can. da Vaticana, n.º 1:197)

Estes preságios da vista das aves persistem entre os Tupis do Brazil, os Dayakas de Borneo e entre os Maois; os Tartaros observam estes augúrios que persistiram nas mais altas civilizações. <sup>1</sup> Em uma sirvente de Ayras Peres Veyturóm (Canc. da Vaticana, n.º 1:087) acham-se ainda mais minuciosamente determinados estes augúrios:

Poys que don Gomes Çurra querria  
con boas aves ante prender mal  
ca ben con outras, nom lhy dê deus al,  
erg'estes corvos per que s'el fia;  
e con qual corvo el soubesse escolher  
o deixasse mal andante seer  
deus, ca depois en ben tornaria.

Com'el sabe d'agoyria  
se ouvesse bon corvo carnaçal,  
ou cornelha a negra caudal  
e tal e qual xe don Gomez oya,  
o cal lhi deixasse deus perder  
a herdade, o corpo e o aver,  
ca todo x'el depoyz cobraria.

E poys sab'el tod'alegoria  
d'agoyro, quando de sa casa sal,  
se ouves'el huã cornelha tal  
qual x'a don Gomez consinaria;  
con a tal visse a casa arder  
e lhi leixasse deus morte prender  
sen confisson, ca pois s'ar porria.

E con bon corvo foss'el pois caer  
en nojo grav'e ficasse em poder,  
do diabo, ca pois s'oporria.

O *angang* dos selvagens é o prognostico tirado do encontro de certas aves ao sair de casa, tal como se observa no costume consignado na canção acima transcripta. Uma sirvente de Joham Ayras de Santiago verbera esta superstição geral da idade media: (Ibid., n.º 1:078.)

Don Pero Nunes era en tornado  
e ia-se a Santiago albergar,  
e o agouro sol el ben catar,  
cá muytas vezes l'ouv'afaçanhado;  
e indo da cas ao celeyro,  
ouv'hun corvo vorace e faceyro  
de que don Pedro non foy ren pagado.

E poys lo el ouve muyto catado  
diz: D'este corvo non posso escapar,  
que d'el non aja escarnho a tomar,  
con gran perda do que ey gaanhado,  
ou da mayor parte do que ouver,  
per ventura ou do corpo ou da molher,  
segund'eu ey o agoyro provado.

E tornou-se contra seu gasalhado,  
e diz: Amiga, muyt'ey eu gran pesar,  
cá nom me posso de dano guardar,

d'este corvo que vejo tam chegado  
a nossa casa, pois filha perfia,  
e corv'é j'aqui sempre o mais do dia;  
e diz: de noite seas trasffumado.

Na canção 1077 do Cancioneiro da Vaticana, composta pelo mesmo jogral, acha-se outra vez referido o agouro do *angang*:

Hunha dona, nom digu'eu qual,  
nom aguyrou ogano mal;  
polas outavas do natal  
hya por ssa missa oyr,  
e ouv'um corvo carnaçal  
e non quiz da casa sayr...

Na canção 1073 vem o verso: «Mays dizem que ouve *maos agoyros*.» Na tradição popular portugueza ainda se conservam muitas d'estas superstições; taes são: Cantar o gallo sem ser à meia noite é signal de desgraça; ou quando a gallinha cacareja de gallo; o pio das corujas é signal de morte. Compillaremos alguns factos já colligidos por Consiglieri Pedroso:

«É máo ter pombas, e depois deixar de as ter, porque anda a casa para traz. (n.º 4.)

«Quando se está a matar uma gallinha ou qualquer outra ave domestica, e ella tem muitas convulsões sem poder morrer, é porque alguem está com pena. (n.º 5.)

«As gallinhas pretas põem ovos de duas gemas, que tem grande virtude para certas doenças. (n.º 7.)

«No dia de Santa Barbara ao meia dia devem deitar-se algumas gallinhas para tirarem na noite de natal. O gallo que nasceu n'essa noite cantará sempre à meia noite. (13.)

«Quando um gallo canta ao sol posto é signal de morte. (22)

A Canção 601 do Cancioneiro portuguez da Vaticana é preciosissima para o conhecimento do agouro popular das aves; eis os versos do jogral Joham Ayras, burguez de Santiago:

Os que dizem que *vêem bem e mal nas aves*, e d'agoirar preit'am,  
quer en *corvo seestro* quando vam,  
alhur entrar, e digo-lhis eu al,  
que jhesu christo nom me perdon'  
se ant'eu nom queria hun capom  
que hun gram corvo carnaçal.

E o que diz que é muy sabedor  
d'agoyr'e d'aves quand'alhur quer hir,  
quer corvo seestro semp'r ao partir  
e por en digu'eu a nostro senhor,  
que el me dê cada hu chegar  
capon cevado para meu jantar  
e dê o corvo ao agoirador.

<sup>1</sup> Tylor, *Civilisation primitive*, t. 1, 140.

Cá eu bem sey as aves conhecer,  
e com patela gorda mais me praz  
que con bullafre contr'e nen viaraz,  
que me non pode ben nem mal fazer;  
e o agoirador torpe que diz  
que mais val o corvo que a perdiz  
nunca o deus leixe melhor escolher.

No seculo xiv já o ridiculo atacava este uso, que ainda persiste entre o povo sob outras fórmas, como acima notámos, e nas parlendas das crianças.

O cantar do cuco, prognostica quantos annos as raparigas estarão solteiras:

Cuco de Maio.  
Cuco de Aveiro,  
Quantos annos  
Heide estar solteiro?

Cuco da ramalheira (carrasqueira)  
Quantos annos me dás solteira?

Cuco da vidarada (vida airada)  
Quantos annos me dás casada?

Leite de Vasconcellos colligiu estes versos na Maia, Pesqueira, Ervedosa, e aproximou-os do costume francez:

Na *Faune populaire de la France*, por E. Rolland, (t. II, p, 84) tambem se acha este costume com o mesmo retornello:

Coucou des villes.  
Coucou des bois,  
Combé ai-z'y d'annés  
A me maria?

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

## A RUSSIA LIVRE

(Continuado da folha 10)

### XXVII

#### OS GOVERNADORES DE PROVINCIA

A RUSSIA está dividida em provincias ou governos, cada uma administrada por dois funcionarios, um governador e um sub-governador, cuja nomeação é feita pela corôa.

Não ha mais de dez ou doze annos que estes depositarios do poder imperial eram uns pequenos czars que, como os pachás turcos, resolviam todos os negocios segundo o seu capricho, embora, uma vez ou outra fossem demittidos. Encarregado de sustentar a ordem o governador tinha um poder tão terrivel como o da policia; tinha o direito de vêr em cada um dos seus administrados um descontente, um rebelde e de proceder como se a accusação tivesse sido provada ante um tribunal. Em Inglaterra e nos Estados-Unidos, a palavra *suspeito* cahiu judiciariamente em desuso. Aos nossos agentes de policia não é dado o *suspeitarem* d'um ladrão. Devem prendel-o em flagrante ou deixal-o passear livremente. De Calais a Perm, comtudo esta expressão inspira sempre um grande medo, por que em todas as regiões que se estendem desde o Mancha até aos montes Urals, a formula «por ordem su-

perior» é uma força ante a qual desaparecem os direitos do homem e do cidadão.

O governador e o sub-governador d'uma provincia representa o seu senhor soberano; pôde como aquelle, descobrir ou imaginar ter descoberto um homem hostil á Corôa. É possível que se engane. O accusado pôde ser tão leal como o proprio governador; pôde defender-se ante um tribunal que a sua innocencia não o libertará. São vãs as provas, quando a justiça cerra os ouvidos ás queixas do cidadão lesado pelo poder, quando os juizes não têm o direito d'instaurar o processo. «Feito por ordem superior» eis o que se responde victoriosamente a todos os gritos, a todos os protestos. Um infeliz encontrou-se no caminho d'um alto funcionario, foi agarrado por um furacão contra o qual nada o pôde proteger, nem mesmo o principe; e a victima, cahindo aos golpes d'um governador cego pela ignorancia ou pela paixão, não tem outro partido a tomar senão resignar-se ás decisões d'uma vontade que a seus olhos deve ser o interprete da vontade do proprio Deus.

Os homens a quem assim era permitido o usar e abusar do poder formavam uma grande legião. A Russia está dividida em quarenta e nove provincias, não contando o reino da Polonia, o grã-ducado da Finlandia, a Siberia, os



EGREJA S. VASSALI, NA PRAÇA VERMELHA, EM MOSCOW — Desenho de Thiernd, segundo uma photographia



Khanatos e os principados do Caucaso. N'estas quarenta e nove provincias os governadores, a seu bello prazer, prendiam quem queriam por qualquer suspeita. Este terrivel privilegio tinha ainda mais extensão em certas circumscripções territoriaes, do que nos districtos essencialmente russos. O numero dos que podiam prender um cidadão em nome d'uma razão d'Estado, condemnal-o á deportação sem o ouvir, não era inferior a duzentos.

A princeza V..., creatura muito formosa, rica e espirituosa, vivia em Podolia estimada por todos os que a conheciam, admirada por todos os homens da provincia. Um d'elles amava-a e era amado. Era digno d'ella e já os dois haviam fixado a epocha para o seu casamento, quando um acontecimento lhes veio ennuvear a felicidade. Uma semana antes do dia em que o casamento devia ser celebrado apresentou-se em casa do noivo um official de policia, intimando-o a que abandonasse Pultava, onde vivia, e que fosse residir para Perm. Arrancado de casa no mesmo instante foi levado á repartição central da policia, onde lhe deram os passaportes e o fizeram subir para um carro que marchou escoltado por dois soldados. A viagem durou trinta dias.

Durante dois ou tres mezes, em Pultava não se soube o que tinha acontecido ao noivo. Ao principio só, perdido n'aquella região em que ninguem conhecia, passou horas muito amargas. Depois, na cidade designada para a sua residencia, encontrou um amigo e graças a esse acaso o exilio foi mais suavemente supportado. Na côrte achou um defensor, o senado, posto que muito prudentemente, interveio em seu favor e dois annos depois o perseguidor consentiu em descer os tentaculos em que envolvera a sua presa. Mas se á victima foi permittido o abandonar o logar d'exilio foi-lhe prohibido o ir viver para a sua terra natal.

A princeza conservara-se fiel ao noivo. Emquanto este estivera exilado em Perm ella continuara a viver em Podolia; logo que elle obteve licença para viver em S. Petersburgo foi ter com elle. Foi ahi que se casaram e que tive occasião de os encontrar. As perseguições não lançaram nuvem alguma sobre a sua reputação. Podem ir para onde quizerem, exceptuando o voltar para Podolia. Poder algum no mundo, a não ser o que enviou pera o exilo o esposo, lhe pôde dar esse consentimento. E na occasião em que estou escrevendo estas linhas, o que soffreu tan-

tos vexames, nem mesmo sabe o crime que lhe imputam.

Em futuro proximo este despotismo asiatico terá desaparecido; com vista intelligente o imperador sonda o caminho que deve percorrer. Os governos da provincia foram avisados para que usem com moderação dos seus direitos. Hoje já se não exila ninguem a não ser por grande crime e depois de vir ordem de S. Petersburgo.

Antes que os funcionarios publicos tivessem adquirido a convicção de que um poder vigilante lhes pediria contas dos seus actos teve logar uma aventura, cuja narrativa dá ideia completa dos abusos que hoje não são commettidos, graças a uma prudente perseverança.

O joven conde de X... tinha, ao sair do collegio, sido mandado na qualidade de vice-governador para uma cidade meridional. Amador de cavallos e cães, de boas ceias e de vinhos escolhidos, achava os honorarios do seu cargo bem inferiores ás suas immensas necessidades. Portanto creava por todos os meios esse genero particular de receita a que os officiaes russos chamam *vzielka*. As suas cavallariças estavam sempre cheias de magnificos cavallos e os seus hospedes eram numerosos. Mas uma casa elegante, cavallariças bem providas, uma rica sala de jogo costumam cada anno uma grande quantidade de rublos. Elle tinha sorte ao jogo, mesmo mais sorte do que é permittido a jogador escrupuloso, diziam os que perdiam, e comtudo não conseguia equilibrar a sua receita com a sua despeza.

O recebedor da cidade era um certo André Ivanovitch Gorr, um filho d'um camponoz, que, depois de ter feito excellentes estudos, entrara na carreira burocratica; graças ás suas maneiras submissas, á sua paciente deferencia pelos superiores, á sua honradez, chegara á posição que occupava.

O conde X... chamou a sua casa André Gorr e com um ar desleixado pediu-lhe que pagasse uma pequena divida. André inclinou-se e esperou pelo dinheiro. O conde mandou-o embora com um signal, mas, vendo que o não comprehendiam, disse:

«Sim, sim, pague essa divida, saldaremos contas depois do meio dia.»

André deu o dinheiro, mas ainda não tinham passado oito dias, recebera uma outra ordem para pagar uma nova divida. Todas as semanas ia adiantando fundos com a submissão que de-



via ao seu chefe, mas não sem uma perturbação interior, pois que a si proprio perguntava, se era legitimo pagar despezas pessoas com os dinheiros publicos.

Duas ou tres vezes o conde fallou em repôr na caixa o que por ordem sua tirara e fixou mesmo o dia para a restituição. Comtudo a divida do governador ao cofre ia sempre augmentando. Os rendimentos da provincia só serviam para pagar as despezas pessoas do vice-governador.

André Gorr sentia-se perdido. Approximava-se o dia em que os inspectores imperiaes deviam examinar os livros e verificar o dinheiro existente em caixa. Sentia-se perdido por que o cofre estava a seu cargo e não podia esperar que o conde pagasse a enorme divida contrahida. Por conselho de sua mulher, a quem elle no seu desespero tudo confessara, foi procurar o vice-governador e pedir-lhe que entrasse em cofre com as quantias em divida.

«É na proxima semana que veem os inspectores, disse o conde... Pois muito bem. Tudo estará em ordem. Vou mandar um proprio ao intendente das minhas propriedades. Dentro de cinco dias estará aqui com o dinheiro preciso. Faça uma conta corrente das minhas dividas ao cofre e traga-m'a com o recibo.»

No fim da semana chegaram os inspectores; não eram esperados tão cedo e, querendo partir depressa, disseram que no dia seguinte ás dez horas dariam o balanço. André correu ao palacio, onde encontrou o governador na sala das audiencias, rodeado pelos seus secretarios.

«Ah, é o senhor, disse elle, sorrindo-se agradavelmente para o recebedor inquieto; o proprio já chegou com o dinheiro; traga-me esta noite ás dez horas a conta corrente e o recibo e receberá o dinheiro.»

André á hora aprasada appareceu.

«Muito bem, disse o vice-governador, lançando um olhar sobre os documentos, a conta está exacta: quinze mil e setecentos rublos. Vejamos o recibo. Sim está perfeitamente redigido. O senhor, meu caro Gorr, merece ser promovido. Talentos como o seu estão deslocados n'uma cidade de provincia. O senhor devia ser ministro. Faz favor de chamar o meu criado?»

O criado entrou.

«Diga á senhora se pôde aqui chegar.» O criado sahiu. Emquanto esperava, o conde entreteve a sua visita com uma conversação tão viva e espirituosa que o tempo passou depressa.

O conde conservava nas mãos os documentos da divida.

Por fim André, reparando que o relógio marcava perto de onze horas, perguntou se o criado não vinha.

«Tem razão! exclamou o governador levantando-se, devia ter trazido ha muito a resposta. Onde estará aquelle patife? Quem sabe se adormeceu na escada.»

Sahiu do quarto para ir chamar o criado e fechou a porta dizendo:

«Espere um instante, vou eu mesmo procurar-o.»

André estremeceu. Vira que o conde levára comsigo não só a conta corrente, mas tambem o recibo. Á maneira que os minutos iam passando, a sua inquietação tornava-se maior. Os olhos percorriam o quarto, escutava os menores ruidos. A sua cabeça estava incandescente, o coração parecia querer saltar-lhe do peito. Abriu a porta e aproximou-se do corredor; o silencio que enchia a casa, parecia-lhe ser o silencio do tumulo.

Deu meia noite.

Saindo do seu espanto bateu violentamente com a porta e chamou do alto da escada; ninguém lhe respondeu. Louco de dor, resolvido a tudo affrontar, percorreu precipitadamente as sombrias galerias e por fim encontrou um homem embrulhado n'um manto de pelles.

«Diga-me, onde é o quarto do governador?» Disse André com ares ferozes.

O criado esfregou os olhos. «O quarto do governador?»

«Sim, diga, vamos, depressa!»

O criado levou-o para o quarto que André acabava de deixar.

«Fique ahi, vou chamal-o.»

Pouco depois o criado veio dizer que o conde estava na cama!

«Na cama! exclamou o recebedor, é impossivel. Vá lá outra vez, diga-lhe que o estou esperando.»

—Mas se elle está a dormir e por cousa nenhuma eu o acordaria.

—É indispensavel que o acorde. Não posso sahir sem lhe ter fallado. É para serviço do czar, não ha um minuto a perder.»

Ao ouvir o nome do czar, o criado disse que ia fazer uma nova tentativa. No fim d'uma hora, hora de mortal agonia para André, voltou a dizer que o seu amo não podia receber ninguém. E que se o recebedor queria com elle

fallar de negocios que viesse em outra occasião.

Fôra de si, André dirigiu-se para o quarto do conde, onde o barulho attraheu uma duzia de criados.

«Que barulho é este? perguntou com voz irritada o governador, levantando-se a meio na cama.

«Dê-me o meu dinheiro! exclamou André furioso.

— Dinheiro! replicou o conde, fingindo-se surprehendido. Mas de que dinheiro falla?

— D'aquelle que tiramos dos cofres da provincia.

— Que tiramos dos cofres? Nós? Que nós é esse? Que dinheiro! Vá deitar-se, o senhor está a sonhar.

— Dê-me o meu recibo!

— Pobre homem! disse o conde com fingida compaixão. Levem-o para casa e recommendem



MOSTEIRO DE SIMEONOF, EM MOSCOW — Desenho de J. Moynet, tirado do natural

à mulher que o não deixe andar assim a correr a cidade por horas mortas. Pôde cahir ao rio. Não o abandonem. Tenham cuidado em que lhe não succeda algum mal.

O governador depoz novamente a cabeça no travesseiro, os criados inclinaram-se respeitosa-mente.

Assim posto fôra, o desgraçado sentiu que o desespero se apoderava d'elle. O conde, tinha elle visto, não recuava ante uma infamia. Se mesmo André confessasse a sua falta aos inspectores e lhe contasse como a sua obediencia passiva o tinha levado a faltar aos seus deveres, o

author da sua ruina apresentaria o recibo para provar que as quantias tiradas do cofre tinham sido por elle repostas.

Entrou no seu escriptorio, assentou-se e, depois de ter examinado mais uma vez os seus papeis e os seus livros para verificar se os acontecimentos d'essa noite não eram um sonho, escreveu a narrativa minuciosa de tudo o que se passára.

A mulher, afflicta com tão grande demora e sabendo que elle estava occupado com as suas contas, apesar da hora adiantada da noite, dirigiu-se para o escriptorio. A noite estava escura,